

A ARQUEOLOGIA DA ÁREA DA MINA DOIS IRMÃOS, EM SÃO MATEUS DO SUL, PARANÁ

Igor Chmyz
Eliane Maria Sganzerla
Jonas Elias Volcov
Eloi Bora
Roseli S. Ceccon

RESUMO: Esta monografia descreve os procedimentos de campo adotados durante as pesquisas de salvamento realizadas na área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul, no Estado do Paraná, a ser explorada pela Unidade de Industrialização do Xisto da Petrobras. Descreve, também, a metodologia utilizada em laboratório para o estudo das evidências arqueológicas recuperadas nos assentamentos indígenas pertencentes às tradições Itararé e Tupiguarani. Com base em datações radiométricas, que situam a Tradição Itararé entre 1150 e 920 AP e a Tradição Tupiguarani entre 490 e 440 AP, são estabelecidas comparações com outras ocorrências do médio rio Iguaçu.

Palavras-chave: Salvamento Arqueológico; Arqueologia do Vale do Rio Iguaçu; Tradições Itararé e Tupiguarani; Datações Radiométricas.

INTRODUÇÃO

A implantação da Mina Dois Irmãos no município paranaense de São Mateus do Sul, entre as coordenadas UTM: X= 554000, Y= 7144500, sob a responsabilidade da Petróleo Brasileiro S.A (Petrobras), causaria impactos irreversíveis ao patrimônio arqueológico nele existente.

Considerando-se que a obra afetaria áreas ainda não conhecidas arqueologicamente no Estado do Paraná e, em atendimento às leis federais, estaduais e municipais de proteção a esse patrimônio, primeiramente um projeto para fins de diagnóstico sobre a presença desse patrimônio na área impactada foi estruturado e executado na área.

Solicitado pela empresa MRS Estudos Ambientais Ltda., o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (CEPA/UFPR), realizou, em outubro de 2005, trabalhos de

pesquisas para a averiguação do potencial arqueológico nos trechos a serem impactados. Essas atividades foram autorizadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através da Portaria Nº 305, publicada no Diário Oficial da União Nº 215 (Seção 1) de 09 de novembro de 2005.

Em campo, durante cinco dias prejudicados por chuvas, foram localizados 11 pontos com indícios de ocupação humana pretérita e outros 4, representados por depressões na superfície do terreno, que poderiam a ela ser atribuídos. Os lugares apresentavam dimensões e profundidades de refugio variadas, indicando padrões de implantação diferenciados (Fig. 1).

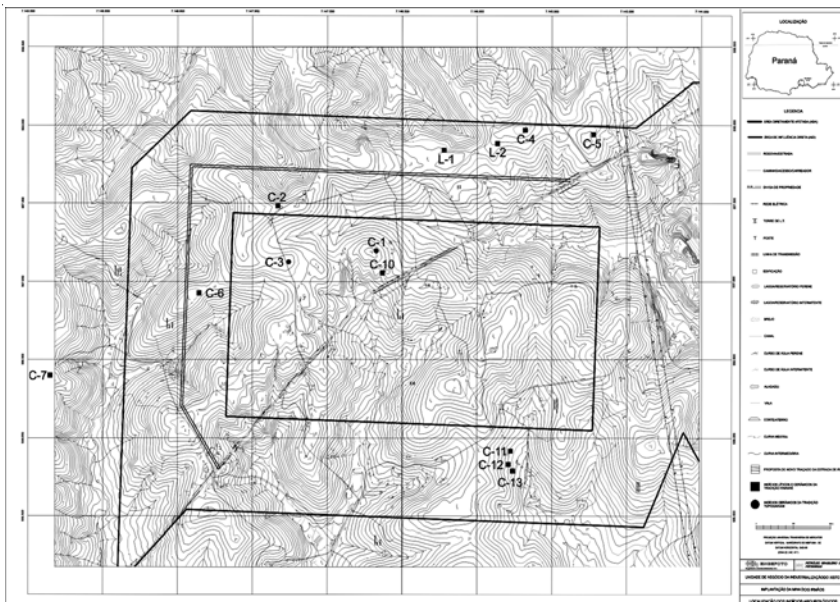


Figura 1. Localização dos indícios arqueológicos registrados pelos trabalhos de constatação de patrimônio arqueológico.

Pequena amostra de material arqueológico foi recolhida na maioria desses locais para a caracterização cultural dos grupos indígenas que ocuparam a área. Esse acervo foi depositado nas dependências do CEPA/UFPR.

Os dados obtidos pelos trabalhos de constatação representaram as primeiras informações sobre a arqueologia do espaço em pauta. Os resultados alcançados ressaltaram o potencial dessa área para o estudo arqueológico, bem como os impactos danosos que seriam causados pelas obras projetadas, com a perda total ou parcial desse patrimônio.

Tornava-se, portanto, imprescindível a implantação de um programa de resgate, como medida mitigadora mais eficaz, visando a compensação pela destruição física dos bens arqueológicos. Este deveria cobrir, além dos pontos de ocorrência já descritos, outros que porventura viessem a surgir em decorrência dos trabalhos, uma vez que toda a área deveria ser detalhadamente prospeccionada e estudada.

Negociações foram então mantidas entre a Petrobras e o CEPAR/UFPR, para a estruturação e execução de um Projeto de Salvamento Arqueológico que contemplasse as exigências legais. Este foi criado através da assinatura do Contrato Nº 1450.0028205.06.2 entre a PETROBRAS/UFPR/FUNPAR (Fundação da Universidade Federal do Paraná para o Desenvolvimento da Ciência, da Tecnologia e da Cultura), em 06 de julho de 2007, estando sua execução sob a responsabilidade do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná.

A primeira atividade relacionada ao Projeto, de acordo com a Cláusula 2, artigo 2.2.10 e o Anexo Nº 1 do Contrato assinado, que trata das especificações dos serviços a serem realizados, foi o encaminhamento, em 19 de julho de 2007, do pedido de concessão de pesquisa arqueológica junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Sua autorização foi concedida por meio da Portaria Nº 226 de 10 de agosto do mesmo ano.

Considerando-se as características do trabalho e, para que este contemplasse todo o espaço afetado abrangendo integralmente as atividades de campo e as subseqüentes de laboratório, foi calculado para este Projeto de Salvamento, um período de trabalho compreendido em 18 meses, sendo 4 meses dedicados às etapas de campo e, os demais, às atividades laboratoriais.

O Projeto de Salvamento Arqueológico na área da implantação da Mina Dois Irmãos foi registrado no Banpesq da Universidade Federal do Paraná, com o Nº 2007021932, como atividade docente.

A presente monografia expõe os resultados do Projeto de Salvamento Arqueológico efetuado.

Sob a coordenação do Prof. Igor Chmyz, contou com a participação dos pesquisadores: Eliane Maria Sganzerla, Jonas Elias Volcov, Eloi Bora e Roseli S. Ceccon. Em laboratório, das atividades de limpeza, marcação e preparação do material arqueológico, participaram os estagiários Daniel Augusto Arpelau Orta e alunos da disciplina Arqueologia do Paraná. Daniel Orta colaborou, ainda, na montagem de figuras de peças arqueológicas.

Na etapa de averiguação do potencial arqueológico, a equipe contou com a colaboração do estagiário Emerson da Cruz Rocha.

AMBIENTE

Ocupando uma área com 1.334,52km², o Município de São Mateus do Sul, onde está inserida a Mina Dois Irmãos, situa-se no Segundo Planalto Paranaense. Apresenta clima subtropical úmido, mesotérmico, com distribuição uniforme de chuvas e temperaturas médias em torno de 15° a 18°C, com ocorrência de geadas severas e ocasionais no inverno classificando-se, segundo Koeppen, na zona climática Cfb.

Localizada na bacia do rio Iguaçu, a região é coberta por mata pluvial-subtropical, com mata de araucária, capões e matas ciliares de córregos e rios, além de matas secundárias nos declives. *“A região das araucárias principia no primeiro planalto, imediatamente a oeste da serra do Mar, estendendo-se também pelos segundo e terceiro planaltos do estado do Paraná.”* (MAACK, 1968:219).

Em relação ao uso do solo, atualmente, além de agricultura diversificada e pecuária, cultiva-se erva-mate.

Nascendo nas proximidades da Serra do Mar, o rio Iguaçu, com 1.200km de extensão e uma bacia de 70.799km², dos quais 57.329km² situam-se em território paranaense, mostra-se geologicamente antigo, cruzando duas escarpas em vales de ruptura. Com uma trajetória no sentido NE-SW até o Município de União da Vitória e depois W até a sua foz na margem esquerda do rio Paraná apresenta, no primeiro planalto, *“...meandros de curvaturas amplas com águas antigas e com extensas várzeas.”* (MAACK, 1968:281) em virtude de pequena queda. Sua linha de queda inicia na Escarpa Devoniana do segundo planalto, nas proximidades do Município de Engenheiro Bley, onde ocorrem extensas corredeiras. Adiante do Município de Porto Amazonas, seu curso mostra-se novamente com meandros até a Serra da Boa Esperança, formadora da Escarpa Mesozóica do terceiro planalto.

Entre suas nascentes até a Serra da Boa Esperança, tem como principal afluente o rio Negro, seguindo-se o rio Potinga e, seu curso, apresenta-se navegável em um trecho com 239km situado entre as cidades de Porto Amazonas e União da Vitória. A partir da Serra da Boa Esperança mostra-se rejuvenescido, com inúmeras corredeiras e cachoeiras, correspondendo a primeira à cachoeira de Caiaganga, situada logo acima de Porto Amazonas e, a última, às Cataratas do Iguaçu.

REFERÊNCIAS ETNO-HISTÓRICAS

Os Antecessores

No espaço estudado e áreas adjacentes informações etno-históricas, assim como abordagens arqueológicas executadas, registraram a presença de grupos indígenas relacionados ao tronco lingüístico Macro-Jê, representados pelos Kaingáng e Xoklêng, e os Tupi-Guarani, referentes ao Tronco Tupi (Fig. 2).

Ceramistas, caçadores, coletores e horticultores, habitavam a região anteriormente à ocupação europeia.

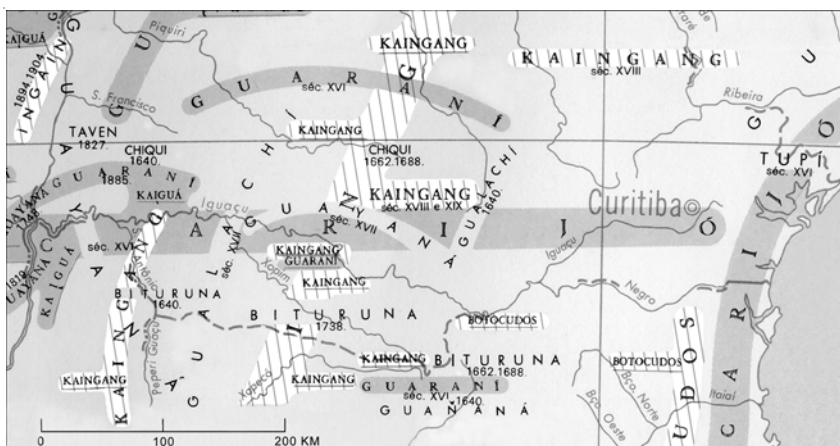


Figura 2. Localização dos grupos tribais relacionados ao Tronco Macro-Jê (espaços hachurados) e ao Tupi (espaços sombreados), entre o sul do Paraná e o norte de Santa Catarina (Fonte: IBGE, 1981).

Os Kaingáng, conhecidos no passado como Coroados, constituíam grupos seminomades, com economia de subsistência baseada na caça, pesca, coleta e agricultura incipiente. Dominavam espaços situados entre o atual Estado de São Paulo e o Rio Grande do Sul, estendendo-se até Misiones, na Argentina.

No Paraná ocuparam os três planaltos que o constituem, estabelecendo-se nas proximidades de grandes rios e seus afluentes, como o Paranapanema, Tibagi, Itararé, Paraná, Iguaçu, Piquiri e Ivaí. Ocuparam, ainda, partes do litoral.

Fisicamente, segundo descrição de Telemaco Borba, (PARANÁ, 1900:333), eram bem formados, com cabeça grande e testa e pescoço curtos. Seus olhos eram pequenos e oblíquos, a boca grande e os lábios grossos. As mãos e os pés pequenos, com dedos finos. De feições grosseiras, cor baça, estatura regular, com peitos largos e cheios de corpo, arrancavam, “...tanto os homens como as mulheres todos os pêlos do corpo, inclusive as sobrancelhas e as pestanas, e trazem os cabelos da cabeça raspados como os frades, com uma larga coroa no

centro.” Descrição similar é fornecida por Afonso Botelho em seu relato datado de 1771, quando de seu primeiro encontro com indígenas habitantes da região dos Campos de Guarapuava (PARANÁ, 1900:60): “...e o mais velho teria 50 annos, os cabelos compridos de hũ palmo pouco mais ou menos cortados por diante bem redondos, e dous com coroas no próprio lugar q^o os nossos clérigos atem redondas, pouco maiores q^o a dos minoritas; as sobranceiras rapadas todas em geral: as barbas tecidas hũas mais, outras menos, e perguntando-lhes porq^o as não rapavão, ou trazião como nós responderão por acenos não terem com que.”

Habitualmente andavam nus. Os homens portavam apenas cordéis de fibras na cintura e nas pernas e, as mulheres, tangas que as cobriam da cintura até os joelhos. Na época do frio vestiam panos grosso feitos com fibras de urtiga brava chamados *Kurú-cuxá*. Neles, eram comuns desenhos em vermelho ou preto representando machados, facões e flechas esquematizados. Afonso Botelho (PARANÁ, 1900:60) descreve-os nus, vestindo um tipo de camisa “...trazião seu modo de camisas, sem mangas, e estas mesmas sendo m.^{to} curtas, arregaçada de sorte q^o se lhe via todo o corpo da cintura p.^a baixo; dous trazião bordoens na mão (...), e os mais com arcos e frexas...”.

Habitantes de terrenos preferencialmente altos e frios, cobertos por vegetação de campos e matas mistas com pinheiros, para sua alimentação, além da caça, pescavam com auxílio de paris, coletavam pinhões, mel, frutas e praticavam horticultura básica, cultivando abóboras, feijão e, preferencialmente milho. Segundo frei Luiz de Cemitille (PARANÁ, 1900:321): “Sustentam se de caça, peixe, mel e fructas: plantam algum milho e feijão. Do milho fazem uma espécie de pão, para o que o põem de molho na água até apodrecer, e depois o socam no pilão, ou o amassam com as mãos e cuspo, fabricando uma roda de bom tamanho para assarem-na em baixo da cinza...”.

Para implantação de suas roças, as quais eram feitas pelas mulheres, escolhiam áreas com mata menos densa, onde quebravam as árvores pequenas com cacete que, depois de secas, eram queimadas. As sementes eram primeiramente umedecidas na boca e depositadas em valas abertas com cavadeiras de pau.

Para as caçadas reuniam-se em grupos de 10 a 20 indivíduos. Morta a caça, quando de grande porte, assavam-na abrindo no chão uma cova de tamanho proporcional ao do animal abatido. Colocavam fogo dentro da cova e bastante lenha, esperando até que a madeira se transformasse em brasas. Depositavam então, sobre elas, grande quantidade de pedras e mais lenha até que as pedras atingissem alta temperatura, tornando-se de coloração avermelhada. Nesse momento,

a cova era forrada com folhas de palmeira, sobre as quais colocavam a carne com o couro. Esta era coberta com folhas de palmeira e terra, permanecendo nessa espécie de forno um dia. Quando aberto, a carne encontrava-se preparada e pronta para consumo. A caça miúda era assada sobre braseiros ou em pequenos giraus e, às vezes, cozida ou moqueada.

Suas habitações, de acordo com Cemitille (PARANÁ, 1900:320), eram cobertas com folhas de palmeira de diferentes tamanhos *“...conforme o numero dos indivíduos, e quase sempre assente em collinas, á distancia de duzentos a trezentos metros da água.”*

São descritas tanto como toldos isolados, como formando conjuntos deles, configurando-se uma aldeia. Situavam-se estas, comumente, nas proximidades de grandes roças de milho. Muitas se ligavam por pequenas trilhas: *“Na primeira expedição de Botelho e sua comitiva militar, foram localizadas outras muitas aldeias intercomunicáveis por estreitas trilhas que serviriam também aos desbravadores. Essas muitas aldeias abandonadas apresentavam vestígios de roças antigas em meio a capões de mato.”* (BECKER, 1999:62).

Suas cabanas, conforme descrição de Telemaco Borba (1905:53-62), tinham cerca de 25 a 30m de comprimento. Eram construídas e cobertas com folhas de palmeira. Sem divisão interna, possuíam apenas uma pequena abertura em cada extremidade, as quais serviam de porta. Loureiro Fernandes (1941:171), em seu estudo sobre os Kaingáng de Palmas, descreve em seu interior, por toda a extensão do rancho, a presença de fogueiras em um espaço de três a quatro palmos de largura. Segundo o pesquisador, ao longo delas dormiam homens e mulheres, com os pés voltados para o fogo. Essas habitações, quando muito sujas e, infestadas de piolhos e pulgas, eram queimadas. Esse comportamento já tinha sido observado por Cemitille em 1879, no Aldeamento de São Jerônimo: *“As cabanas em que moram servem até ficarem inhabitaveis por causa da imundície, tanto interna como externa; acham que é mais fácil queimar a velha e construir uma nova do que terem o trabalho de afugentar os bichos de pés e as pulgas que os atormentam, ou fazer a limpeza necessária para destruir estes insetos;...”*. (PARANÁ, 1900:326).

Construíam, em acampamentos temporários, abrigos *“...formados em geral por um anteparo retangular cujo arcabouço é feito de galhos mais ou menos retos revestidos exteriormente com folhas de palmeiras. Verdadeira parede que é apoiada na parte superior sobre estacas de modo a ficar bem inclinada, como uma meia água de telhado que entrasse em contato com o solo em sua porção inferior.”* (FERNANDES, 1941:169).

Polígamos, as moças casavam jovens, entre 11 e 12 anos, e os rapazes entre 18 e 20 anos, sendo respeitados os graus de parentesco. A poligamia estava relacionada ao desempenho e valentia do rapaz, tendo os mais destemidos, maior número de mulheres. Este era conhecido como *Tremani*, ou seja: valente e forte.

Separadas em metades exógamas e patrilineares, as tribos Kaingáng eram subdivididas, por sua vez, em dois grupos distintos designados, no Estado do Paraná, como Kadnhyerú, Kamé, Votoro e Aniky. Dentro de sua metade, cada grupo, com pinturas diferenciadas no rosto que os identificava dentro da sociedade, obedecia a uma hierarquia distinta, de acordo com seu prestígio social. Dessa forma, *“Os Votôros apresentam pequenos círculos no meio da testa, e outro do mesmo tamanho e às vezes não completamente fechado, em cada bochecha. Os Kadnhyerú tem nos mesmos lugares um ponto grosso apenas. Os Aniky tem ao lado de cada olho dois riscos curtos paralelos começando nos ângulos externos dos olhos e passando horizontalmente em direção à têmpora, dois riscos de cada bochecha, e um curto risco horizontal ao lado de cada canto da boca. Os Kamé não ostentam senão um risco vertical em cada bochecha.”* (BALDUS, 1937:45-46).

Em suas festividades, nas danças, os grupos tomavam posição de acordo com as metades a que pertenciam. De acordo com registro de Telemaco Borba, nas festas utilizavam buzinas feitas de chifres de boi, troncos ocos de embaúbas e porongos com grãos de milho ou pedrinhas em seu interior. Usavam, ainda, flautas e apitos de taquara.

Além de reuniões com caráter festivo, representava papel importante na vida tribal a Festa dos Mortos ou *Veingréinyã*, relacionada à cultura espiritual. Essa festa congregava todos os elementos da vida social Kaingáng, pois nela, além das homenagens ao morto, as crianças ficavam sabendo, através do pai, a qual metade pertenciam e o significado e importância de seu nome (BECKER, 1999:222).

Quando doente algum componente da tribo, junto a ele era colocado braseiro com ervas. Cemitille descreve as práticas medicinais constatadas em São Jerônimo: *“Quando algum delles cahe doente, apertam-lhe o corpo inteiro com cordas de imbê, deitam embaixo do leito desde a cabeça até o grosso das pernas umas hervas sobre brazas para produzirem grossa fumaça. Sentam-se então de um lado as pessoas encarregadas de applicarem os remedios, e do outro um homem ou mulher (dos mais velhos), que continuamente assopre em diferentes partes do corpo do enfermo...”*. (PARANÁ, 1900:325). Essa mesma prática foi descrita por Telemaco Borba em 1882.

Constatada a morte do enfermo, imediatamente era sepultado, obedecendo-se a um cerimonial, também descrito por Cemitille

(PARANÁ, 1900:325): *“...indo o cadáver envolto em um panno (curú) e seguro com amarrilhas. Chegado ao seu destino, abrem uma cova que mede sempre 7 palmos de comprimento, 3 de largura e 4 de fundo, tendo para esse serviço uma bitola exacta, forram essa cova com folhas de palmeira e metade da casca de arvore que servia de cama ao fallecido, e depois com grande cuidado o depozitam na sepultura com a cara para o poente, servindo de travesseiro os seus curús e pennas. A’ direita collacam todas as suas armas e um tição de fogo acceso; cobrem depois com paus que alcançam de um a outro lado da sepultura, em cima dos quaes põem a outra metade da casca de sua cama para evitarem que caia terra sobre o corpo; tapam todos os orificios com folhas de palmito e enchem a sepultura com terra que vão depositando até a altura de 10 a 12 palmos, dando-lhe fórma cônica.”*

Telemaco Borba observou o mesmo procedimento, mas salienta que *“Para as creanças que morrem não constroem pyramides e somente as enterram em covas rasas.”* (PARANÁ, 1900:339).

Encerrado o sepultamento, período de luto era respeitado, ficando as mulheres do morto isoladas em rancho separado durante oito dias, lamentando-o três vezes ao dia.

Tradicionalmente, nesse período, a festa era preparada pelos demais membros do grupo. Após o contato com o branco, essa festa passou a ser realizada em comum, na época em que o milho e os pinhões estivessem maduros.

A cerimônia fúnebre era convocada pelo toque de uma buzina e iniciava com a reunião da tribo na casa dos parentes do morto. Os indígenas, nessa ocasião, pintavam seus rostos de preto, com os grafismos referentes à sua metade.

Em seu cotidiano, os trabalhos na aldeia obedeciam à divisão entre os sexos, competindo às mulheres a tecelagem, a cestaria e a confecção de recipientes cerâmicos. Aos homens, o preparo das armas, a caça e a pesca.

Suas armas consistiam no arco, confeccionado com pau de guaiuva e enleados em cipó imbê, flechas, lanças e cacetes de madeira dura. *“As flechas tinham dois metros de comprimento, com pontas de osso e/ou madeira, algumas em forma de virote, e hastes pintadas. As pontas utilizadas na pesca eram barbeladas num dos lados; as de osso eram obtidas pela fragmentação da tíbia de pequenos mamíferos, principalmente de macaco e bugio.”* (CHMYZ, 1981:10). Com o contato com o europeu incorporaram o uso de pontas de ferro em suas flechas e lanças.

Seus utensílios, descritos por Afonso Botelho em 1772, ao deparar com uma habitação consistiam em *“...hú dos ranxos tinha de comprimento*

25 passos, e oito de largo; e ahí acharão vários trastes de uso dos Índios de panellas, porongos, pratos, caracaxases; linho em estrigas da qual fazem seus panos (...), três coxos grandes bem feitos, q.^o bem poderá levar sete alqueires de milho p.^a sima cada hû, balaios e cestos bem tapados e bem feitos rebocados por dentro e por fora com cera, q.^o se suoem ser para traserem agoa das fontes, cristaes finos, q.^o os partirão sobre outras pedras para sua navalhas,... (PARANÁ, 1900:72).

Cemittile e Borba referem-se também ao uso de panelas de cerâmica e gomos de taquaruçu que eram usados como copos, porongos, balaios, cestas com tampas e revestidas com cera utilizadas para transporte de água, jacás para o trabalho com pinhão e paris usados para captura de peixes, assim como pinças de madeira que eram utilizadas para mexer em pedras ou brasas quentes e, para retirar pinhões das fogueiras e espetos de madeira dura para assar carnes. O uso dos espetos é descrito por Afonso Botelho (PARANÁ, 1900:63): *“...e offerecerão-me do Pinhão, q.^o ali estava a assar ao fogo, tirarão hu com a mão; descascarão e comerão dizendo-me fissesse o mesmo, e outro pegou em huma atanás de tacoara, mostrando o uso q.^o deveria ter, dá para tirar o pinhão do fogo e descascalos...”*.

De pedra, faziam pilões e machados, utilizando pequenas lascas como instrumentos cortantes.

Os recipientes cerâmicos, gradualmente substituídos por panelas de ferro, são citados vagamente como grandes panelas de barro por Cemittile (PARANÁ, 1900:325): *“Para prepararem as bebidas destinadas a essa festa mettem o milho e o pinhão juntamente com a água em grandes panellas de barro, e perto do fogo os moem com os dentes...”*. Borba (PARANÁ, 1900:341) descreve-os da mesma forma: *“Depois socam o milho e o depositam em grandes vasos de barro (cocrén), perto do fogo brando,...”*.

Loureiro Fernandes (1941:190) em seu trabalho sobre os Kaingáng de Palmas refere-se à sua produção, através de relatos de índios mais velhos que ainda conservavam lembrança de mulheres confeccionando-as. Segundo o autor, primeiramente eram escolhidas variedades de barro nas barrancas dos rios, as quais eram em seguida misturadas e amassadas. Depois a argila era trabalhada tomando a forma de roletes, os quais eram sobrepostos, tomando a vasilha a forma desejada, sendo predominantes as esféricas com pescoço circunscrito e borda ligeiramente extrovertida e tigelas. Para regularização de sua superfície usavam as mãos ou pedaços de porongos ou pedras conservando, mais comumente, as suas faces lisas. Depois de secas, quando eram expostas ao sol, mas abrigadas do vento, eram levadas aos arredores de fogueiras, quando adquiriam a coloração escura pela

ação da fumaça. Somente após esse processo eram colocadas em covas abertas no solo e cobertas com galhos, sobre as quais se mantinha uma fogueira até a sua queima completa.

Seus adornos eram confeccionados com frutos silvestres, dentes de animais e penas.

Não conhecendo técnicas para a fabricação de canoas, não entendiam de navegação. O banho, no entanto, era rotineiro, apesar de, segundo Borba (1900:342), serem pouco nadadores.

Os Xoklém, conhecidos também como Bugre, Botocudo, Aweikoma e Xokrén fazem parte do Tronco Macro-Jê, mas apesar de estarem filiados à mesma família lingüística, mostram diferenciações culturais dos Kaingáng, principalmente no que se refere à organização social, rituais de passagem, mitologia e à maneira de enterrar seus mortos.

Pesquisadores como Henry (1941), que estudou os Xoklém como sendo Kaingáng, observou que as tribos que falavam dialetos Kaingáng diferiam na linguagem e na cultura. Da mesma forma Baldus (1937 e 1952), também não aceitou haver identidade cultural entre os dois grupos tribais. Hicks (1966), através da análise de informações etnográficas, corroborou a opinião destes pesquisadores, afirmando que correspondiam a grupos tribais distintos.

No século XIX ocupavam as terras do interior do sul do Brasil e também as porções litorâneas. Na época da conquista, três grupos dominavam esses espaços: *“um deles vivia no centro do território catarinense, tendo como área de ação principal o médio e o alto vale do Itajaí; o segundo ocupava as cabeceiras do Rio Negro, na atual fronteira de Santa Catarina com o Paraná; o terceiro dominava o sul, com base nos vales do Capivari e Tubarão.”* (SANTOS, 1973:32-33). Outros autores situam-nos mais amplamente, até o vale do rio Piquiri, no oeste do Paraná (RIVET; LOUKOTKA, 1952:1.122). Eram encontrados nos municípios de Tibagi e Rio Negro entre 1882 e 1884, de acordo com relato de Jacques Ourique, chefe da Comissão Mista de Descriminação de Terras e Limites.

Conforme Ermelino de Leão (s.d.:69), entretanto, já em 1863 os Botocudos ou Bugres realizavam ataques a agricultores instalados entre a vila do Príncipe (Lapa) e a do Rio Negro. Na localidade de Mato Preto, então quarteirão da primeira vila e atualmente distrito do Município de Antônio Olinto, os índios incendiaram a casa e os paióis de Francisco Vaz Lanhoso. Em continuidade, atacaram outras pequenas propriedades agrícolas dos arredores. Em nenhuma dessas ocasiões colonos foram mortos.

Mortes ocorreram três anos mais tarde, a sudoeste de Rio Negro, em território posteriormente anexado a Santa Catarina. O ataque dos índios foi em represália às agressões a eles cometidas por colonos. A atração dos índios foi tentada na seqüência, por Joaquim Francisco Lopes. A atuação desse destacado sertanista será comentada adiante, tendo em vista o grande volume de informações resultantes.

Até o início do século XX os índios continuaram presentes na região, lutando pela sua sobrevivência. Durante o percurso feito pelo rio Iguaçu, desde Porto Amazonas até Porto da União da Vitória, em 1896, o Presidente da Província do Paraná, Alfredo de Escagnole Taunay (1887:168 e 173), colheu informações sobre a presença de Bugres nas suas margens. As referências procederam de localidades situadas a meio caminho entre São Mateus do Sul e União da Vitória. A primeira, no Chapéu de Sol, hoje no Município de Paulo Frontin, dizia respeito a conflitos ocorridos no ano anterior entre os índios e moradores ribeirinhos e, a segunda, no lugar conhecido como Escadas, abaixo da foz do rio Potinga, onde o autor ouviu sinais por eles transmitidos na mata por meio de buzinas. Coincidentemente, foi nesse espaço que os viajantes a bordo do vapor Cruzeiro constataram a maior diversidade e abundância de animais silvestres, terrestres e alados.

Entre 1895 e 1905, conforme Cleto da Silva (1933:66 e 88), os Botocudos se confrontavam com agricultores nas proximidades de União da Vitória e nas margens do rio Timbó, afluente da margem esquerda do rio Iguaçu, em Santa Catarina.

Cleto da Silva (1933:33) menciona ataques desfechados por índios Botocudos a tropeiros que, entre 1877 e 1879, transportavam para Palmas as cargas trazidas por canoas e lanchas de Porto Amazonas. De São Mateus do Sul até o Emboque da Serra, as escaramuças aconteciam quando os tropeiros tinham que atravessar a cerrada mata.

Representando grupos nômades, a sua economia extrativista e de caça, embora também praticassem agricultura de subsistência, levava-os a grandes movimentações, sendo a sua presença registrada historicamente em pontos distantes de suas origens.

Os homens são descritos como de estatura mediana, bem formados e, as mulheres, de pequena estatura, mas com grande força muscular, sendo responsáveis pelo transporte das tralhas domésticas e das crianças, quando em mudanças de acampamentos. De pele escura e cabelos negros, grossos e lisos, usavam-no “...tosado na testa em forma de semi-circulo até a região parietal, de onde o raspam em ângulo agudo em direcção á orelha. Atrás é o cabelo longo, sendo aparado acima dos hombros...”. (PAULA, 1924:122). Segundo Jacques Ourique

(PARANÁ, 1900:353), fisicamente os Botocudos diferenciavam-se bastante dos demais indígenas encontrados em Santa Catarina e Paraná, com os quais viviam em beligerância.

Os homens andavam nus. Usavam feixes trançados de fios escuros confeccionados com cipó-imbé, e claros, feitos com fibras de palmeira, às vezes enfeitados com plumas coloridas de aves. Nesses feixes era presa a glândula. Eram colocados, também, acima dos tornozelos. Usavam botoques como emblema tribal. Ainda pequeno, o índio tinha seu lábio inferior perfurado, onde era introduzido um tembetá. Este inicialmente era pequeno, mas à medida que o menino crescia, era substituído por outro maior. A perfuração era acompanhada por uma festa onde se reunia toda a tribo. Segundo Paula (1924:126), nos jovens, como distintivo de guerreiro, era tatuado sobre o braço dois pontos em sentido horizontal. À medida que se mostravam mais valentes, recebiam mais duas tatuagens semelhantes.

As mulheres confeccionavam, com fibras de urtiga brava, grandes mantas. Estas as cobriam desde abaixo dos seios até os joelhos. No inverno eram utilizadas como cobertores. Como ornamentos, as mulheres usavam colares feitos de sementes ou dentes de animais. Quando meninas recebiam duas incisões abaixo da patela esquerda, que segundo informações obtidas por Santos (1973:214), era para fortalecer as pernas para caminhar.

A tribo, formada por diversos grupos compostos por 50 até 300 pessoas, em razão de seu próprio nomadismo mudava de lugar freqüentemente, sendo o acampamento assinalado pelo lugar onde a mulher depositava a tralha doméstica e acendia a fogueira, em torno da qual todos dormiam.

Seus ranchos eram construídos com varas finas, colocadas uma ao lado das outras e a pouca distância. Eram vergadas em forma de arco e, suas pontas, presas em uma vara horizontal, a qual era fixada em árvores. De forma abobadada, era coberta com folhas de coqueiro, caeté ou xaxim. Deixavam, entretanto, um vão lateral com cerca de 1 metro de altura aberto, por onde visualizavam as áreas situadas atrás do rancho.

Quando permaneciam maior espaço de tempo em um local, como no período de coleta de pinhão, o qual compreendia os meses de abril, maio e junho, ou de festas *“...constroem seus ranchos com mais perfeição e capricho, em maior tamanho, ligando as coberturas de dois ranchos fronteiros, de modo que as varas arcadas de cada rancho não fiquem ligadas a uma vara horizontal, mas umas às outras, formando então uma abóbada perfeita. Nestes grandes ranchos habitam vários casais pertencentes à mesma família, tendo para si cada casal o seu fogo (...).”*

(PAULA, 1924:122). Mantinham, assim como nos abrigos menores, uma parte aberta lateralmente.

Paula (1924:124) menciona, como proteção dos acampamentos, a construção de trincheiras que, em caso de perigo, eram guardadas durante o dia e a noite.

Associadas aos Xolkéng também estão estruturas subterrâneas que poderiam ter sido utilizadas como habitações, depósitos, ou até mesmo armadilhas ou fojos para caça ou defesa contra ataques de grupos rivais.

Os fojos são descritos por Paula (1924:123-124) em sua Memória sobre os Botocudos: *“Guarnecem as imediações dos seus acampamentos, quando suspeitam uma possível agressão, excavando profundos fojos até dois metros e mais crivados de agudíssimos estrepes nas paredes, e fixando ainda, no centro, uma lança. (...) É tal a arte com que disfarçam estes fojos por meio de frágeis varinhas, que são cobertas com folhagem, que aos próprios índios não é possível reconhecê-los sem prévia ciência.”*

Ouriques (PARANÁ, 1900:356-357), a eles se refere ao descrever o encontro de uma trilha, a qual conduzia a um rancho *“(...) De subito o da frente pisou terreno falso e cahiu n’um fojo; os dous immediatos, por um movimento instintivo, recuaram sobre os da retaguarda e sahindo da trilha, lateralmente, cada um para seu lado, cahiram também em outros dous fojos.”*

Esse episódio aconteceu durante uma investigação conduzida por autoridades da localidade paranaense de Rio Negro, em 1866, logo depois de um ataque de represália desfechado pelos Botocudos a tropeiros acampados no Passo Ruim da Estrada da Mata. Os sete componentes da tropa foram mortos quando, no entardecer, preparavam a refeição. As bordunas utilizadas no ataque foram deixadas sobre os corpos desnudos. Os índios retiraram-se para a Serra do Espigão, levando os objetos metálicos, inclusive as ferragens dos arreios, e os sacos esvaziados de sua carga de sal e açúcar. Objetivando alcançar os índios, a comitiva do subdelegado embrenhou-se na mata. Depois de um dia de caminhada, seguindo por estreita trilha, divisaram uma clareira com cabanas construídas recentemente. Ao se aproximarem da clareira, três dos homens mais adiantados caíram em fojos, ferindo-se gravemente nos estrepes. Após o incidente, o grupo regressou a Rio Negro sem ter avistado os índios.

Para averiguar a ocorrência, o Presidente da Província do Paraná designou, em 1868, o experiente sertanista Joaquim Francisco Lopes. Na Memória que publicou em 1871 (p. 12), Lopes, laconicamente menciona que *“...Entranhei-me no sertão, descobri fojos e emboscadas que destruí (...) Levantei planta das mattas percorridas e apresentei descrição destas excursões”*.

As correspondências e relatórios produzidos ou alimentados por Lopes em 1868, hoje conservados no Arquivo Público do Paraná, reúnem importantes informações sobre padrões de habitação dos Botocudos e de seus sistemas defensivos, de grande valia para o entendimento de estruturas arqueológicas subterrâneas que não encerram evidências de terem servido de habitações e de algumas estruturas lineares na superfície do terreno.

Saindo de Rio Negro com auxiliares fornecidos a contragosto pelo subdelegado local, o sertanista percorreu a Estrada da Mata até Passo Ruim, atoleiro situado na margem esquerda do rio São João. Depois seguiu a leste, ultrapassando a Serra do Espigão e chegando ao vale do rio Itajaí.

Ao regressar, Lopes transmitiu ao subdelegado de Rio Negro os resultados da sua excursão, o qual os repassou para o Governo Provincial, em 7 de março de 1868. Ele informou que no trajeto foram encontradas, interligadas por caminhos, vinte aldeias abandonadas. As aldeias eram formadas por 10 a 19 grandes ranchos que comportariam muitas famílias. Na última aldeia, constatou “...*uma fortaleza feita de madeira com muita solidez; era um parapeito de ambos os lados do trilho, e adiante deste parapeito existe nove fojos, grandes buracos contendo no fundo muitos páos apontados e em cima é coberto com atterro falso sobre o qual plantão ervas e outros mattos...*”.

Tendo três homens da comitiva caído nos fojos e sofrido graves ferimentos, Lopes determina o retorno; os retirantes, transportando os acidentados em redes, levaram dez dias para atingir os campos situados ao norte do Espigão do Cabeça Seca.

Ao comentar o sistema defensivo da aldeia, Lopes atribuiu a sua organização a “...*algum Brasileiro foragido ou algum índio civilizado de alguns aldeamentos...*”. (APPR, 279.6. 71-73), pois não concebia que os Botocudos fossem capazes de tal engenhosidade.

Quando encaminhou relatório a José Feliciano Horta de Araujo, Presidente da Província do Paraná, em 17 de abril de 1868, Lopes forneceu dados complementares das suas constatações. Informou que as armadilhas (fojos) tinham “...*15 palmos [3,30m] de profundidade e 20 [4,40m] de circunferencia eriçadas de estacas lanças e espetos (...)* a direita estão duas trincheiras de madeira de pinho e a terra proveniente das escavações dos fojos...”. (APPR, 281.8. 273-277).

Verificando marcas deixadas pelos índios em troncos de árvores e abelheiras, concluiu que os golpes haviam sido desferidos por machados de pedra.

Ao relatório o sertanista anexou dois mapas da área percorrida, dos quais reproduzimos o mais detalhado, destacando a disposição dos fojos (Fig. 3).

Era intenção de Lopes a realização de uma aproximação com os

Botocudos, pois, para atraí-los durante a excursão, deixava presentes (missangas e objetos metálicos) nas aldeias abandonadas. Não chegou a fazer contato direto, mas com eles trocou palavras na mata, palavras não entendidas por ambas as partes.

Prevendo futuros enfrentamentos com os índios que estavam “...se alojando na margem do rio Tajahy...”, Lopes sugeriu ao Presidente da Província que “...o lugar de faxinaes de avencal, pinhaes aguas de ribeirão S. Lourenço e campinas (...) ser apropriado para a plantação de uma roça afirm de alli reunir os índios, desviando-os da linha da estrada da Matta e da adjacencia das colonias que se projetão fundar.” (APPR, 281.8. 273-277).

Em 1876 foi criado pelo governo provincial do Paraná o Aldeamento Indígena de São Thomaz de Papanduva ao sul da Estrada da Mata, em território posteriormente anexado à Santa Catarina. Joaquim Francisco Lopes foi encarregado de administrá-lo, porém, devido à carência de recursos, a obra de atração dos Botocudos não teve continuidade.



Figura 3. Mapa elaborado por Joaquim Francisco Lopes em 1868, com a localização de fojos. Em destaque à esquerda, a área com fojos (Fonte: LOPES, APPR, 1868).

Representando parte importante da alimentação dos indígenas, a caça era realizada por pequenos grupos formados por parentes como irmãos, pais, filhos. Assavam a carne em fornos constituídos por largo buraco na terra preenchido com pedras, sobre as quais era acesso fogo.

Quando as pedras atingiam alta temperatura, o fogo era retirado e as pedras cobertas com folhas e pedaços de madeira, em cima das quais era colocada a carne. Essa era coberta com folhas de palmeira e o buraco fechado com terra.

Para a caça de pássaros utilizavam virotes, ocasionando a morte pelo choque.

Pinhões, frutas, mel e larvas complementavam a sua dieta alimentar. Na tarefa de coleta todos participavam, sendo o período de maior fartura aquele compreendido entre abril e junho, na época em que o pinhão estava maduro. Em virtude de sua abundância, eram armazenados em balaies forrados com folhas de xaxim e amarrados com cipó. Estes então eram mergulhados em pequenos córregos. Serviam como ancoras aos balaies, pequenas pedras amarradas aos cipós.

Bebidas fermentadas eram fabricadas com base no mel, água e xaxim. Eram preparadas por ocasião da festa de furação dos lábios dos meninos e, também, segundo informações, “(...) após o ritual de cremação, os índios faziam uma festa, durante a qual cortavam o cabelo da viúva.” (SANTOS, 1973:212).

Caçadores e guerreiros utilizavam lanças e arcos confeccionados em madeira cabiúna e flechas com ponta de madeira ou osso que, quando destinada à caça era farpada unilateralmente. Após o contato com o branco passaram a confeccionar pontas de flecha e lança, facas, raspadores e outros instrumentos com o ferro obtido, o qual era malhado frio, com duras pedras. Usavam, também, clavas ou bordunas com 1,50m de comprimento. Estas tinham cabo roliço e, na parte restante, talhada em losango crescente, quinas pontiagudas.

Em relação à tralha doméstica, seus vasilhames eram obtidos através da cestaria e da cerâmica. Os balaies podiam ser utilizados não somente para guardar e transportar alimentos ou objetos; quando impermeabilizados com cera de abelha, serviam para a guarda de líquidos. Faixas trançadas também eram confeccionadas e serviam tanto para apoiar um balaio às costas, como para transportar crianças. “Os seus grandes cestos, ‘Kan-nha’, para carga, bem como os menores, encerados, para água e os pequenos, também encerados, para diversos fins, são todos trançados de taquara mansa (...). Servem-se dos cestos maiores, encerados, para o transporte do mel e da água (...). Os cestos pequenos, também impermeáveis, servem-lhes como vasilhas, espécie de canecas, para água e para tomar ‘mong-ma’, por ocasião de suas festas.” (PAULA, 1924:125). Paula refere-se, também, ao uso de grandes pinças de taquaruçu ou de madeira rija, com as quais tiravam alimentos do fogo ou de panelas.

Os recipientes cerâmicos eram de tamanho reduzido e de coloração

preta. *“Usavam, antigamente, vários objetos feitos de barro cosido, taes como panellas de vários tamanhos e feitos e pequenos vasos de diferentes fôrmas, que lhes serviam para o preparo e cosimento de suas bebidas.”* (PAULA, 1924:127).

Após o contato com o branco, gradativamente esses recipientes foram sendo substituídos por panelas de ferro. Santos (1973:214), descreve a confecção de vasilhas de acordo com informações obtidas em 1967, através da índia *locô Aiú*: *“as panelas são feitas com barro misturado com carvão. O barro é bem amassado e limpo. Depois de moldada, a peça fica secando uma semana, mais ou menos. A seguir, faz-se a queima numa fogueira ao ar livre. A peça é envolvida num musgo [bromélia], chamado barba de pau. Durante a queima a mulher ‘reza’ pedindo que a panela não se quebre.”*

Para a fermentação de bebidas construíam grandes cochos. Primeiramente escolhiam grossos troncos de cedro que eram derrubados e cortados em pedaços com 1,50m a 2m de comprimento. A seguir abriam uma fenda longitudinal de 18 a 20cm de largura, através da qual escavavam todo o seu interior com o auxílio de formões de pedra e fogo, deixando-o completamente oco. Deixavam as paredes laterais com 3 a 4cm de espessura e, as pontas limítrofes com 8 a 10cm.

Em relação aos seus mortos, era comum a prática de cremação. Apenas as crianças pequenas eram enterradas. Nesse ritual, *“conjuntamente com o guerreiro são queimados todas as suas armas e demais utensílios de uso pessoal. Incinerado o corpo, recolhem, no sol seguinte, as cinzas, que depositam em um buraco redondo, previamente forrado com cascas e folhas de árvores, sendo então tampado com terra e sobre a qual collocam rachões de madeira, construindo, por cima de tudo, um rancho (...).”* (PAULA, 1924:126).

Polígamos, os Xoklêng respeitavam somente as ligações consanguíneas entre pais e filhos. No período dos primeiros contatos com o branco, viviam em um contexto cultural alterado mantendo, portanto, somente os princípios sociais indispensáveis.

Os grupos relacionados à família lingüística Tupi-Guarani ocupavam, na época das primeiras expedições exploratórias e de conquista, o antigo território do Guayrá, além do espaço situado entre os rios Tietê e Iguaçu e a região entre o rio Uruguai e a Lagoa dos Patos. Estavam, também, entre os rios Uruguai e Paraná, até o rio Miranda ao norte e, nas ilhas do rio Paraná até o rio Tigre, ao sul.

Constituindo um grupo macrofamiliar unido pelo parentesco, eram polígamos, com linhagem patrilinear e residência matrilocal.

Suas aldeias eram compostas por grandes casas comunais com

capacidade para abrigar de 10 a 60 famílias. Essas tinham base quadrangular e apresentavam cobertura de sapé que, descendo até o chão formava frontões. Schaden (1974:26) descreve essa construção de acordo com informações obtidas de chefe religioso *“Comprimento: cerca de 18; largura 8m. Frontões e oitões cobertos de sapé. A casa consiste, pois, em quatro faces de cobertura, que fecham todos os lados, estendendo-se a cumeeira em sentido norte-sul. Três entradas: uma a leste, outra ao norte e a terceira ao sul. Em frente, isto é, para leste, estende-se grande pátio, como terreiro de dança, de talvez 500 metros quadrados. No interior: quatro grandes vigas transversais, duas à direita e duas à esquerda da entrada principal, repousando sobre as vigas longitudinais, contra as quais se apóiam as ripas da parede-cobertura fincadas no solo. Do lado oposto à entrada principal, um ‘altar’, armação de madeira, diante do qual se realiza parte das danças religiosas.”*

Seminomades, caçadores e coletores praticavam também horticultura rudimentar. Preparando as roças através do sistema de coivara, cultivavam principalmente o milho, com o qual fabricavam a chicha (bebida fermentada), a mandioca e o fumo, o qual mascavam e carregavam em pequena cuia atada à cintura. Associado a ele está o uso de cachimbos feitos de barro ou nó de pinho.

Para a caça, usavam armadilhas de juçana e laços, além de arcos e flechas, algumas com ponta rombuda para não ficar presa nas árvores. *“Os arcos, de corte biconvexo, tem encordamento de embira e enfeite de trançado de tipo mbopará (taquara e imbé) em padrões tradicionais; as flechas, com pontas de osso de bugio (káiguasú) ou de brejaúba, a madeira preta (...) são desprovidas de farpas, mas ostentam emplumação comum.”* (SCHADEN, 1974:77).

Para a pesca utilizavam covos de taquara, anzóis, arcos e flechas e armadilhas, além da pesca com timbó.

Ceramistas, produziam recipientes onde armazenavam líquidos, farinhas e demais alimentos. Fabricavam desde grandes vasilhas, até peças pequenas e rasas. De formatos ovais, elípticos, esféricos, em semi-esfera, perfiformes e carenados, correspondiam a vasos, pratos, terrinas, jarros, etc.

Segundo Hans Staden (1892:340) *“As mulheres fabricam os vasos do modo seguinte. Formam com barro uma espécie de massa, a que dão a forma desejada; sabem mui bem colorir. Deixam estes vasos secar por algum tempo, os põem depois em cima de pedras, cobrem com lenha, e assim os deixam no fogo até ficarem rubros; então axam-se suficientemente cozidos.”*

Confeccionados através da superposição de cordéis de pasta e queimados em fogueiras, com a colocação das peças diretamente sobre

o braseiro, os vasilhames poderiam conservar a superfície externa simplesmente alisada ou receber decoração plástica com motivos diferenciados como corrugações, unguiações, ponteados, incisões, engobo vermelho, serrungulações, etc. Alguns recipientes tinham a face externa escovada, permanecendo as estrias, comumente finas e paralelas entre si, na superfície. Outras recebiam pinturas policromas, com linhas em vermelho ou preto sobre uma base branca ou, mais raramente, linhas pretas ou brancas sobre engobo vermelho.

Os motivos decorativos, principalmente a pintura, formavam complexos padrões geométricos ou abstratos delineados por linhas ou traços paralelos distribuídos em zonas delimitadas. Era comum também, a associação de técnicas decorativas em um mesmo recipiente, assim como a alternância de espaços decorados com outros sem decoração.

As grandes urnas eram utilizadas, também, para enterramentos, os quais podiam ser acompanhados por oferendas depositadas em vasilhas pequenas.

Profundamente arraigado na alma Guarani era o sentimento da morte. Não manifestavam medo da morte, mas dos mortos, que podiam colocar em perigo as almas dos parentes vivos. Suas práticas rituais tinham como objetivo assegurar a separação da alma do corpo morto e, o luto representava um meio para o reequilíbrio emocional da comunidade. Usualmente enterravam seus mortos em urnas, muitas vezes depositadas dentro das habitações.

Na cultura Guarani, a religião permanecia em mãos dos homens e, a iniciação dos meninos apresentava significado religioso. Era realizada através de cerimônia coletiva antecedida por um período de resguardo onde os meninos aprendiam a confeccionar cestas de carregar, peneiras, a construir armadilhas, etc, e representava a entrada de nova etapa na vida, quando estes atingiam a puberdade. Tinha como ponto culminante a perfuração do seu lábio inferior. O tembetá era feito de resina, medindo geralmente de 8 a 15cm de comprimento. Semelhante a âmbar amarelo era retirada do *tembetá-y*, que em português significa pau de vidro. *“Para fazer o tembetá, dão-se talhos em forma de losango na casca do pau de vidro, prendendo por baixo dela um tubo fino de takuary (taquara apropriada por ter os gomos bem compridos), na qual a resina escorre por uns dois dias. Daí a um ou dois dias, endurecida a resina, racha-se a taquara, alisa-se o tembetá com lixa-do-mato (...) afina-se a ponta inferior com faca, lasca de pedra ou caco de vidro, e coloca-se na parte superior um botão da mesma resina.”* (SCHADEN, 1974:93).

As meninas, por sua vez, quando da primeira menstruação tinham os cabelos cortados em forma circular ou totalmente raspados.

Obedecendo a dieta alimentar rigorosa, ficavam em reclusão absoluta em um cubículo da cabana do pai, no qual não entrava luz. Nesse período a menina dedicava-se a aprender habilidades domésticas como fiar, trançar redes, preparar comida, etc.

Como indumentária segundo Schaden (1974:31-32), “*são três as peças principais da indumentária tradicional masculina dos Kayová: o txiripá, o txumbé e o ponchito. Todas elas são feitas de fio de algodão (mandydjú inimbó), produzido pelos próprios índios.*” O *txiripá* consistia em um pano de forma retangular, provido de franjas em três lados, com o qual cobriam-se da cintura até abaixo dos joelhos. Uma forma alternativa desta peça era o *tambéaó*, que era de menor tamanho. O *txiripá* era preso na cintura e apertado pelo *txumbé*. Tinham, ainda, um cinto ornamentado chamado *kúákuahá*, usado em rituais. O *ponchito* correspondia a um poncho pequeno usado sobre os ombros. As mulheres usavam o *tupái* e a *váta*. O primeiro assemelhava-se ao *txiripá*. Tinha aproximadamente o mesmo comprimento, era fechado por meio de costura lateral e usado em torno da cintura, como uma saia. A *vatá* era como uma blusa com mangas, que as cobria até a altura da cintura.

Os Sucessores

A primeira expedição organizada para explorar o interior do atual território paranaense e que deveria alcançar o rio Iguaçu data de 1531, quando Francisco Chaves e Pero Lobo foram enviados por Martim Afonso de Souza à procura de ouro e prata. A expedição, no entanto, foi trucidada por índios entre os rios Paraná e Iguaçu. Dez anos depois nova expedição, dessa vez comandada por Álvaro Nuñez Cabeza de Vacca que se dirigia ao Paraguai, atravessou o rio Iguaçu na região de Tindiquera (Araucária), passou pelos Campos de Curitiba e os Campos Gerais, atingindo os rios Tibagi, Piquiri e novamente o Iguaçu. Para esse trajeto utilizou o caminho indígena do Peabiru e seus ramais. De sua viagem são as primeiras informações sobre a bacia do rio Iguaçu. Escrito por Pêro Hernández, do relatório constam aspectos geográficos do vale e notícias sobre as tribos Guaraní que o habitavam, inclusive com a localização de algumas aldeias.

No século seguinte a região foi percorrida por bandeiras paulistas (Fernão Dias Paes e Francisco Bueno) que se dirigiam ao Tape, no Rio Grande do Sul, para destruição de reduções jesuíticas e captura de índios e, pela de Manoel de Lemos Conde em 1679, a qual objetivava a localização de minas de prata.

De pequena importância para o reconhecimento do território paranaense atravessaram, no entanto, o vale do Ribeira, transpuseram os Campos Gerais na altura das nascentes do rio Tibagi, direcionando-se

para o sul do rio Iguaçu.

Permanecendo no esquecimento, o território paranaense foi novamente explorado a partir do século XVIII quando novas expedições foram organizadas e permitiram o reconhecimento, principalmente, dos primeiro e segundo planaltos, assim como o início de sua colonização.

Datam desse período as expedições militares de conquista organizadas por Afonso Botelho, que permitiram também o reconhecimento dos sistemas fluviais e da constituição geológica do território paranaense. Os objetivos principais eram a exploração dos rios Ivaí, Piquiri e Iguaçu, assim como as regiões de matas e campos do terceiro planalto conhecidas como “Sertões do Tibagi”.

Delas resultaram informações diretas sobre o vale do rio Iguaçu. A primeira expedição, sob o comando do tenente Domingos Lopes Cascais, saiu em 1768, descendo 70 léguas o rio Iguaçu. Ao atingir o boqueirão do rio na Serra da Boa Esperança, a expedição prosseguiu por terra até atingir novamente trecho navegável do rio. Em seu relatório constam dados sobre a primeira porção de seu curso e seus principais afluentes.

Em 1769 três expedições seguiram o curso do rio Iguaçu. Uma sob o comando de Bruno da Costa Filgueiras desceu o rio Iguaçu desde Caiacanga, subiu o rio Potinga, seu afluente da margem direita e, depois o rio Braço do Potinga. Alcançando a sua nascente, deram continuidade por terra, passando a Serra da Boa Esperança à procura dos Campos de Guarapuava.

Outra foi comandada pelo capitão Antonio Silveira Peixoto. Percorreu todo o curso do rio Iguaçu, até a sua foz, fundando Porto da Vitória ao pé da Serra da Esperança, onde permaneceu a maior parte de sua expedição. A *“...expedição entrou pello mesmo Rio do registo [Iguaçu] aos 16 de outubro de 69. - Comandante O capitam Antonio da Silveira Peixoto Alferes de Auxiliares da villa de Pernagua com gente de lá em duas esquadras que constão de 85 praças. A primeira partio aos 17 de Novembro Com Sette Canoas Comandada pello ditto Capitam. A segunda aos 28 do ditto mês Comandada pello Tenente da mesma Companhia Manoel Telles Vitancour Com 9 Canoas. Tendo chegado o ditto Capitam a barra do Rio Pitinga seguiu a Esquadra de Bruno da Costa (...). Por seguir o ditto Capitam o seu descobrimento tornando a navegar pello Rio do Registo até o primeiro Salto aonde deo principio a estabelecerse, chamando aquella paragem Porto de Nossa Senhora da Victoria, e pondo em recadação todo o trem da sua expedição deixando ali a maior parte da gente Entregou ao tenente da mesma Companhia Manoel Telles com 20 e tantos Camaradas.”* (PARANÁ, 1900:18).

A terceira foi comandada por Francisco José Monteiro. Saiu de

Caiacanga até o porto das Capivaras. Deste ponto em diante, o sargento Cândido Xavier de Almeida e Souza continuou por terra rumo ao norte, descobrindo os Campos de Guarapuava, de onde retornou ao se deparar com índios. Saindo de uma picada marginal ao longo do rio Iguaçu, a expedição encontrou rancho e plantações de milho e feijão, de acordo com relato do comandante da expedição: *“Aos 10, logo pelas 9 horas do dia chegou o dito Sargento com a feliz notícia de que em meyo dia de picada sahio no campo, achou nelle grandes rossas do Gentio, de milho, feijão, abóbras e todo o genero; entrou em hum Payiol onde tudo estava empilhado em sestos grandes; acharão duas pilhas de pontas de flechas de páu que estavão ao sól a enchugar-se, porém em nada tocarão, como levarão ordem.* (FRANCO, 1943:49) (Fig. 4).

Chegando ao Porto das Capivaras, Cândido Xavier enviou nova expedição aos Campos de Guarapuava onde levantou a fortificação de Nossa Senhora do Carmo, mas nela permaneceu pouco tempo pela falta de recursos e ataques constantes dos indígenas.

Em 1771, Cândido Xavier e Afonso Botelho regressaram aos Campos de Guarapuava. Para atingi-los abriram uma picada na mata com o auxílio do tenente Felipe de Santiago que, com reforço de pessoal, embarcou no Porto de Nossa Senhora da Conceição e navegou pelo rio Iguaçu até o Porto de Nossa Senhora da Vitória, direcionando-se desse ponto aos Campos de Guarapuava. Alcançados os campos, tiveram início uma série de expedições exploratórias objetivando a construção de uma fortaleza. Sofrendo ataques por parte dos índios, no entanto, em 1772 retornaram ao Porto de Nossa Senhora da Conceição de Cayacanga. *“No dia 9 se retirarão do abarracamento do rio Jordão por o lugar ser m.^{to} arriscado as traiçoens dos Indios, (...) No dia 10 assentou-se se retirassem do Campo antes do gentio tomar a entrada do matto, visto não haver mantim^{tos}, gente nem cavallos, p^a poderem aly prezistir...”.* (PARANÁ, 1900:51). As expedições organizadas por Afonso Botelho se depararam com grupos indígenas denominados por ele como de nação *Xuelan* e trilharam caminhos abertos pelos índios, como é relatado em seu diário: *“...chegamos a hũ Campo digo Capão cuja distancia ao Porto será de sinco Legoas ao pé ao qual se achou hũa trilha de gente, e dahy a pouco hũ caminho, q.^o terá hũ palmo de largo bem seguido...”.* (PARANÁ, 1900:57). Prossequindo seu relato, Botelho descreve o encontro de roças e ranchos: *“...avistamos em hũ alto hũ grande ranxo do gentio, onde chegando, achamos deserto de poucos dias; e nelle forão vistas varias alcofas ou sestinhas emq^e elles tem guardado seus pobres trastes (...) panellas, porongos (...); nas fontes circumvizinhas lagos de Pinhoens e outros viveres de q.^o se costumão sustentar...”.* (PARANÁ, 1900:57).

se instalado. *Em suas expedições exploratórias, “Localizaram também alojamentos indígenas e grandes roças de milho. As habitações, formadas por três ranchos grandes e quatro pequenos, estavam dispostas em linha reta. Esse conjunto de ranchos acomodava cerca de 400 pessoas. No interior das cabanas encontraram machados de pedra, porungos, cestinhos, tintas de várias cores, mãos-de-pilão, colares de dentes de animais, peles, caracachás, arcos e flechas. Entretanto, sendo hostilizados pelos índios, retiraram-se da região, regressando ao acampamento da Esperança, ponto de partida da expedição.”* (CHMYZ, 1981:7) (Fig. 5).



Figura 5. Retorno da comitiva de Afonso Botelho após encontro com índios Jê nos Campos de Guarapuava (Fonte: BNP PARIBAS, 2003:78).

As diversas expedições exploratórias ao interior do Estado do Paraná tiveram como agente facilitador o rio Iguçu, navegável de Porto Amazonas até União da Vitória. Este é descrito na “Corografia Brazílica” de Aires de Casal, em 1817, reproduzido por Riesemberg (1973:38): “O Rio Iguassú, que na linguagem brazílica significa água grande, e cuja principal cabeceira he a Ribeira de S. José, quando atravessa a estrada real de Lages para Sorocoba, já he de canoa, e corre com o nome de Curytyba. Seu curso he sempre ao Poente, descrevendo poucas tortuosidades, formando muitas cachoeiras, que interrompem a

navegação, engrossando sensivelmente com os que se juntam por um e outro lado, principalmente pelo meridional; e limitando pelo Sul os vastos campos de Guarapuava habitados pelo gentio. Suas margens são povoadas de grandes matas. A primeira cachoeira denominada Cayacanga, fica quatro a cinco léguas abaixo da mencionada estrada, e a maior a dez milhas acima da sua embocadura, onde tem cento e treze braças de largo (...). Hum Certanista, que desceu por este rio, diz que ele he navegável sem embaraço desde Cayacanga até o salto da Victoria (...).”

O reconhecimento do interior paranaense ensejou, no século XVIII, novas entradas no vale do rio Iguaçu. Delas resultaram a conquista e a colonização dos Campos de Guarapuava em 1809, com a expedição de Diogo Pinto de Azevedo Portugal.

Fixando-se primeiramente nas proximidades do rio Coutinho, em uma área denominada Atalaia, a expedição de Diogo Pinto, em continuidade à exploração da região transferiu-se para o Pontão das Estacadas, situado na parte central dos campos. De acordo com o padre Chagas Lima, responsável pela catequese, o povoado mudou a seguir, para um local situado “...à entrada oriental dos campos, tendo ao norte a Atalaia, a uma légua e meia de distância, e ao sul o rio Jordão, a meia légua de distância.” (CHMYZ, 1981:8) e, em 1819 tornou-se freguesia de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava.

A conquista dos Campos de Guarapuava representou a difusão do povoamento do interior paranaense e da região compreendida entre os rios Iguaçu e Uruguai, de acordo com determinações de Carta Régia que estabelecia medidas a serem tomadas em relação aos indígenas, à segurança das expedições, à fundação de povoações e à abertura de comunicação com o sul.

Dele partiu, quando da chegada dos exploradores aos Campos de Guarapuava, a mando de Diogo Pinto, o major Atanagildo Pinto Martins, que explorou os campos situados ao sul do rio Iguaçu denominados Campos dos Biturunas e, mais tarde, Campos de Palmas, os quais eram conhecidos desde 1720, alcançados que foram pela bandeira de Zacarias Dias Cortes. “...mas só em 1819 é que Atanagildo Pinto Martins logrou levar a efeito esse desideratum, tomando por guia o valente e prestigioso cacique Jongong. Este índio, para evitar algum encontro com as hordas que dominavam o sertão que deveria ser atravessado, deixou de entranhar-se por elle, seguindo em direção do Nascente. Esta precaução motivou o descobrimento do campo de Palmas...”. (PARANÁ, 1900:661-662).

A ocupação dessa região, no entanto, densamente ocupada por índios Votorões e Dorins, correspondentes a grupos indígenas Kaingáng, vinculados à família lingüística Jê, só terá início, em 1839,

em decorrência do desenvolvimento da pecuária em Guarapuava e da necessidade de ampliação de áreas propícias para a criação de gado. Segundo informação de Telemaco Borba (PARANÁ, 1900:332), os Kaingáng habitavam as regiões de Castro e Guarapuava, “...de onde assaltavam os moradores da orla do sertão e os transeuntes da estrada do Rio Grande do Sul. Quizeram oppôr-se ao povoamento de Guarapuava, que atacaram em seu princípio, sendo derrotados em um grande combate em que perderam muita gente...”

Belicosos, travavam guerras internas, como descrito por Chagas Lima (PARANÁ, 1900:90-91), em suas memórias sobre a conquista de Guarapuava: “As diferentes hordas de gentios existentes pelos sertões de Guarapuava são: a dos Cames, Votorões, Dorins e Xocrens. As dos Cames e Votorões são as que se encontravam nas visinhanças dos campos, quando se formou a aldêa. A primeira avaliou-se ser de 152 individuos, a segunda de 120 mais ou menos (...). Os Dorins têm seu aldeamento á margem do rio Dorim, para cujos lados fica o Campo das Laranjeiras, (...) deve constar (...) de 400 individuos. A dos Xocrens, entre os rios Iguassú e Uruguay, há pouco descoberta, julga-se não chegar a 60 individuos. (...) Estas hordas, pelas dissensões que têm entre si, não cessão de se destruírem mutuamente.”

Salienta o missionário que a maior rivalidade se dava entre os Votoro e os Dorim e, a necessidade de implantação de novo aldeamento direcionado apenas para os últimos, sugerindo para tanto os Campos das Laranjeiras. Em relação aos Xocrens, em avaliação posterior aos primeiros contatos, remete o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira em 1845, em relato sobre o aldeamento de Guarapuava, a uma população composta por 600 indivíduos, a quem da mesma forma, os Votoro, mostravam inimizade (PARANÁ, 1900:111).

Menciona, ainda, Chagas Lima a presença de uma família *Jacfé*, no aldeamento (PARANÁ, 1900:86) e, referencia outro grupo, denominado *Tavens*, que habitava o espaço compreendido entre os rios Ivaí, Piquiri e Paraná. Diferenciando-se estes dos demais em linguagem e costumes, deveriam representar grupos da família lingüística Tupi-Guarani.

A expansão da pecuária nos campos de Guarapuava e Palmas, por sua vez, trouxe a necessidade de abastecimento de sal e, conseqüentemente, de estradas que os colocassem em comunicação direta com o mercado, o que foi feito em 1842 por Pedro Siqueira Côrtes: “Sendo reconhecida a necessidade de uma estrada por terra, em direção dos campos geraes de Coritiba foi encarregado de abril-a o novo commandante dos permanentes o capitão Pedro de Siqueira Côrtes (...) partiu a 12 de abril de 1842 com sete pessoas e, seguindo a rumo

nordeste chegou á freguezia da palmeira, nos referidos campos geraes, no dia 7 de Maio de 1842, varando vinte léguas de sertão desde o referido rio, em cuja diligencia encontrou diferentes vestígios de selvagens.” (PARANÁ, 1900:139).

Apesar de estabelecido ponto de travessia e comunicação no rio Iguaçu, permitindo a ligação com o povoado de Palmeira, o trajeto se mostrava muito extenso. Em março de 1846, novo grupo foi então formado pelos fazendeiros de Palmas para a exploração de outra via que ligasse a vila emergente ao ponto de travessia no rio Iguaçu: *“...no que foram felizes, achando melhor e mais curta vereda, com a distancia somente de perto de onze léguas de sorte que aquelle vão no Iguassú, ao passo que serve para passagem de animaes de carga ou sem ella, serve igualmente de porto de embarque e desembarque aos que preferem o transito fluvial para a conducção de suas cargas e por isso o denominaram porto da União...”*. (PARANÁ, 1900:141).

Ao longo destes caminhos estabeleceram-se povoados. Em 1846, os fazendeiros de Palmas, abrindo outra picada, atingiram o mesmo ponto de travessia no rio Iguaçu.

Baseada predominantemente na pecuária a economia paranaense, no século XIX, recebia verbas governamentais para a melhoria das estradas que levavam às fazendas, principalmente de Guarapuava e Palmas. A manutenção de uma fazenda de gado, no entanto, requeria grande capital, pois além da compra de gado e a preparação do terreno, necessitava defender-se dos ataques indígenas. Decorrente dessas necessidades a população menos abastada tendeu a localizar-se nas margens das estradas, caracterizando-se este um dos aspectos do povoamento do vale do rio Iguaçu: a pequena propriedade e a lavoura de subsistência, aliada primeiro ao extrativismo de erva-mate, seguindo-se depois a madeira.

Excetuando-se os grandes fazendeiros, cujas atividades eram mais amplas, os pequenos proprietários, cuja unidade familiar patriarcal era agregada sob a dependência do chefe, face à dificuldade de transportes restringiam-se ao comércio local, representada na região de Palmas, pela localidade de Palmeira, onde levavam cargueiros de erva-mate, feijão, milho, fumo, etc. e de onde traziam sal, açúcar, tecido e demais mantimentos e utensílios.

Suas habitações eram comumente cobertas de tabuinhas, sendo primeiramente construídas com tábuas lascadas e com piso de terra batida, substituídas depois por tábuas serradas e assoalhadas por tabuado justaposto. Mostrando mesmo padrão de construção, eram constituídas por um *“...edifício principal, quase sempre alargado por um alpendre mais ou menos acabado, continha uma sala de entrada e*

os quartos de dormir, que se abriam num corredor mais ou menos comprido. A cozinha era instalada num prédio contíguo, que se ligava ao primeiro por um passadiço coberto, fechado ou não. Em torno da casa existia um terreiro destinado à criação de aves domésticas – galinhas, patos e perus. De um lado ficava o quintal e de outro a mangueira para o gado de leite, com área cercada para os terneiros. (...). Abrindo para o terreiro, levantava-se um paiol para depósito das colheitas. Em uma aguada mais ou menos próxima da casa, sob uma cobertura rústica, instalava-se o monjolo. Nas moradas mais antigas ainda se viam, a um canto da mangueira, um ou mais carros de boi.” (RIESEMBERG, 1973:58).

O vale do rio Iguaçu, povoado inicialmente por moradores tradicionalmente agricultores e pecuaristas que tinham como referencial as tropas, as culturas de milho e feijão, o extrativismo da erva-mate e a pequena indústria de farinha utilizavam-se pouco dos transportes fluviais. Este, entretanto, não foi esquecido, estabelecendo-se entre Porto da União e Cayacanga (Porto Amazonas) serviço de navegação com canoas para transporte de gêneros de que necessitavam os fazendeiros. As canoas, construídas em imbuia, tinham um metro de largura e 10m de comprimento. Nelas eram transportados querosene, tecidos, bebidas, alimentos e quinquilharias. No retorno traziam erva-mate, couros, crina, madeira e charque.

Em seu alto vale o povoamento foi implementado com a transferência, em 1829, do Registro de Tropas de Curitiba para as suas margens, em Rio Negro, em decorrência da necessidade da criação de um povoado de apoio aos tropeiros que vinham do Rio Grande do Sul e, que servisse também de contenção aos recorrentes ataques indígenas. A localidade, povoada inicialmente com mamelucos, recebeu em 1816, “...50 casaes de portugueses açorianos que do Porto de Cima viajaram pelo trilho da serra até o local de seu destino.” (MARTINS, 1932:13), e em 1829, imigrantes alemães.

Apesar de pouco utilizado para navegação, estudos para o seu aproveitamento objetivando a implantação da navegação a vapor foram realizados em 1866 pelos engenheiros Francisco e José Keller, por determinação do presidente da Província do Paraná, André de Pádua Fleury. Esta, no entanto, só foi implementada em 1882 por Amazonas Marcondes que lançou às suas águas o barco a vapor *Cruzeiro*, criando entre a população local nova classe social especializada e direcionada ao serviço daquela navegação.

A implantação da navegação a vapor veio a incrementar o comércio no vale do rio Iguaçu, possibilitando maior facilidade de transporte, primeiramente de erva-mate, cujo extrativismo era representativo na

economia das comunidades nascidas em seu entorno, seguindo-se depois a madeira. A erva-mate, que teve seu apogeu de exportação durante o período da Guerra do Paraguai, quando entrou nos mercados platinos, sendo vendida para o Uruguai, Argentina e Chile, era transportada também por meio de carroções.

Conforme Cleto da Silva (1933:36), a empresa de Amazonas Marcondes visava, também, o incremento do comércio com os pecuaristas de Palmas. A navegação comercial com vapores por ele iniciada teve seguidores, como João Ihlenfeld, que em 1901 construiu em União da Vitória o vapor Tupy e a empresa Leão Júnior & Cia, em 1927, lançando o vapor Sara.

Em 1923, sob a bandeira do Lloyd Paranaense, navegavam pelo rio Iguaçu, as lanchas Estrela, São Mateus, Cila, Santana, Duda, Primeira, Segunda, Aimoré, Doldi e União, além dos vapores Palmas, Paraná, Peri, Paranaguá, Iguassu, Vitória, Curitiba e o Cruzeiro de Amazonas Marcondes. O vapor Cruzeiro havia sido reformado e era o que melhor se prestava à navegação em períodos de estiagem (SILVA, 1933:177).

De pequenas proporções, os vapores do rio Iguaçu, destinados inicialmente ao transporte de mercadorias, com o tempo foram adaptados também para o transporte de passageiros, com a instalação de refeitórios e cabines. Comumente os vapores rebocavam duas lanchas, o que possibilitava o aumento de sua capacidade de carga. *“Se os maiores levavam em seu bojo 800 sacas de erva-mate, carga-média, cada lancha podia levar 300, elevando-lhes, pois a capacidade para 1.400 sacos, num total de 5.600 arrobas. Quando se iniciou a indústria da madeira no vale do Iguaçu, a carga média dos vapores era de 400 dúzias de tábuas – 200 no próprio vapor e 100 em cada lancha rebocada.”* (RIESEMBERG, 1973:74).

A sua tripulação compunha-se de um piloto, um maquinista e um foguista, cada um com um auxiliar para revezamento e, de em média 6 homens para os trabalhos de carga, todos sob a tutela de um Comandante. Esse novo grupo profissional que se formava foi se concentrando nos portos sedes das empresas onde os vapores permaneciam por mais tempo, como União da Vitória, São Mateus e Porto Amazonas (Fig. 6).

Quando, em 1915, da fusão das várias empresas nos “Lloyd Paranaense S.A.”, a cidade de São Mateus, sede daquela sociedade, tornou-se o pólo centralizador onde foram construídos os principais estaleiros. Implementada quase que exclusivamente por industriais ervateiros que tinham como objetivo primordial o escoamento periódico da erva-mate, com a criação do Lloyd Paranaense, a navegação no rio Iguaçu tornou-se mais regular e eficiente, adquirindo características de uma empresa de transportes gerais (Fig. 7).

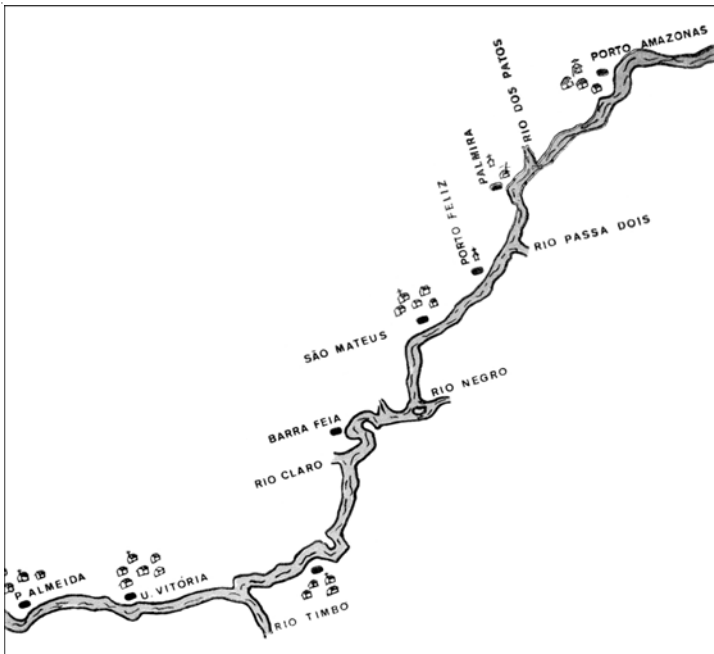


Figura 6. Portos ao longo do rio Iguaçu na época da navegação com vapores (Fonte: RIESEMBERG, 1973).

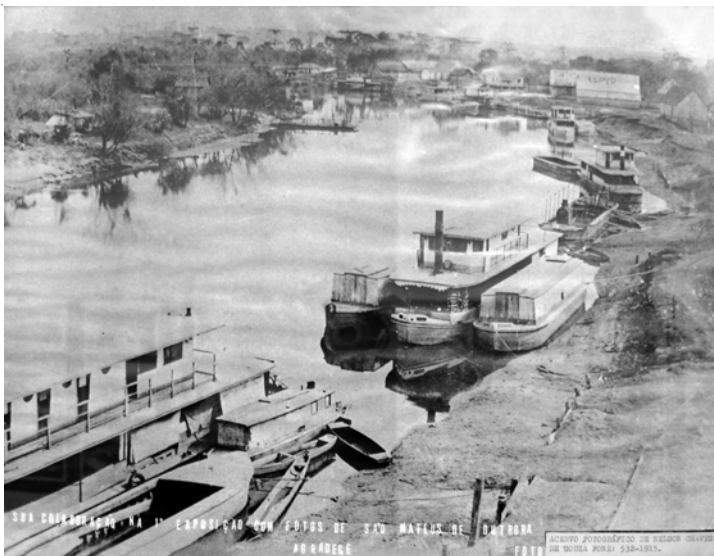


Figura 7. Vapores e lanchas atracados no porto de São Mateus do Sul (Acervo: Nelson Chaves-Casa da Memória do Município).

De maneira geral, de 1882 até 1953, quando se extinguiu a última empresa de navegação, a economia do vale do rio Iguaçu esteve afeita ao rio, passando nos anos seguintes a utilizar-se da malha rodoviária implantada no Estado do Paraná.

Além de facilitar a entrada de exploradores e viajantes desde o século XVI, o rio Iguaçu desempenhou, também, papel de eixo facilitador de entrada da colonização européia, com a vinda de imigrantes de nacionalidades diversas para o Estado do Paraná. No vale do rio Iguaçu, a primeira tentativa nesse sentido foi iniciada em 1873, através de contrato firmado entre o governo imperial e o inglês Charles William Kitto para o estabelecimento de colonos ingleses em suas margens.

Fracassando o estabelecimento da “Kittolândia”, como era conhecida a ex-Colônia Kitto Land, a entrada contínua de imigrantes poloneses, ucranianos, alemães, poloneses-austríacos e poloneses-russos em seu vale se deu a partir de 1890 com o assentamento primeiramente na Colônia Maria Augusta, hoje São Mateus do Sul, em 1890, colônias Palmira, Água Branca, Eufrozina e Rio Claro em 1891, colônias Cantagalo, General Carneiro e Antonio Cândido em 1892, Colônia Alberto de Abreu em 1895, Vila Zulmira em 1897, colônias Amazonas e Vitória em 1907, Colônia Vera Guarani em 1909 e a Colônia Cruz Machado em 1910 (RIESEMBERG, 1973:86).

O atual Município de São Mateus do Sul, foco das pesquisas arqueológicas efetuadas, teve suas origens em um pouso de tropeiros, viajantes e das bandeiras militares exploratórias enviadas por D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, governador da Capitania de São Paulo, ao interior paranaense.

Os registros históricos remetem o estabelecimento dos primeiros moradores da região a 1877. O grupo era formado Manuel Frutuoso, José da Silva, José Marques, Xisto Pinto de Vasconcelos, Florentino José da Silva, Manuel da Luz, José Pacheco, Antônio Torres, Joaquim Firmino, Gaspar Carrilho, Salvador Bueno, Firmino Ilhéu, José Amazonas, José de Souza, José Ferreira Guimarães, Joaquim Cavalheiro e Bento Nepomuceno Freitas.

Primeiramente denominado Porto Santa Maria, o povoado recebeu em sua sede Rodolfo Wolff, Gustavo Tenius, Gustavo Emílio Olander e Otto Roebel, que através de contrato assinado em 1883, lá se estabeleceram com o intuito de explorar petróleo e xisto betuminoso.

Tornando-se Colônia Maria Augusta em 1890, o povoado tinha como seu cobrador Rodolfo Wolff e era composto por 78 lotes urbanos e 245 lotes rurais, demarcados por Edmund Sebastião Saporski. *“A área rural foi ordenada em 4 linhas coloniais, com as denominações de linha Iguaçu, linha Taquaral, linha Cachoeira e linha Canoas, contendo*

a primeira 70 lotes, a segunda 77, a terceira 73 e a última 25.” (RIESEMBERG, 1973:98).

Neste ano teve início também a imigração de poloneses para a área. Estes foram assentados por Saporski, inicialmente nas 4 colônias rurais e, mais tarde também na Colônia Água Branca (200 famílias) e Colônia Rio Claro (1.600 famílias).

Nos assentamentos, cada imigrante recebia um lote com 250 metros de frente e 1.000m de fundos, sementes diversas para o plantio e ferramentas e, enquanto não colhiam a primeira safra, trabalhavam para o governo na abertura de estradas em períodos divididos em 15 dias mês, o que lhes ajudava na compra de mantimentos.

Agricultores, plantando principalmente milho, feijão e centeio, os imigrantes dedicaram-se também ao extrativismo da erva-mate.

São Mateus do Sul, desde seus primórdios, mostrou-se centro exportador de erva-mate. De acordo com Sebastião Paraná, mencionado por Riesemberg (1973:98), em 1899 São Mateus “...é, em todo o vale do Iguaçu, o principal centro de exportação de erva-mate. Anualmente, mais de 200 mil arrobas de mate saem desse porto fluvial, subindo as águas do Iguaçu, em pequenos vapores até os portos do Amazonas e das Laranjeiras, existindo um ramal da estrada de ferro ligando este último porto à estação da Restinga Seca.”

O desenvolvimento econômico de São Mateus permitiu que, em 1908, através da lei nº 763, fosse elevado à categoria de município, desmembrando-se de São João do Triunfo. Em 1909 foi constituído em termo judiciário e, em 1912, a comarca, sendo a sua sede reconhecida como cidade. Em 1943, através de lei estadual, passou a chamar-se São Mateus do Sul.

O povoamento de São Mateus do Sul por imigrantes, notadamente poloneses, e a sua adaptação à produção ervateira, incorporando a *Ilex paraguayensis*, inclusive em seus hábitos diários na forma de chimarrão, proporcionou um período áureo ao município nas três primeiras décadas do século XX. Aliada à produção de erva-mate, também o extrativismo de madeira contribuiu para o seu crescimento.

O escoamento das cargas, primeiramente de erva-mate, seguindo-se em período posterior, a madeira, para os engenhos de beneficiamento e madeireiras, a maioria instalados em Curitiba, contribuiu para o desenvolvimento da navegação fluvial pelo rio Iguaçu, a qual permitia a ligação entre Curitiba até o Município de Palmas. De Curitiba até Porto Amazonas o trajeto era feito por ferrovia. A partir daí até União da Vitória, passando por São Mateus, embarcava-se em um vapor. Desta cidade até Palmas utilizava-se estrada carroçável.

O transporte terrestre era feito através de tropas e carroções.

Para São Mateus, no entanto, a navegação desempenhou papel importante no desenvolvimento. O estabelecimento da sede do Lloyd Paranaense S.A. na cidade, tornando obrigatória a parada de vapores no local, possibilitou a instalação de estaleiros e deu origem a um novo grupo de trabalhadores profissionais voltados a essas atividades. Com mercado de mão-de-obra com ganhos garantidos, também o comércio local teve seu coeficiente de negócios elevado, o que veio a se refletir nas vilas e cidades adjacentes.

Com a decadência da economia ervateira e o desenvolvimento dos transportes rodoviários a partir da década de 1930, a navegação a vapor declinou, extinguindo-se em 1953, com o encerramento das atividades do Lloyd Paranaense.

Estagnando economicamente, o município retomou seu crescimento na década de 1960, quando foi implantada, pela Petrobras, uma usina experimental para beneficiamento do xisto.

Atualmente São Mateus do Sul tem sua economia baseada em uma agricultura diversificada, produzindo principalmente soja, milho, batata, cevada, feijão e fumo, na pecuária, com a criação de bovinos, suínos, aves e a implantação da ovinocultura, na produção e industrialização da erva-mate e madeira, na produção cerâmica de pisos e azulejos e na industrialização do xisto.

REFERÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

A área da atual pesquisa na Mina Dois Irmãos em São Mateus do Sul nunca recebeu abordagem arqueológica. A pesquisa mais próxima abrangeu trecho do vizinho Município de Mallet, ao lado do rio Braço do Potinga, um subafluente do rio Iguaçu. O vale do rio Iguaçu foi estudado com mais intensidade à montante e à jusante, nesta porção vinculado a projetos de salvamento junto às hidrelétricas que nela foram implantadas desde a década de 1960. Tendo em vista que os resultados de alguns desses trabalhos permanecem inéditos e, que são importantes para a contextualização do que foi produzido na área da Mina Dois Irmãos, de uma parte deles será feito um resumo. O recorte compreende o espaço do médio rio Iguaçu que, entre os séculos XIX e XX, foi palco da navegação comercial por vapores: desde os arredores de Porto Amazonas até os de União da Vitória.

Os dados reunidos desde a década de 1950 na área centralizada pelo Município de União da Vitória apontam para a diversificada ocupação humana no passado (CHMYZ, 1963; 1964; 1967; 1968a-b; 1969a-b-c; 1971). Pesquisas arqueológicas realizadas em

sítios a céu aberto revelaram a presença de grupos de caçadores coletores generalizados pertencentes à Tradição¹ Umbu. Os sítios formados por esses exploradores de recursos naturais apresentavam áreas variando de 235m² a 588m², situando-se, as suas evidências, superficialmente ou até 60cm de profundidade. Dispunham-se no topo ou na encosta de elevações suaves, sempre nas proximidades de cursos fluviais. Encerravam núcleos e lascas de rochas diversas, muitos apresentando sinais de utilização em operações de percussão, raspagem, corte e perfuração. Outros, ainda, recebendo retoques por meios de técnicas de pressão, escamamento e escamamento progressivo, adquiriram formatos específicos, como pontas de projéteis foliáceas e com aletas e pedúnculo destinadas à caça, ou como facas, furadores e raspadores de diversos tipos para os trabalhos com madeira, ossos e chifres e esartejamento de animais e o preparo de peles. Esse conjunto de sítios foi englobado na Fase² Iguçu.

Constituindo bandos, esses caçadores devem ter permanecido na área por longo tempo. Os sítios PR UV 3, PR UV 4 e PR UV 2 foram datados pelo método do carbono-14 em 1135±90 AP ou 915 a.C., 3110±140 AP ou 1160 a.C. e 730±50 AP ou 1220 d.C., respectivamente (SI-803, SI-802 e SI-142),³ corroborando a suposição.

Outros sítios, com áreas variando de 393m² a 824m², também formados por caçadores coletores generalizados, ocorreram naquele espaço. Seus depósitos, situando-se entre 20 e 35cm, 50 e 70cm e 60 e 100cm de profundidade inferem, igualmente, longa permanência no território. Em um dos seus sítios, o PR UV 43, amostra retirada aos 80cm de profundidade foi datada de 4355±50 AP ou 2405 a.C. e, a de 100cm, de 4395±50 AP ou 2445 a.C. (SI-4.988 e SI-4.989).

Como na anterior, também nesta fase denominada Bituruna, foram comuns as pontas de projéteis foliáceas e pedunculadas com aletas e vários tipos de raspadores, mas, ao contrário daquela, apresentam grandes dimensões. Pode a Fase Bituruna representar outra tradição tecnológica ou que, pertencendo à Tradição Umbu, tenha sido influenciada pela Tradição Humaitá.

Sítios relacionados a grupos ceramistas que, além da coleta e caça, dedicavam-se à produção de alimentos mantendo uma agricultura

¹ Grupo de elementos ou técnicas com persistência temporal.

² Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios.

³ As siglas SI e Beta correspondem aos laboratórios do Smithsonian Institution e Beta Analytic Inc., com os respectivos números de processamento. As datações aqui apresentadas são devidas a Clifford Evans e/ou Betty J. Meggers, pesquisadores da primeira instituição.

de subsistência, foram identificados. Entre eles predominaram os vinculados à Tradição Itararé, com sítios localizados a céu aberto ou em abrigos-sob-rocha. Os depósitos arqueológicos eram superficiais, atingindo até 12cm de profundidade, ocupando áreas com 236m² e 589m².

Os sítios forneceram fragmentos de recipientes cerâmicos confeccionados pelas técnicas repuxada, acordelada e modelada. Correspondem a pequenos pratos, tigelas, jarros e raras panelas, com paredes delgadas e acabamento de superfície simples, geralmente enegrecidas intencionalmente e poucas vezes engobada de vermelho. Lascas e núcleos de rocha recuperados mostravam sinais de sua utilização em atividades de confecção de artefatos e manipulação de alimentos. Algumas dessas matérias-primas foram adaptadas por meio de picoteamento e alisamento para servirem como lâminas de machados e mãos de pilões.

As datações obtidas nos sítios PR UV 47, PR UV 17, PR UV 48 e PR UV 38, de 1635±100 AP ou 315 d.C., 1475±65 AP ou 475 d.C., 1420±50 AP ou 530 d.C. e 190±75 AP ou 1760 d.C., respectivamente (SI-5014, SI-2197, BETA-22.647 e SI-5.013), apontam para a larga faixa temporal da Tradição Itararé naquele espaço. O sítio-acampamento SC PN 3, localizado na margem direita do rio Iguazu, no fronteiro município catarinense de Porto União, forneceu as seguintes datas, conforme a profundidade: 825±55 AP ou 1125 d.C. aos 60cm, 1185±45 AP ou 765 d.C. aos 80cm e 1205±65 AP ou 745 d.C. aos 90cm (SI-4.985, SI-4.986 e SI-4.987).

Estruturas subterrâneas circulares, algumas com evidências de terem servido como habitações, relacionam-se à Tradição Itararé. Mediam entre 3 e 10m de diâmetro, mostravam elevação anelar na borda e atingiam até 3m de profundidade. Apresentavam-se isoladamente ou formando conjuntos agrupados ou alinhados nas encostas de suaves elevações. As pesquisadas revelaram uma ou mais camadas de ocupações superpostas, indicando que foram reocupadas em momentos diferentes. Datações existem para uma das estruturas abertas no sítio PR UV 12: 605±120 AP ou 1345 d.C. para a camada situada entre 40 e 60cm de profundidade e 810±90 AP ou 1140 d.C. para a de 60 a 80cm. A amostra referente à camada entre 80 e 100cm estava contaminada, fornecendo datação discrepante (SI-691 e SI-892).

No topo de elevações pronunciadas, em cujas encostas encontravam-se estruturas subterrâneas, foram registrados sítios que reuniam aterros alongados, geralmente com 1,70m de comprimento, 0,60m de largura e 0,40m de altura, circundados por valas. No sítio

PR UV 11, além dos aterros, havia estreito muro de terra que os circunscrevia, mantendo uma abertura em uma das extremidades. Os aterros escavados nesse sítio revelaram delgada camada de terra marrom-escuro com carvões na base; na terra que a cobria, de coloração mais clara, havia núcleos e lascas de rocha e fragmentos de cerâmica. A datação obtida com os carvões de um dos aterros foi de 680 ± 70 AP ou 1270 d.C. (SI-1.010).

Embora não se tenham encontrado restos ósseos, indicando enterro, é possível que esses aterros alongados estivessem ligados à prática de cremação de corpos.

Um abrigo-sob-rocha pesquisado desde a segunda metade da década de 1950 no vale do rio Vermelho, afluente da margem esquerda do rio Iguaçu proporcionou cerâmica referente a tigelas e painéis com faces alisadas, algumas enegrecidas, com paredes espessas, confeccionadas pela técnica acordelada. Completam o acervo lâmina de machado parcialmente polida, alisadores e facas com sinais de uso como furadores, facas e raspadores, além de pontas de projéteis a partir de ossos longos de pássaros.

Cadastrado como PR UV 1, esse sítio deu origem à Tradição Casa de Pedra. Sua datação atingiu 800 ± 50 AP ou 1150 d.C. (SI-141).

Fragmentos cerâmicos de recipientes com formas e decorações ainda mais diferenciadas das anteriores ocorreu no sítio-acampamento PR UV 16. Foram encontrados na margem direita do rio Iguaçu, em União da Vitória quando, em 1968, operários abriam extensa vala para a instalação de adutora; grande parte do material arqueológico havia sido despejado no rio juntamente com a terra. O que se conseguiu salvar do restante do depósito situado entre 40 e 50cm de profundidade, possibilitou a sua filiação à Tradição Tupiguarani; predominaram fragmentos de painéis com decoração corrugada. O sítio foi datado de 500 ± 45 AP ou 1450 d.C. (SI-1.015).

Sinalizações rupestres são conhecidas nos vales dos rios Vermelho e da Prata, ambos afluentes da margem direita do rio Iguaçu, mas a sua filiação cultural é ainda incerta. No sítio PR UV 5, sulcos estreitos e rasos dispostos no topo de grande bloco rochoso isolado formavam linhas paralelas, cruzadas e convergentes. O corte-estratigráfico praticado no solo junto ao bloco forneceu lascas utilizadas como raspadores, alisador e fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé. Na parede do abrigo-sob-rocha PR UV 17, ocupado pela Tradição Itararé, foram observadas pequenas depressões circulares formando fileiras paralelas e sulcos alongados, estas talvez resultantes da abrasão de artefatos líticos em elaboração.

Nos municípios de Porto União e União da Vitória, Langer e Santos

(2007) registraram sinalizações gravadas em paredes e teto de cavernas. Representam linhas, “escadas”, triângulo com traço interno partindo do vértice inferior e depressões circulares alinhadas ou agrupadas.

Outros dados sobre ocupação humana pretérita no trecho em pauta, procederam do Município de Mallet. Resultaram de pesquisas realizadas de forma intermitente, entre 1964 e 1968, restritas a um trecho da margem direita do rio Braço do Potinga, tributário dos rios Potinga e Iguaçu (Fig. 8). Três sítios englobados na Fase Potinga referem-se à Tradição Umbu (PR SM 1, PR SM 2 e PR SM 8). Os sítios ocupavam áreas elípticas e circular entre 235m² e 1.884m². Seus depósitos situavam-se entre 0 e 20cm, 20 e 40cm e 50 e 60cm de profundidade. Encerravam pontas de projéteis foliáceas e outras com pedúnculo e aletas, facas, furadores, buris e diversos tipos de raspadores.

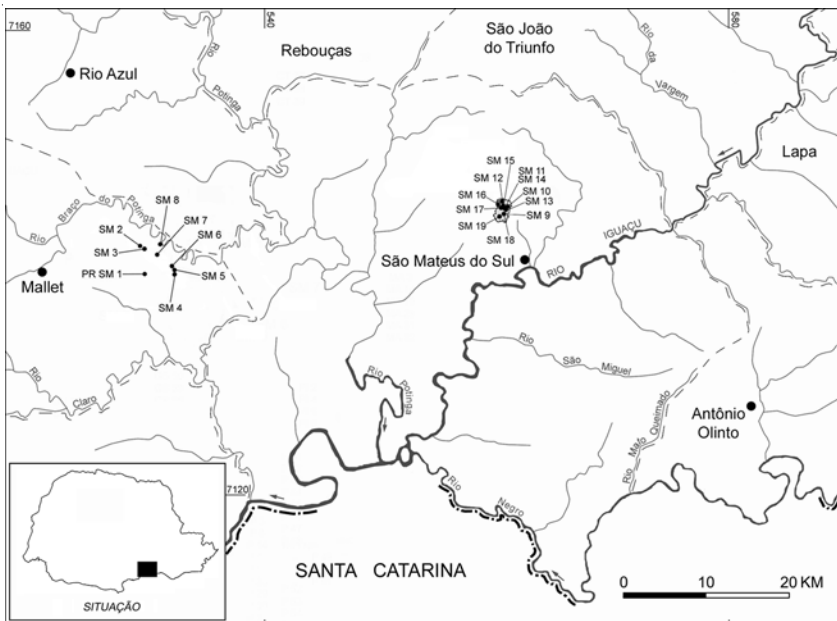


Figura 8. Localização dos sítios arqueológicos na área da Mina Dois Irmãos e, de outros, registrados anteriormente nas proximidades do rio Braço do Potinga.

Cerâmica vinculada à Tradição Itararé foi constatada em quatro sítios (PR SM 3, PR SM 5, PR SM 6 e PR SM 7); estes foram englobados à Fase Açungui. Ocupavam áreas elípticas, com 117m² a 824m² dispondo-se as suas evidências na superfície do terreno ou até 12cm de profundidade. Juntamente com a cerâmica, apenas núcleos e lascas

de rocha com sinais de uso como percutores, facas e raspadores foram encontrados.

Um sítio localizado logo abaixo da Serra do Tigre, o PR SM 4, corresponde à Tradição Tupiguarani. Suas evidências dispunham-se em uma área elíptica, com 745m², aprofundando-se até 12 ou 15cm no solo revolvido pelo arado. Eram constituídas por fragmentos de recipientes cerâmicos com superfície simples e decorados por engobo vermelho, pintura vermelha sobre engobo branco, unguiações e incisões. Lascas de rocha mostravam sinais de utilização como facas e raspadores. No local foram encontrados disco de cobre (moeda) achatado por batimento e uma cavadeira de ferro apontada como lança e guarnecida com aletas retas junto ao cilindro de fixação do cabo. Na superfície deste ainda eram visíveis as gravações do fabricante: S.P.R.G. & C^o London.

A 300m de distância do último sítio foram observadas duas estruturas subterrâneas muito sedimentadas. Os moradores locais as identificavam como “buracos de bugres”, informando que encontravam “cavacos de painéis” no entorno durante a aração do terreno.

Os dados referentes a sítios localizados em ambas as margens do rio Iguazu nos arredores do Município de Porto Amazonas, resultaram de pesquisas efetuadas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Pronapa, entre 1967 e 1968. Trinta e três sítios foram registrados, e deles, apenas o PR CT 28 correspondia a caçadores coletores generalizados. Sua camada de ocupação encontrava-se entre 65 e 85cm de profundidade, abrangendo uma área com 117m². As peças líticas recolhidas, representadas por percutor, quebradores de coquinhos, moedores e raspadores de grandes dimensões, apontam para a Tradição Humaitá.

Mais numerosos foram os sítios vinculados à Tradição Tupiguarani que constituíram as fases Guajuvira e Imbituva. Nos seus sítios, com áreas variando de 117m² a 6.280m², as camadas aprofundaram-se até 15cm e às vezes eram realçadas por terra preta. Os com maior área compõem a fase Imbituva. Além do acabamento superficial simples, os fragmentos cerâmicos apresentavam na face externa e/ou interna decorações por engobo vermelho, pinturas em vermelho e preto sobre engobo branco, vários tipos de corrugações, unguiação, ponteados, etc. Em ambas as fases, diversos sítios encerravam cerâmica decorada por meio de impressão de tecido e malha. As formas dos recipientes compreendiam pratos, tigelas, painéis globulares e grandes painéis carenados com bojo cônico. Entre as bases de recipientes, normalmente arredondadas, planas e cônicas, constatou-se a plana em pedestal engobada de vermelho no sítio PR CT 9.

O material lítico foi representado por lâminas de machados e mãos de pilões alisadas, assim como núcleos e lascas utilizadas para percutir, moer, cortar e raspar. No sítio PR CT 12, da Fase Imbituva, ocorreu uma peça alongada de ferro que foi adaptada como ponta de lança por abrasão.

Proprietários do terreno onde se encontrava o sítio PR CT 7, o de maior área na Fase Imbituva, informaram que dez anos antes das pesquisas, grandes painéis com ossos humanos no seu interior foram desenterradas no local durante os trabalhos agrícolas.

A Tradição Itararé foi assinalada por quatro sítios que, apresentando áreas variando de 235m² a 471m², acumulavam o material arqueológico até 12cm de profundidade. Os pequenos recipientes inferidos pelos fragmentos cerâmicos comparam-se aos das ocorrências anteriores, inclusive quanto ao acabamento das faces; poucos receberam engobo vermelho.

Entre as evidências líticas, destaca-se um virote procedente do sítio PR CT 2.

Material cerâmico desta tradição foi encontrado nas áreas de vários sítios das fases Guajuvira e Imbituva, o que poderia significar a reocupação do espaço. Em alguns sítios da segunda tradição, porém, recipientes com formas da Tradição Itararé ostentam decorações típicas daquela, apontando para a sua contemporaneidade e a interação havida (CHMYZ, 1977:5).

O sítio PR CT 18, finalmente, foi localizado ao lado de um caminho que comunicava um porto no rio Iguazu ao entroncamento da estrada que liga Palmeira a São João do Triunfo e encerrava traços ligados à Tradição Neobrasileira. Ocupava uma área com 235m² e o seu depósito aprofundava-se até 12cm. A cerâmica registrada, confeccionada artesanalmente pela técnica acordelada, apresentava formas e decoração derivadas da Tradição Tupiguarani, mas com influência ibérica (alças, asas e base plana em pedestal) e africana (base perfurada de cuscuzeiro). Estavam presentes, ainda, cachimbos angulares modelados.

PROJETO DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO

Os Antecedentes da Pesquisa

A localização de indícios de ocupação humana pretérita com dimensões e profundidades de refugio variadas na área da Mina Dois Irmãos (Fig. 1), ressaltaram o potencial desse espaço para o estudo arqueológico, bem como os impactos danosos que seriam causados pelas atividades projetadas, com a perda total ou parcial do patrimônio

arqueológico.

Os indícios recolhidos referiam-se a ocupações de origem indígena. Correspondiam a 12 pontos com vestígios relacionados à Tradição Itararé e 3 com evidências vinculadas à Tradição Tupiguarani. A primeira tradição estava representada pelos indícios L-1, L-2, C-2, C-4, C-5, C-7, correspondentes a sítios implantados a céu aberto e, pelos indícios cerâmicos C-9 e C-10, relativos a estruturas subterrâneas.⁴ À segunda tradição, estavam vinculados os indícios C-1, C-3 e C-6.

Tornava-se imprescindível, portanto, a implantação de um programa de resgate, como medida mitigadora mais eficaz, visando a compensação pela destruição física dos bens arqueológicos, o que foi acatado pela empresa, originando o presente Projeto de Salvamento Arqueológico, o qual foi criado através da assinatura do Contrato N° 1450.0028205.06.2 entre a PETROBRAS/UFPR/FUNPAR, em 06 de julho de 2007, cabendo a sua execução ao Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná.

O Planejamento

Considerando-se as características do trabalho que seria executado na área impactada pelo empreendimento e, para que este contemplasse todos os espaços afetados, abrangendo integralmente as atividades de campo e, as subseqüentes de laboratório, calculou-se para este Projeto de Salvamento, um período de trabalho compreendido em 18 meses, sendo 4 meses dedicados às etapas de campo e, 14 meses apenas às atividades laboratoriais.

A Metodologia de Campo

Representando o testemunho da presença humana no passado, o sítio arqueológico encerra informações relativas à sócio-economia do grupo que o formou. Seu estudo requer a aplicação de metodologia específica que permita a captação de elementos essenciais para a reconstrução arqueológica.

Mesmo quando descaracterizados, os sítios arqueológicos conservam potencial informativo considerável, especialmente para a identificação cultural e, o estágio de seu desenvolvimento tecnológico. Dependendo do grau de perturbação, os sítios podem, ainda, fornecer elementos sobre padrões de assentamento e funerários.

⁴ As possíveis estruturas subterrâneas então anotadas como indícios C-8, C-11, C-12 e C-13, durante a execução do Projeto revelaram-se causadas pelo deslocamento de solo junto às raízes de árvores tombadas.

Balizando esses aspectos, a abordagem metodológica a ser aplicada nos sítios arqueológicos varia em função de seu estado de conservação. Assim, naqueles com a camada de ocupação desestruturada pela ocupação recente, após proceder-se a delimitação da área de ocorrência foram realizadas coletas superficiais. Naqueles com grandes dimensões, áreas com adensamento ou concentração de material arqueológico, as coletas foram efetuadas por setores.

Nos sítios que mostraram a camada de ocupação alterada, mas conservavam espaços intactos ou apresentavam apenas perturbações superficiais, foram efetuados cortes-estratigráficos em pontos selecionados. Todas as informações obtidas nesses cortes foram registradas em fichas específicas para documentação.

As atividades de campo foram desenvolvidas em tempo integral, de forma intensiva, contínua e sistemática e, em todos os sítios estudados manteve-se uma seqüência na cobertura espacial, sendo as operações de campo registradas em fichas padronizadas.

Os sítios foram registrados com a sigla PR (Paraná) SM (Município de São Mateus do Sul e adjacências abrangidas pela área estabelecida pelo CEPA/UFPR para cadastro) e numerados seqüencialmente conforme a ordem de abordagem. A numeração dos sítios estudados por este Projeto é, portanto, em continuação a outros pesquisados anteriormente na mesma área.

Os locais que continuaram sendo considerados como indícios, por apresentarem-se destruídos e compostos por pequeno número de evidências, foram registrados de forma diferenciada: PR SM L-1, quando reunia vestígios líticos e PR SM C-1, quando encerrava material lítico e/ou cerâmico.

Os sítios que apresentavam ocupações relativas a grupos diferenciados no mesmo espaço não foram considerados multicomponentiais, mas como unidades independentes, porque as suas áreas foram delimitadas.

As coleções de material resultantes do Projeto, devidamente acondicionadas em sacos de tecido, plástico ou embalagens acolchoadas, foram transportadas para o CEPA/UFPR, Instituição responsável pela execução do Projeto, a fim de serem submetidas a estudos laboratoriais.

Sobreposições de ocupações referentes às duas tradições foram registradas em 5 sítios. Junto ao sítio PR SM 17, de Tradição Itararé, ocorreram os indícios cerâmicos PR SM C-7, de Tradição Tupiguarani. No sítio PR SM 9 (TPG = Tradição Tupiguarani) estavam os indícios PR SM C-8 (ITA = Tradição Itararé) e no sítio PR SM 13 (TPG), os indícios cerâmicos PR SM C-6 (ITA). Os indícios PR SM C-9 e PR SM

C-10 (ITA), atingiam os sítios PR SM 14 e PR SM 11 (TPG), respectivamente.

Entre os locais registrados como indícios, 5 eram de pequenas dimensões e com material rarefeito, indicando ocupação temporária dos grupos para o desenvolvimento de atividades de caça, pesca ou lavoura. Oito mostraram dimensões maiores e se caracterizaram como sítios destruídos.

No espaço estudado, nos sítios PR SM 9 e PR SM 12, de Tradição Tupiguarani, somente coletas superficiais foram realizadas. Nos demais, foram executados cortes-estratigráficos e, naqueles relacionados à Tradição Itararé compostos por estruturas subterrâneas, escavações amplas.

Cada local foi quadriculado e numerado para controle da escavação. Para esta, foram utilizados níveis artificiais, cujas espessuras mostraram-se variáveis em função das características da camada arqueológica revelada pelos cortes-experimentais. Ao se atingir o piso da ocupação, a técnica de escavação por níveis artificiais foi substituída, passando a escavação a acompanhá-lo, expondo as estruturas e os artefatos a fim de registro e documentação.

As Etapas de Campo

A primeira etapa de campo foi desenvolvida entre os dias 03 de setembro e 02 de outubro de 2007. A equipe, sediada na cidade de São Mateus do Sul, iniciou o trabalho junto à área considerada prioritária pela empresa.

As prospecções executadas e, o refinamento dos trabalhos, revelaram que 5 pontos, correspondentes aos indícios apontados durante a vistoria preliminar da área como L-1, L-2, C-4, C-5 e C-7, apresentavam total revolvimento da camada arqueológica. Permanecendo classificados como indícios, foram registrados como PR SM L-1, PR SM L-2, PR SM C-1, PR SM C-2 e PR SM C-3, respectivamente (Fig. 9).⁵

Quatro pontos, correspondentes aos indícios C-1, C-2, C-3 e C-6, pelas características apresentadas, foram considerados sítios. Correspondem ao PR SM 9: Rio das Pedras-1, PR SM 10: Rio das Pedras-2, PR SM 11: Rio das Pedras-3 e PR SM 12: Sanga da Onça.

⁵ Os indícios líticos anotados como L-3 por ocasião das pesquisas de constatação e diagnóstico arqueológico, não receberam trabalhos complementares durante a execução do projeto porque se situavam fora da sua área de abrangência. O que se observou e coletou no local naquele momento está descrito no item Indício Lítico L-3, N°C 5034, de Tradição Itararé.

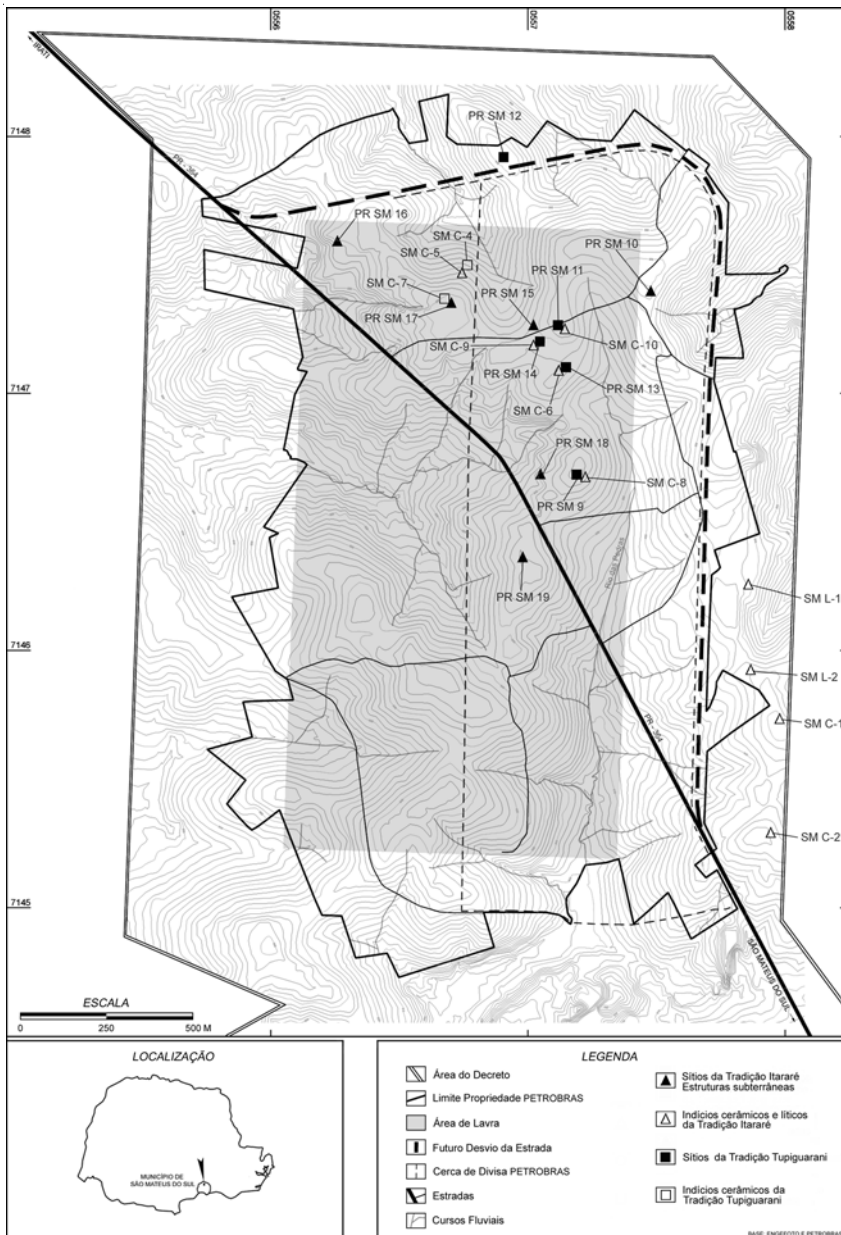


Figura 9. Localização dos sítios e indícios arqueológicos na área da Mina Dois Irmãos (Base: ENGEFOTO e PETROBRAS).

As prospecções realizadas resultaram, ainda, na localização de dois pontos novos com indícios de ocupação ceramista temporária: PR SM C-4 de Tradição Tupiguarani e PR SM C-5, de Tradição Itararé e, do sítio PR SM 13: Rio das Pedras-4, vinculado à Tradição Tupiguarani.

Excetuando-se o sítio PR SM 10, estudado posteriormente, pois se caracterizava pela presença de uma estrutura subterrânea relacionada à tradição ceramista Itararé e, que pelas suas características, exigia escavação ampla e maior demanda de tempo, os demais foram delimitados, topografados e plotados em cartas planialtimétricas.

Nos sítios PR SM 9 e PR SM 12, que apresentavam perturbações resultantes do revolvimento do solo por atividades antrópicas, somente coletas superficiais e raspagens foram efetuadas. Entre as concentrações A, B e C do sítio PR SM 9 foram constatados os indícios PR SM C-8, de Tradição Itararé, no sítio PR SM 11, que conservava parte de sua área intacta, escavações e trincheiras foram executadas, expondo parcialmente pisos de habitações. Nele, durante os trabalhos, foram identificados os indícios PR SM C-10, de Tradição Itararé; situavam-se no espaço da Concentração C.

Em continuidade ao cronograma físico elaborado, a segunda etapa de campo foi executada entre os dias 08 de novembro e 07 de dezembro de 2007. As prospecções executadas nesta etapa resultaram na localização de 3 novos sítios arqueológicos: PR SM 14: Erveiras, de Tradição Tupiguarani, PR SM 15: Pinheiral e PR SM 16: Nhapindazal de Tradição Itararé e, do indício cerâmico PR SM C-6, também de tradição Itararé. Nas áreas das concentrações A, B e C do sítio PR SM 14, ocorreram os indícios PR SM C-9, de Tradição Itararé.

Foi abordada, ainda, a estrutura subterrânea cadastrada como PR SM 10: Rio das Pedras-2, de Tradição Itararé.

Foram efetuados, também, estudos complementares no sítio PR SM 13: Rio das Pedras-4, de Tradição Tupiguarani, o qual havia sido localizado durante as abordagens efetuadas na primeira etapa de campo e, não pôde ser trabalhado completamente naquela ocasião.

Dando prosseguimento ao Projeto de Salvamento Arqueológico, de acordo com o cronograma físico elaborado, pesquisas de campo foram executadas entre os dias 10 de janeiro e 08 de fevereiro de 2008. Nesta etapa foram estudadas duas estruturas subterrâneas que compunham o sítio de Tradição Itararé PR SM 17: Serelepe e, realizadas novas abordagens no sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3, de Tradição Tupiguarani, para complementação dos trabalhos nele realizados anteriormente. Foram registrados, ainda, os indícios cerâmicos PR SM C-7, de Tradição Tupiguarani, evidenciados em meio às estruturas subterrâneas do sítio PR SM 17.

A última etapa de campo foi realizada entre os dias 15 de maio e 13 de junho de 2008, sendo escavadas duas estruturas subterrâneas de Tradição Itararé: PR SM 18: Sassafrás e PR SM 19: Cedrinho. Foram realizadas, também, novas abordagens no sítio PR SM 16: Nhapiindazal, de mesma tradição, para complementação dos trabalhos nele realizados anteriormente.

Nessa etapa de campo, ainda, as obras relativas à implantação do desvio da Rodovia PR 364, que ligará São Mateus do Sul a Irati, foram monitoradas por arqueólogos do projeto (Foto 2).

Cortes-experimentais foram executados em todos os locais estudados, objetivando a delimitação da área de ocupação e, a evidenciação de espaços com adensamento ou concentração de material arqueológico.

As Atividades de Laboratório

As atividades de laboratório foram executadas de maneira contínua e compreenderam, durante todo o transcorrer do Projeto, a análise e interpretação do material coletado e o levantamento da bibliografia pertinente à área.

Relatórios Técnicos Parciais correspondentes às atividades desenvolvidas trimestralmente pelo Projeto foram encaminhados à empresa responsável pelo empreendimento e ao Iphan.

No último semestre do Projeto os estudos se direcionaram exclusivamente aos trabalhos laboratoriais, atendo-se à elaboração desta Monografia e aos painéis destinados à educação patrimonial.

A Metodologia de Laboratório

Os trabalhos efetuados pelo Projeto resultaram no registro de 11 sítios arqueológicos e 13 locais relacionados a indícios de ocupação temporária ou sítios destruídos pela ocupação moderna.

O material arqueológico lítico e cerâmico resgatado durante as etapas de campo, totalizou 132 coleções. Dezenove níveis de cortes-estratigráficos, apesar de receberem número de catálogo, mostraram-se estéreis de evidências arqueológicas. Correspondem ao Corte 8, nível 0-10cm, da Casa C do sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3 (N°C 4740) e ao Corte 1, nível 20-30cm da Casa C do sítio PR SM 14: Erveira (N°C 4861), ambos de Tradição Tupiguarani. Nos sítios da Tradição Itararé correspondem ao Corte 1, nível 345-365cm, da estrutura subterrânea do sítio PR SM 15: Pinheiral (N°C 4851), à Trincheira Zero-Norte (N°C 4856), ao Corte SO1, nível 185-205cm (N°C 5010), Corte NO1, níveis 185-205cm e 205-225cm (N°C 5014 e 5015), ao Corte SE1, nível 185-205cm (N°C 5018) e à Trincheira Zero-Oeste (N°C 5022)

realizados no sítio PR SM 16: Nhapindazal; à Trincheira Leste (N°C 5002) e ao Corte SE1, nível 206-258cm (N°C 5003) do sítio PR SM 18: Sassafrás e ao Corte 1, nível 112-186cm (N°C 5004) do sítio PR SM 19: Cedrinho.

Em laboratório foram manuseadas 8.660 peças. Após a sua preparação e restauração, o acervo reduziu-se a 7.104 peças. Considerando-se 6 sementes, 402 fragmentos de terra queimada e, 18 restos de pasta da Tradição Itararé, o total de peças manipuladas foi de 9.086 ou, 7.530 depois de preparadas (Tabelas em anexo).

As amostras coletadas passaram, primeiramente, por processo de limpeza e marcação, no qual cada peça recebeu o número de catálogo (N°C) relativo à operação de campo (Foto 21).

Para a análise do material cerâmico os procedimentos foram seqüenciais, executando-se primeiramente, a preparação das amostras (Foto 22). Essa operação consistiu no agrupamento de fragmentos de mesma peça na coleção, os quais foram colados. Durante a preparação, as coleções oriundas de escavações foram comparadas entre si objetivando-se, da mesma forma, a reunião de fragmentos de mesmo recipiente.

A preparação impediu a duplicação de peças, o que ocasionaria uma tipologia distorcida e, forneceu elementos mais seguros para a reconstrução de formas. Permitiu, também, quando possível, a restauração de peças para fins museológicos.

Preparadas as coleções, os fragmentos passaram por processo de separação de acordo com as modalidades de acabamento da superfície, em simples e decorados (Foto 23). Os decorados foram agrupados de acordo com o tipo de decoração apresentado: vermelho, pintado, corrugado, unglado, etc.

Classificadas as modalidades de acabamento da superfície, os fragmentos simples foram analisados quanto à sua pasta, sendo considerados a natureza e a granulometria dos antiplásticos, a textura, a cor e a queima, o aspecto da superfície, sua cor e dureza. Para o estabelecimento da dureza da superfície cerâmica foi utilizada a escala de F. Mohs, baseada na resistência oferecida pela superfície dos minerais ao risco: varia de 1 (talco) ao 10 (diamante). Nos fragmentos decorados, além da técnica empregada para a obtenção do tipo decorativo e o motivo plástico resultante foram observadas as variedades de pasta diagnosticadas nos tipos simples.

Os fragmentos de bordas, bojos e bases tiveram seus perfis desenhados e, foram usados para a reconstrução gráfica das formas e a classificação morfológica (Foto 24).

Para a análise do material lítico foi observada a natureza da matéria-prima empregada, a tecnologia usada para a sua obtenção ou aprimoramento e a sua função.

Em laboratório foram interpretados, também, os levantamentos topográficos das estruturas arqueológicas evidenciadas, as quais, além de informar sobre a sua extensão e composição possibilitaram, dentro dos parâmetros indicados pelas próprias estruturas, a sua classificação nas categorias funcionais como sítio-acampamento ou sítio-habitação.

As tarefas de laboratório compreenderam, ainda, o ordenamento de fichas de dados de campo, o preenchimento das fichas de cadastro dos sítios arqueológicos, a numeração, identificação e arquivamento de fotos digitais, de negativos fotográficos e de suas respectivas cópias, a confecção de mapas de localização dos sítios, as suas plantas individuais, as plantas dos espaços escavados, o arrolamento, análise e interpretação da bibliografia ambiental, arqueológica e etno-histórica pertinente à área.

Todas as informações obtidas através da análise, interpretação e datação do material arqueológico coletado, associados aos dados etno-históricos e ambientais compõem a presente Monografia.

RESULTADOS

Onze sítios e treze locais com indícios de implantações perturbadas foram registrados nos espaços trabalhados pelo Projeto. Entre os indícios, 8 pontos representam sítios-habitação ou acampamentos destruídos pela ocupação moderna, ou anteriormente, por grupos indígenas que reocuparam as áreas.

A análise dos sítios e dos traços recolhidos permitiu o seu agrupamento nas tradições arqueológicas ceramistas Itararé e Tupiguarani.

A mais representada nos espaços pesquisados foi a Tradição Itararé, com 6 sítios registrados e 11 indícios. Correspondendo à ocupação mais antiga, estavam sobrepostos por camadas ocupacionais de grupos da Tradição Tupiguarani.

Cinco sítios e dois indícios estão relacionados à Tradição Tupiguarani.

A Tradição Itararé

Sítios Arqueológicos

Os 6 sítios arqueológicos pertencentes a esta tradição encontravam-se nas proximidades de córregos, a distâncias variáveis

entre 72 e 156m de suas margens. Apenas um (PR SM 19) situava-se mais distante, a 322m de curso fluvial. Dois ocupavam o topo de elevações e 4, encostas suaves. Dispunham-se entre 7 e 59m acima do nível das águas dos córregos e, entre 838 e 859m acima do nível médio do mar.

Cinco estavam em áreas com mata secundária associadas com erva-mate e, um, em área utilizada agricolamente. Dois encontravam-se em meio a solo de coloração marrom; outros dois, em solo marrom-escuro; um em solo marrom-claro e outro em solo marrom-avermelhado. Em cinco, era de textura argilosa e, em um, argilo-arenoso. A estrutura subterrânea representada pelo sítio PR SM 16 foi aberta no argilito.

Ocupando áreas elípticas que variavam entre 21,19m² e 1.367,47m², todos eram compostos por estruturas subterrâneas, as quais mostravam perturbações causadas pelo crescimento de árvores e arbustos em seu interior. Quatro sofreram também alterações causadas pela ocupação moderna. Mostravam-se entulhadas com galhos e troncos, sendo usadas ainda como depósitos. Em seu interior foram encontrados fragmentos de vidros, tijolos, plásticos, etc. e, principalmente, embalagens contendo medicamentos.

Diferenciando-se dos demais, o sítio PR SM 10: Rio das Pedras-2, de maior área, era formado por dois espaços habitacionais: um situado no seu extremo sul era representado por uma área superficial com concentração de material com 571,48m². O outro, localizado no lado nordeste do sítio caracterizava-se por uma estrutura habitacional subterrânea circular com 8m de diâmetro (50,24m²).

No sítio PR SM 16: Nhapindazal, o diferencial estava representado por aterro que o circundava de norte ao sul, onde atingia 10,20m de largura, estendendo-se para seus lados leste e oeste.

O sítio PR SM 17: Serelepe, era formado por duas estruturas com 7m de diâmetro cada uma (38,46m²). Este foi cortado, em suas porções centrais, por estrada de acesso a plantações de erva-mate, a qual destruiu, no lado leste, parte do aterro junto à estrutura denominada B. Um aterro contornava a estrutura A e, outro, a parte norte da B. Neste sítio foram registradas 3 camadas ocupacionais na Estrutura A e, duas na Estrutura B.

Os sítios PR SM 15: Pinheiral e PR SM 18: Sassafrás mostraram-se estéreis de evidências habitacionais.

Finalmente, o sítio PR SM 19: Cedrinho era composto por uma estrutura subterrânea onde foram constatadas uma camada ocupacional e um aterro circular situado a leste. Este media 19,70x7,80m e 0,90m de altura.

No sítio PR SM 10, que apresentou material em superfície foram

realizadas coletas superficiais, além de cortes-estratigráficos na estrutura habitacional. Nos demais foram realizadas escavações amplas.

Sobreposição de ocupação por grupo de Tradição Tupiguarani foi registrada apenas no sítio PR SM 17: Serelepe. Corresponde aos indícios cerâmicos PR SM C-7.

Descrição dos Sítios Arqueológicos

PR SM 10: Rio das Pedras - 2 N^oC 4681, 4845 a 4849

UTM's: (22J) 0557473 - 7147361

Sítio-habituação localizado a 72m da margem esquerda de um córrego e a 196m da margem esquerda do rio das Pedras (Fig.10 e Fotos 3 e 4). Dispunha-se na encosta de uma elevação, 43m ao sul da estrada de acesso ao Distrito de Taquaral do Bugre. Encontrava-se 7m acima do nível das águas do córrego e, 14m das águas do rio (859m s.n.m.).

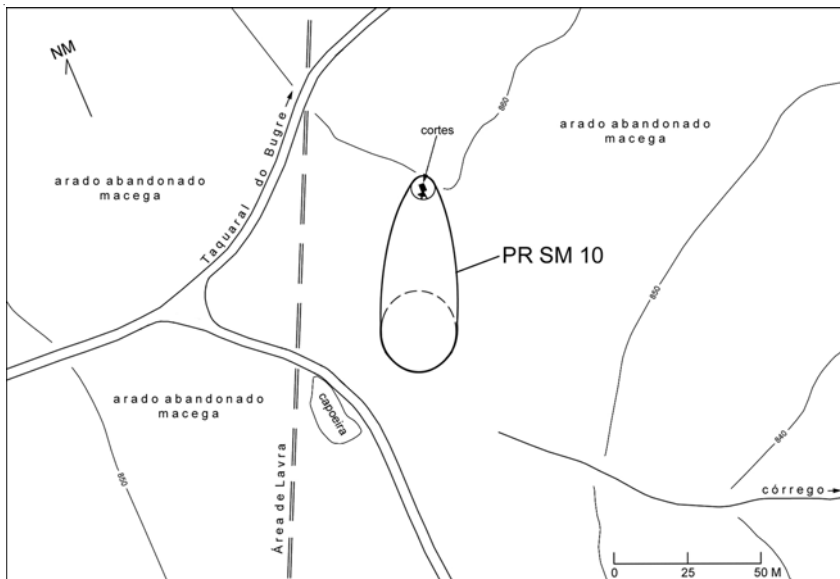


Figura 10. Localização e planta do sítio cerâmico PR SM 10: Rio das Pedras-2. A elipse tracejada indica área com concentração de material arqueológico e, a delimitada por linha cheia, estrutura subterrânea. Nela, os pontos escuros indicam os espaços escavados.

O local mostrava a superfície coberta por macega. Fora utilizado agricolamente, sofrendo ação de arado mecânico.

O solo, de coloração marrom-escuro, apresentava textura argilosa.

O sítio ocupava uma área com 67x26m (1.367,47m²). Era constituído por dois espaços habitacionais diferenciados: um, localizado

no seu extremo sul, era representado por uma área com concentração de material arqueológico em superfície. Medida 28x26m (571,48m²). O outro situava-se no extremo nordeste do sítio e caracterizava-se por uma estrutura subterrânea circular, com 8m de diâmetro (50,24m²).

Junto à concentração, somente coletas superficiais foram realizadas, em conseqüência das perturbações no solo ocasionadas pelas práticas agrícolas, as quais descaracterizaram a camada de ocupação.

Na estrutura subterrânea, cortes-estratigráficos foram executados. Para tanto, primeiramente seu interior necessitou de limpeza, entulhado que estava por lixo recente (vidros e plásticos) e troncos grandes de árvores e galhos carbonizados depositados por moradores locais há mais de 30 anos. Os troncos foram retirados com auxílio de trator. O entulho atingiu 310cm de profundidade. Em seu meio, entre 150 e 310cm, fragmentos cerâmicos esparsos foram registrados. Direcionavam-se ao centro da depressão, acompanhando a inclinação da parede erodida. Pela sua posição, indicavam que foram levados da superfície pela sedimentação ou, mesmo, pelo deslocamento dos troncos. Inicialmente foi executado um corte com 5m² no quadrante sudoeste da estrutura. A exposição de mancha com terra preta na porção nordeste do corte levou à abertura de outro, com 6m², junto à sua parede norte, direcionando-se à parte central da estrutura. Os cortes, com superfície irregular mostravam desnível para o centro da depressão (Fig. 11).

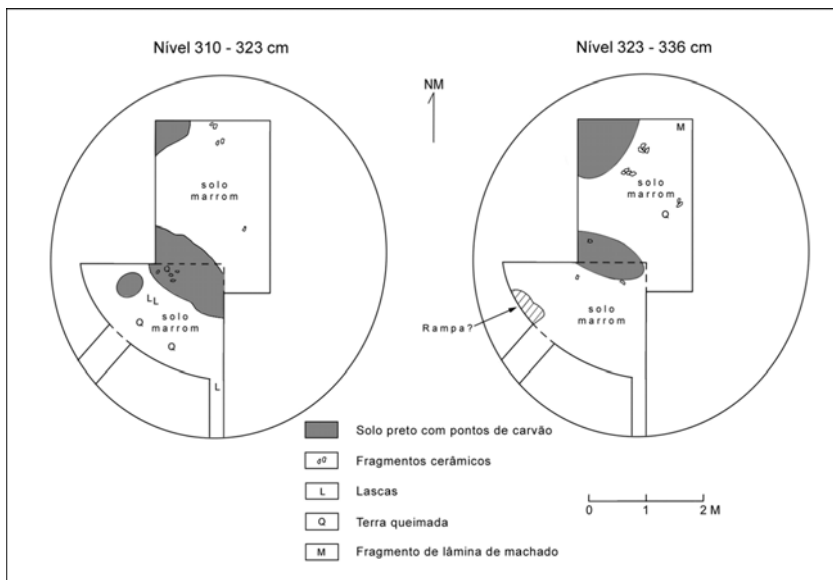


Figura 11. Planta da área escavada na estrutura subterrânea do sítio PR SM 10: Rio das Pedras-2.

A área exposta evidenciou três espaços com solo preto, diagnóstico de antigos fogões. O maior situava-se nas porções centrais da área escavada e, também, da estrutura. Outro, de menores dimensões estava a oeste do maior e, o terceiro no quadrante noroeste do espaço exposto. Entre os fogões o solo era de coloração marrom, com raras evidências arqueológicas.

Material arqueológico ocorreu entre 315 e 323cm de profundidade, junto ao solo escuro, o qual misturava-se com areia de enxurrada. Grandes fragmentos de carvão vegetal, coquinhos carbonizados e terra queimada foram comuns. As manchas com solo escuro diminuía em profundidade, atingindo 332cm. A alcançou 336cm. Na periferia dos espaços escuros as evidências arqueológicas eram esparsas (Fig. 12).

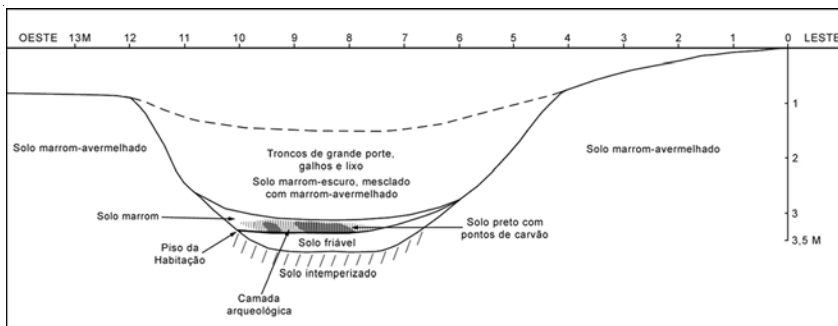


Figura 12. Perfil da estrutura subterrânea no sítio PR SM 10: Rio das Pedras-2, ao longo da linha leste-oeste.

As paredes da estrutura não chegaram a ser delimitadas completamente. No quadrante sudoeste do corte, entretanto, o piso mostrou-se mais elevado, de coloração mais avermelhada, friável e sem carvões. Em alguns pontos viam-se porções de argila vermelha e compacta, provavelmente correspondentes a porções ruídas das paredes.

Nesse quadrante, ainda, porção de terra argilosa, compacta e avermelhada foi constatada. Corresponderia, possivelmente a uma rampa de acesso ao interior da estrutura. Nas suas laterais o solo era friável e de coloração marrom.

Seguindo a linha mestra em orientação sul, trincheira com 50cm de largura foi executada, alcançando a parede da estrutura. Outra trincheira com 100cm de largura foi aberta partindo do quadrante em direção à parede sudoeste. Nelas o solo era marrom, estéril de evidências arqueológicas.

Na base do nível, corte-experimental efetuado revelou solo friável, estéril, por mais 30cm de profundidade. Abaixo encontrava-se rocha decomposta (elúvio).

PR SM 15: Pinheiral N^oC 4850 e 4851

UTM's: (22J) 0556973 - 7147195

Estrutura subterrânea localizada a 127m da margem direita de um córrego e a 273m da margem esquerda do rio das Pedras (Fig. 13 e Fotos 5 e 6). Ocupava a encosta de suave elevação, 6m acima do nível das águas dos cursos fluviais (849m s.n.m.).

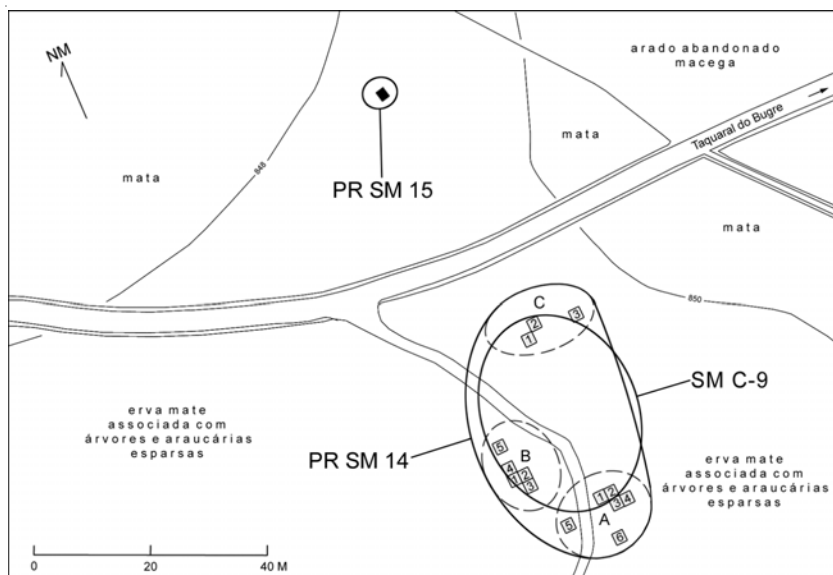


Figura 13. Localização do sítio PR SM 15: Pinheiral e dos indícios cerâmicos PR SM C-9, de Tradição Itararé, e PR SM 14: Erveiras, de Tradição Tupiguarani. As elipses tracejadas e alfabetadas no sítio PR SM 14 indicam áreas com concentração de material arqueológico e, os quadrados escuros numerados, os cortes-estratigráficos efetuados nas concentrações. No sítio PR SM 15, o quadrado escuro indica o espaço escavado na estrutura subterrânea.

O local estava com mata residual, com várias espécies, predominando pinheiros e erveiras. Os arredores, anteriormente utilizados para práticas agrícolas, estavam cobertos por macega.

O solo era argiloso, de coloração marrom.

O sítio era constituído por uma estrutura subterrânea. Em suas proximidades, nenhuma evidência arqueológica foi registrada em superfície ou profundidade.

A depressão, com 6,50m no sentido leste-oeste e 5,50m no sentido norte-sul (28,06m²), apresentava a borda perturbada por desmoronamentos, pelo crescimento de árvores, abertura de tocas de tatu e pisoteio. Mostrava as paredes norte e sul pouco inclinadas; a oeste era em rampa, assim como parte da leste, o que lhe conferia formato elíptico.

Seu interior estava entulhado com embalagens de vidro e plástico de veneno agrícola e produtos medicinais (lixo hospitalar), muitos reunidos em sacos. Retirado o lixo, que até 240cm de profundidade estava misturado com pouco solo, um corte-estratigráfico com 2,35m² foi aberto no centro da estrutura (Fig. 14).

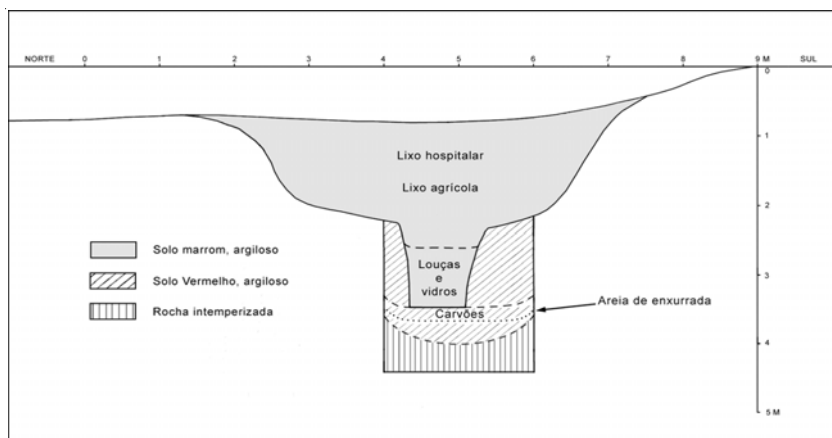


Figura 14. Perfil da parede Norte-Sul exposta na escavação do sítio PR SM 15: Pinheiral.

O solo argiloso e de coloração marrom, ainda entremeado por lixo agrícola, incidia nas porções centrais do corte, sendo ladeado, ao norte e ao sul, por solo argiloso avermelhado. Para baixo, o solo marrom estreitava-se, evidenciando um corte feito por moradores locais para deposição de lixo. Esse corte atingiu 340cm de profundidade. O solo avermelhado do entorno, depois predominante, aprofundou-se até 415cm na porção central da escavação, assentando no solo amarelado. Pedacos de rocha intemperizada amarela foram constatados em meio ao solo avermelhado, principalmente junto às paredes do corte-estratigráfico.

Na parte mais profunda do buraco aberto por moradores locais, entre 270 e 340cm, fragmentos de louças e vidros, nós de pinho e cascas de árvores carbonizadas dispunham-se no meio do solo marrom. Para baixo, no solo avermelhado, ocorreram esparsos fragmentos de carvão. Nesse estrato, com menos de 5cm de espessura, o solo avermelhado tornava-se mais escuro, tendendo para o marrom-escuro.

O estrato de solo com carvões assentava em uma superfície marcada por delgada camada de areia de enxurrada.

Nos dois últimos metros atingidos pela escavação o solo concentrava muita umidade, causando a sensação de “balanço” ou “flutuação” aos escavadores.

Além do estrato com carvões junto ao solo mais escuro, constatado entre 340 e 343cm de profundidade, não foram registradas evidências representativas de ocupação dessa estrutura subterrânea como habitação.

O embasamento formado por rocha intemperizada ocorreu aos 400cm de profundidade.

O sítio encontrava-se 952m a oeste do PR SM 10: Rio das Pedras-2 e, a 1.608m a sudeste do PR SM 16: Nhapindazal, ambos de Tradição Itararé.

PR SM 16: Nhapindazal N^oC 4852 a 4856 e 5010 a 5022
UTM's: (22J) 0556269 - 7147569

Sítio-habitação localizado a 156m da margem direita de um córrego e, a 216m da margem esquerda de outro, este afluente da Sanga da Onça (Fig. 15 e Fotos 7 e 8). Situava-se na encosta de suave elevação, 16m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial e 9m das do segundo (841m s.n.m.).

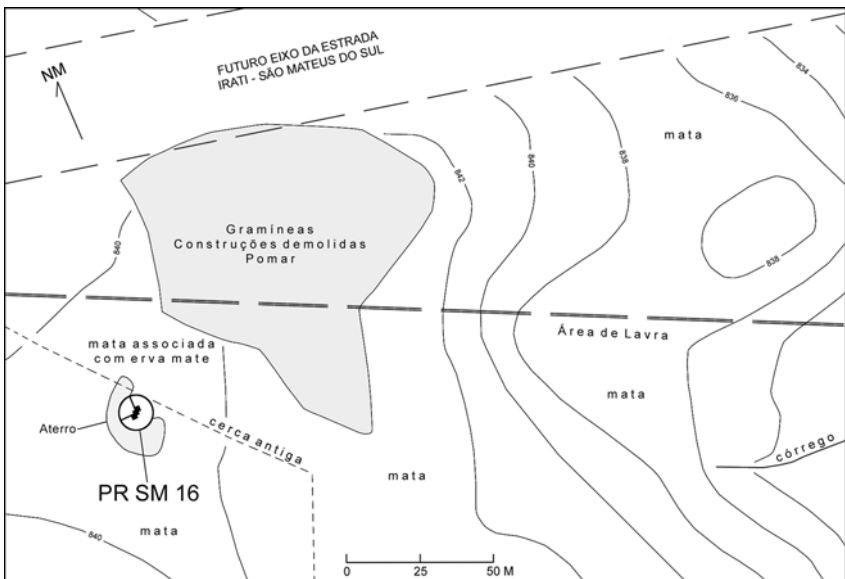


Figura 15. Localização do sítio cerâmico PR SM 16: Nhapindazal. O ponto escuro indica o espaço escavado na estrutura subterrânea.

O local estava com mata secundária associada a plantação de erva-mate.

O sítio, com uma área de 29,30x17m (391m²), era composto por uma estrutura habitacional subterrânea com 12m de diâmetro (113,04m²) e 185cm de profundidade circundada, do norte ao sul, por um aterro. A estrutura, com paredes inclinadas, apresentava em seu interior arbustos, gramas e árvores.

Cortes-estratigráficos, perfazendo um total de 10m² de área escavada, foram executados em suas porções centrais. Iniciando no seu quadrante nordeste, direcionaram-se para o quadrante sudoeste, acompanhando a tendência de aparecimento do material arqueológico (Fig. 16).

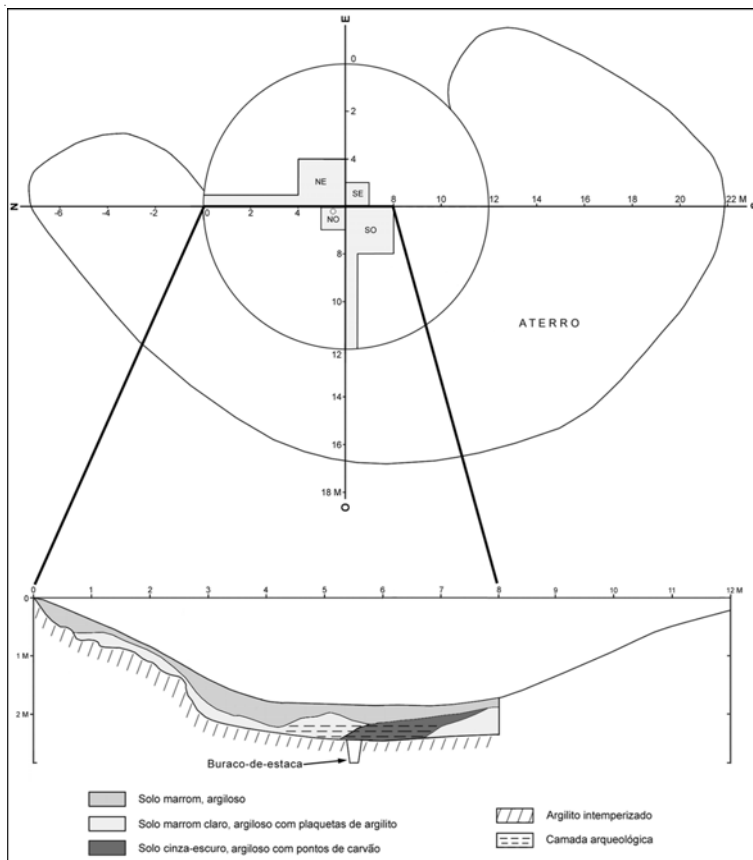


Figura 16. Planta da área exposta, perfil da parede oeste do corte-estratigráfico NE e da trincheira Linha Zero-Norte e, perfil da parede leste do corte-estratigráfico SO realizados na estrutura subterrânea do sítio PR SM 16: Nhapindazal e, localização do buraco de estaca.

Em toda a área exposta o solo mostrou-se argiloso, marrom e granuloso até 205cm de profundidade, quando se tornava mais argiloso e compacto, com plaquetas de argilito amarelado. Sobre ele ocorreram esparsos pontos de carvão.

Entre 185 e 205cm de profundidade foram comuns fragmentos de vidros planos e de recipientes, tijolos e nós de pinho alterados, introduzidos na depressão por moradores locais. Manchas de terra preta foram constatadas ao sul, resultantes de fogueiras recentes.

O solo argiloso, com grânulos de argilito, que se caracterizou aos 205cm de profundidade tinha cerca de 3cm de espessura. Abaixo dele mostrava-se argiloso, de tonalidade cinza-escuro e com carvões esparsos. Acompanhando a inclinação do terreno, o solo escuro era mais espesso nas porções centrais da estrutura, onde atingia 225cm de profundidade. Adelgçando para as laterais, essa camada, em aclave, limitava-se a 210cm de profundidade em direção às paredes da estrutura.

Sob ela se formava delgada linha de solo arenoso, como de enxurrada. Abaixo, o solo tornava-se argiloso novamente e de tonalidade marrom.

Em meio ao solo escuro e, nas porções limítrofes com o solo marrom pontos de carvão eram numerosos e, os fragmentos cerâmicos, que começaram a ser registrados aos 215cm de profundidade de forma esparsa mostraram-se, também, mais freqüentes. Entre 225 e 235cm de profundidade, antigo fogão com 2,10m de diâmetro foi caracterizado nas porções centrais da área escavada. Nele o solo era preto, com carvão e raros fragmentos cerâmicos até 247cm de profundidade, quando se tornavam comuns lâminas de argilito. No restante do corte o solo mostrava-se argiloso, marrom, mesclado com argilito, o que lhe dava tonalidade amarelada e, as evidências ocorriam esparsamente.

Depressões foram evidenciadas no canto noroeste da área escavada, a 242cm de profundidade. Uma, com 30x20cm de diâmetro e 17cm de profundidade resultava de perturbação causada por raiz de árvore; a outra, com 25cm de diâmetro, afundava verticalmente atingindo 280cm de profundidade. Afunilava na base, quando apresentava 15cm de diâmetro. Poderia corresponder a um buraco-de-estaca relacionado à cobertura da habitação.

O piso da habitação, em suave declive para o centro da estrutura encontrava-se sobre embasamento de argilito.

Perturbação foi constatada na área do fogão, em seu extremo norte. Caracterizava-se pela presença de um buraco preenchido com embalagens de vidros e plásticos contendo medicamentos e coquinhos secos.

Trincheiras com 50cm de largura e 4m de extensão foram executadas a partir da área escavada, em direção às paredes da estrutura. Uma acompanhou a linha norte-sul no sentido norte e, outra seguiu direção leste-oeste, sentido oeste.

Ambas expuseram o embasamento argilítico em profundidades variáveis em relação à superfície atual do terreno. O piso, caracterizado pelo embasamento, elevava-se suavemente nas trincheiras, por uma extensão com cerca de 1m horizontal. Deste ponto, o embasamento dirigia-se para cima, formando uma rampa convexa, com algumas irregularidades, provavelmente causadas pela presença de árvores. As irregularidades da rampa que se dirigia para o lado norte, entretanto, insinuava degraus.

Aterro em forma de crescente rodeava o lado sul da estrutura, estendendo-se para as laterais oeste e norte, nas partes de maior declividade do terreno. Decorrente da deposição do solo retirado durante a abertura da estrutura, era mais largo ao sul, onde atingia 10,20m.

A abertura das trincheiras permitiu a visualização do início do aterro circundante. A 1m de seu ponto zero na Trincheira Norte e do ponto 12 na Trincheira Oeste era visível o espessamento da camada de solo marrom, argiloso, o qual atingia 50cm de espessura. Nas partes mais elevadas do terreno, correspondentes aos pontos zero e 12 da estrutura, a espessura do solo atingiu cerca de 73cm. A nordeste o terreno original prosseguia plano por vários metros (Fig. 16). Cortes experimentais realizados no aterro mostraram-se estéreis.

No interior da estrutura, somente no trecho inicial das trincheiras, onde o piso era quase plano, foram constatados pontos de carvão entre o solo e o embasamento argilítico.

PR SM 17: Serelepe N°C 4882 a 4895

UTM's: (22J) 0556703 - 7147335

Sítio-habitação localizado a 181m da margem esquerda de um córrego, afluente da Sanga da Onça e, 95m da margem direita de outro (Fig. 17). Ocupava o topo de uma elevação com encosta suave voltada para nordeste, em direção ao primeiro córrego, 59m acima do nível de suas águas (851m s.n.m.).

No local e arredores havia gramíneas e arbustos, associados com mata secundária e restos de plantação de erva-mate.

O solo, de textura argilo-arenosa, era de coloração marrom-claro.

Cortado, no sentido norte-sul, por uma estrada secundária de acesso às antigas plantações de erva-mate, o sítio mostrava perturbações em suas porções centrais situadas entre as depressões e no lado nordeste.

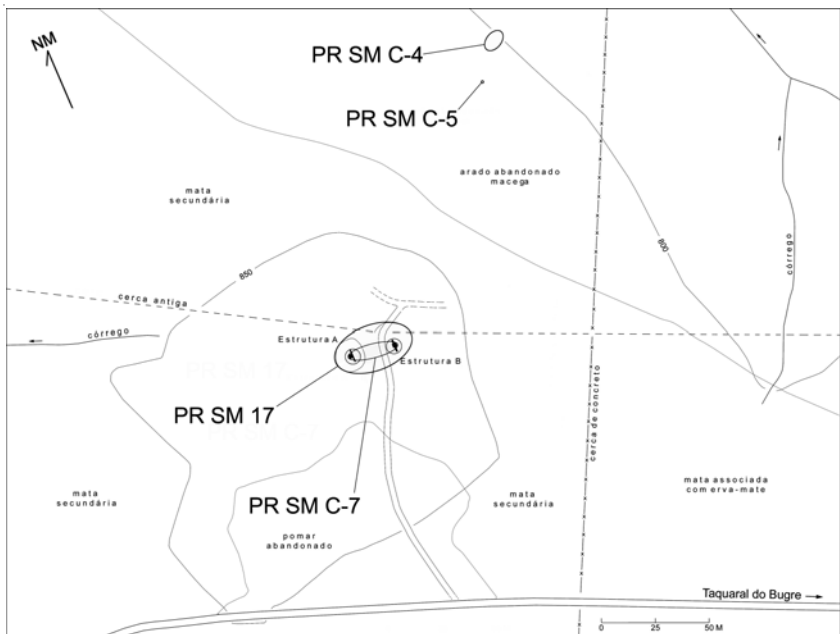


Figura 17. Localização do sítio PR SM 17: Serelepe e, dos indícios cerâmicos PR SM C-4 e PR SM C-7, de Tradição Tupiguarani e, dos indícios cerâmicos PR SM C-5, de Tradição Itararé.

Relacionado a atividade de combustão, solo alterado por calor intenso foi registrado a 14,50m a sudoeste da Estrutura B. Ocupando uma área elíptica com 4x3m (9,42m²), a estrutura queimada estava parcialmente exposta no leito de uma estrada, a qual impactou também uma das depressões. A outra parte encontrava-se coberta por solo granuloso e marrom que se aprofundou até 20cm. Abaixo dele, até 35cm, o solo era friável e de coloração preta, com fragmentos de terra queimada como a observada na porção exposta pela estrada. O embasamento dessa estrutura era constituído por solo argiloso compacto, de coloração marrom (Fig. 18).

Estéril de evidências arqueológicas em superfície, o sítio era composto por duas estruturas subterrâneas. Apresentava uma área total, considerando-se os anéis externos, de 37,5x21m (618,18m²). O espaço interno compreendendo as estruturas e o espaço entre elas era de 27x12m (254,34m²).

Nas estruturas subterrâneas, cortes-estratigráficos e trincheiras foram executados. As profundidades de ocupações, em ambas, foram determinadas pelo estabelecimento de duas linhas mestras dispostas nos sentidos norte-sul e leste-oeste, a partir da superfície atual do terreno.

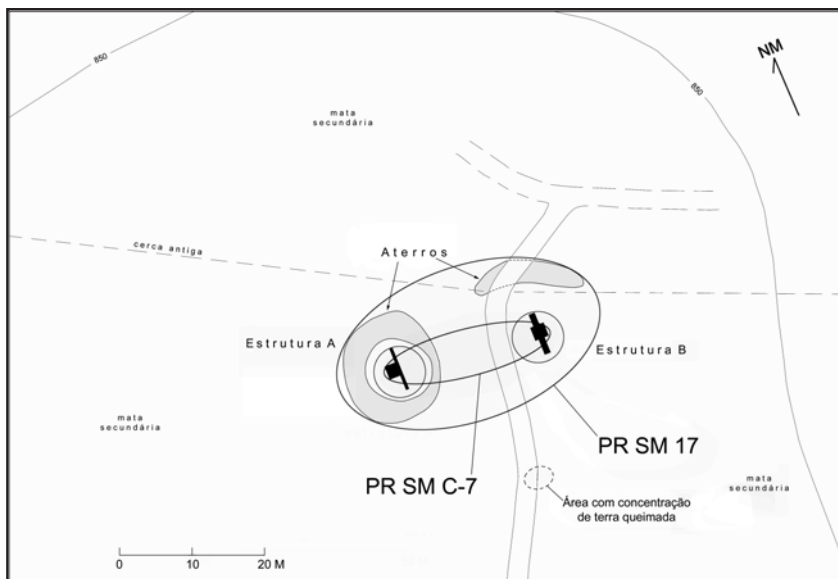


Figura 18. Planta do sítio PR SM 17: Serelepe, com a localização dos aterros externos das estruturas subterrâneas e, dos indícios cerâmicos PR SM C-7, de Tradição Tupiguarani. Os espaços escuros nas estruturas indicam áreas escavadas e trincheiras.

A Estrutura A, com 7m de diâmetro (38,46m²) situava-se no lado oeste do sítio, a 12,60m a oeste da Estrutura B, nas UTM's (22J) 0556695-7147333 (Fotos 9 e 10).

Apresentando uma depressão com 108cm, em relação à superfície atual do terreno, corte-estratigráfico com 4m² foi aberto em seu centro, sendo expostas três camadas de ocupação. Estas eram delgadas, com rarefeitas evidências arqueológicas, e se encontravam separadas por estratos de areia grossa resultantes de enxurradas e, por camadas de solo argiloso, marrom-avermelhado ou amarelado, depositadas pela erosão das paredes da estrutura (Fig.19).

Após a limpeza do seu interior, primeiramente foi retirada uma camada de solo com cerca de 16cm de espessura. De coloração preta, era humosa, e atingia 124cm de profundidade na porção central do corte, tornando-se mais delgada em direção aos seus extremos. Abaixo, até 145cm de profundidade, tornava-se marrom-claro e de textura argilo-arenosa. Entre 145 e 155cm mostrava tonalidade marrom-escuro. Nós de pinhos foram registrados a 130cm de profundidade. Eram numerosos, formando uma camada entre 135 e 140cm. Disponham-se no sentido sudoeste-nordeste e estavam associados a pontos de carvão e cascas de troncos de araucárias.

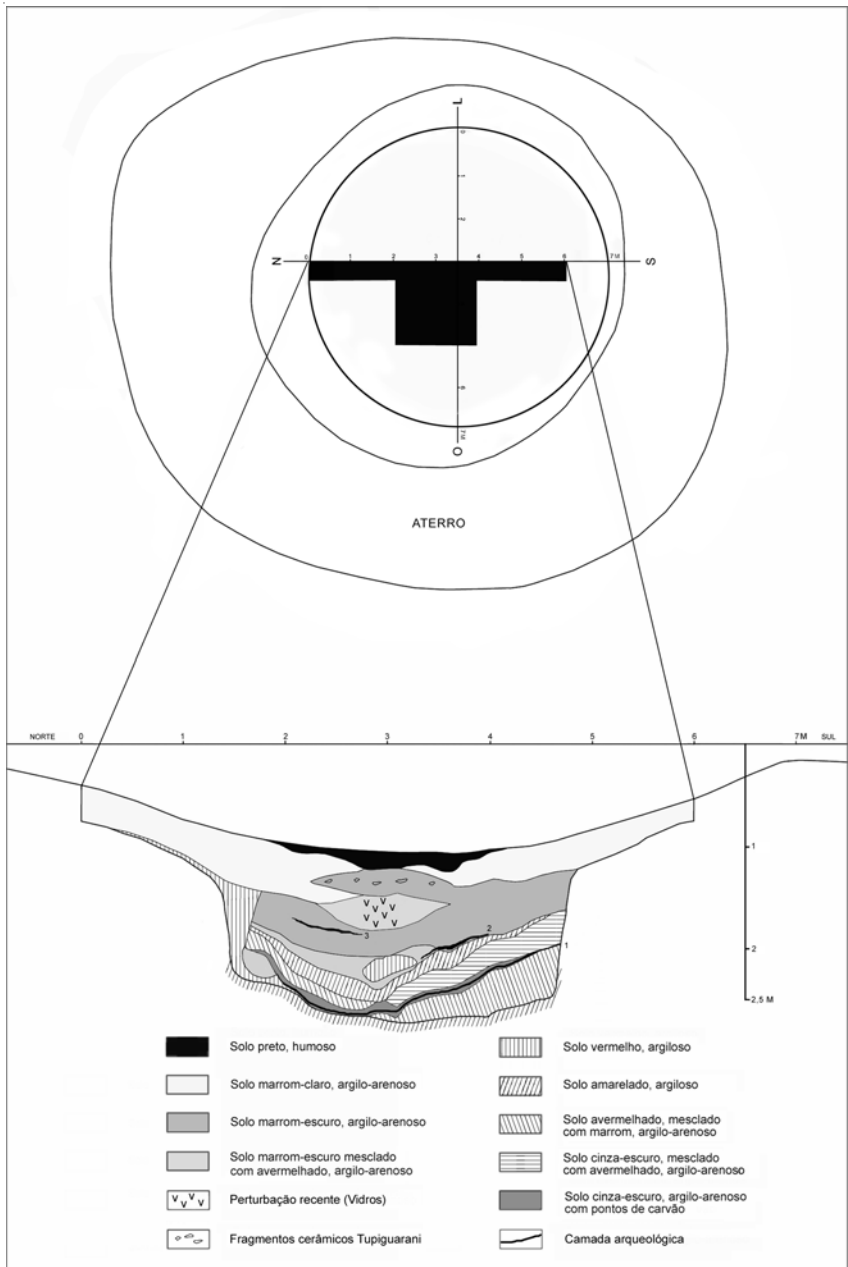


Figura 19. Perfil da parede leste do corte e das trincheiras norte-sul abertas na Estrutura A do sítio PR SM 17: Serelepe.

Perturbação recente foi registrada no lado leste do corte. Neste ponto, entre 124 e 150cm de profundidade, formava-se um bolsão de solo marrom-escuro. Abaixo, no bolsão, o solo marrom-escuro mesclava com avermelhado até 184cm, quando se mostrava, novamente, de tonalidade marrom-escuro até 210cm de profundidade. Entre 151 e 184cm, em uma área com 40x35cm de largura, em meio a solo granuloso, um depósito de frascos de remédios e defensivos agrícolas de vários tamanhos e formas cortava a camada de ocupação.

O solo marrom-escuro foi registrado até 163cm de profundidade junto à parede sul do corte. Abaixo mesclava com solo avermelhado, atingindo a profundidade máxima de 190cm.

A terceira ocupação, mais recente, foi registrada em meio a esse solo mesclado. Era formada por delgada camada inclinada para o centro, elevando-se para os lados. Fragmentos cerâmicos foram registrados a 180cm de profundidade junto à parede noroeste do corte, no limite do solo mesclado com outro, de tonalidade avermelhada e textura argilosa e, nas porções centrais da parede oeste, a 185cm. Esparsos pontos de carvão foram observados na parte central do corte, direcionando-se à parede oeste.

Abaixo dessa camada de ocupação, o solo era marrom-escuro, argilo-arenoso até 204cm de profundidade. Apenas nos cantos sudoeste e noroeste, resultante da erosão das paredes da estrutura, era avermelhado, argiloso, compacto, com poucos pedregulhos.

Na parede sul, nas porções medianas do corte, aos 210cm de profundidade, o solo mostrava tonalidade cinza-claro, textura argilosa e compacta, com rarefeitos fragmentos de carvão, mesclando com pontos de argila amarela compacta.

A segunda camada de ocupação foi constatada entre 200 e 210cm de profundidade no canto oeste, que era mais elevado. Com piso inclinado para o centro, apresentava esparsos fragmentos cerâmicos do centro da parede oeste em direção às suas porções centrais, onde atingia 220cm de profundidade. O solo era de tonalidade marrom-escuro, com alguns pontos de carvão. Esses eram mais numerosos nas proximidades do canto sudoeste, onde configurou-se um fogão com 100x30cm, composto por mancha de solo cinza-escuro, carvões e pinhão carbonizado. Este aprofundou até 215cm.

Sob essa camada, no lado leste do corte, entre 210 e 230cm de profundidade, foi exposta uma faixa com 53cm de espessura formada por solo vermelho e argiloso. Nos cantos sudeste e nordeste o solo era amarelado, argiloso. Ambos mergulhavam em direção às porções centrais do corte e correspondiam à deposição ocasionada pela erosão das paredes da estrutura.

A 230cm de profundidade, nos cantos sudoeste e noroeste do corte foi exposta a parede da estrutura que era formada por solo argiloso, compacto, vermelho, estéril. A partir dela, em declive à parede leste o solo mostrava coloração marrom-escuro e textura argilo-arenosa, com pontos de carvão. Atingia, junto à parede leste, 245cm de profundidade. Em seu meio, nas porções próximas às paredes oeste e sul, fragmentos cerâmicos foram registrados. Correspondiam às evidências da primeira ocupação da habitação, a mais antiga. Junto à parede sul do corte, direcionando-se ao canto sudeste o solo continuava compacto, de coloração cinza-escuro e com pontos de argila amarela.

Na parte central do corte, no sentido N-S, esse solo aprofundou até 270cm. Formava uma depressão com 60x50cm próximo à parede sul e, outra, com 50x40cm nas proximidades da parede norte. Da primeira partia uma linha estreita, como de raiz. Ambas estavam preenchidas com solo cinza-escuro e grandes pedaços de carvão, sugerindo a queima de raiz. Aprofundava, nesses pontos, até 295cm. Ainda no lado sul do corte era visível uma linha contínua de carvão entre 257 e 266cm de profundidade.

Abaixo o solo apresentava coloração vermelha e textura argilosa. Mostrava-se queimado até 275cm. Seguia-se solo amarelado, argiloso, intemperizado.

Partindo do corte, duas trincheiras foram abertas com orientação norte-sul. Ambas mediam 2m de comprimento e 0,50m de largura e mostravam a superfície coberta por arbustos, gramíneas e árvores de pequeno porte. Apresentavam delgada camada de húmus e, abaixo dela, camada de solo marrom-claro, argilo-arenoso, com espessuras variáveis.

Na Trincheira Norte, o solo marrom-claro atingia 43cm de profundidade junto à parede da estrutura, que era formada por terra vermelha, argilosa e compacta e foi evidenciada a 2m da parede norte do corte (Fig. 18). No início da trincheira, junto à parede do corte, o solo marrom-claro foi constatado até 1,50m de profundidade. Sob essa camada, decorrente da erosão da parede, lâmina de solo vermelho com cerca de 5cm de espessura foi registrada. Era mais espessa nas proximidades da parede. No piso da estrutura, a 232cm de profundidade mostrava-se delgada, com espessuras variáveis entre 6 e 8cm.

A partir da parede de solo vermelho e argiloso, direcionando-se à parte central da estrutura, seis camadas de solos sobrepostos foram observadas: adelgaçando em direção à parede da habitação, a primeira era composta por solo marrom-escuro, argilo-arenoso. Foi registrada entre 151 e 192cm de profundidade. A segunda era formada por solo marrom-escuro mesclado com avermelhado e ocorria até 2m. Entre 2 e 2,16m

mostrava tonalidade amarela. Era argiloso e compacto. A seguir, até 232cm de profundidade, era avermelhado e argiloso. Estava sobre uma camada de solo cinza-escuro, argiloso, com grandes fragmentos de carvão, os quais formavam uma linha contínua. Em toda a sua extensão a trincheira mostrou-se estéril de evidências arqueológicas.

Na Trincheira Sul a parede da habitação foi evidenciada a 78cm do lado sul do corte executado. Era composta por terra vermelha, argilosa e compacta e seguia em aclave até atingir a superfície atual do terreno. Dela, em direção ao interior da estrutura, camadas de solos depositadas pela ação dos ventos e chuva e, também pela erosão da parede foram constatadas: a primeira era formada por solo marrom-escuro, de textura argilo-arenosa; a segunda era amarelada e argilosa. Mostrava-se delgada nas proximidades da parede, adensando em direção às porções centrais da habitação. Seguia-se uma camada de solo cinza-escuro mesclado com vermelho e pontos de carvão que atingia 218cm de profundidade. Entre 218 e 224cm de profundidade via-se uma linha de solo cinza-escuro, argiloso e mesclado com argila branca. Essa camada seguia em aclave em direção à parede e, em seu meio, fragmento cerâmico foi coletado. Sob ela o solo mostrava-se avermelhado, argiloso até 268cm de profundidade. Estava diretamente sobre solo amarelado, argiloso, resultante da decomposição de argilito, correspondente à base da habitação.

A Estrutura subterrânea B foi localizada no lado leste do sítio, a 12,60m a leste da Estrutura A. Situava-se nas UTM's: (22J) 0556703 -7147335 e media 7m de diâmetro (38,46m²).

Superficialmente estava coberta por gramíneas, arbustos e com árvores de pequeno porte. Apresentava uma depressão com 116cm de profundidade a partir da superfície atual do terreno (Foto 11).

Corte-estratigráfico com 4m² foi executado em seu interior revelando duas ocupações por grupos ceramistas Itararé.

Retirada a camada de húmus, o solo apresentava coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa até 171cm de profundidade máxima junto à parede norte do corte. Decorrentes da erosão, deposição de solos diferenciados em declive para as porções centrais da estrutura foi registrada em meio à camada de solo marrom-claro. Formando bolsões, mostravam-se mais espessos nas porções medianas, adelgaçando para as laterais (Fig. 20).

No canto noroeste o solo marrom-claro atingia 175cm e mesclava com outro, de coloração marrom-escuro, o qual era visto até 187cm de profundidade formando uma linha contínua.

Abaixo do solo marrom-escuro, até 191cm de profundidade foi registrada camada de solo vermelho, argiloso.

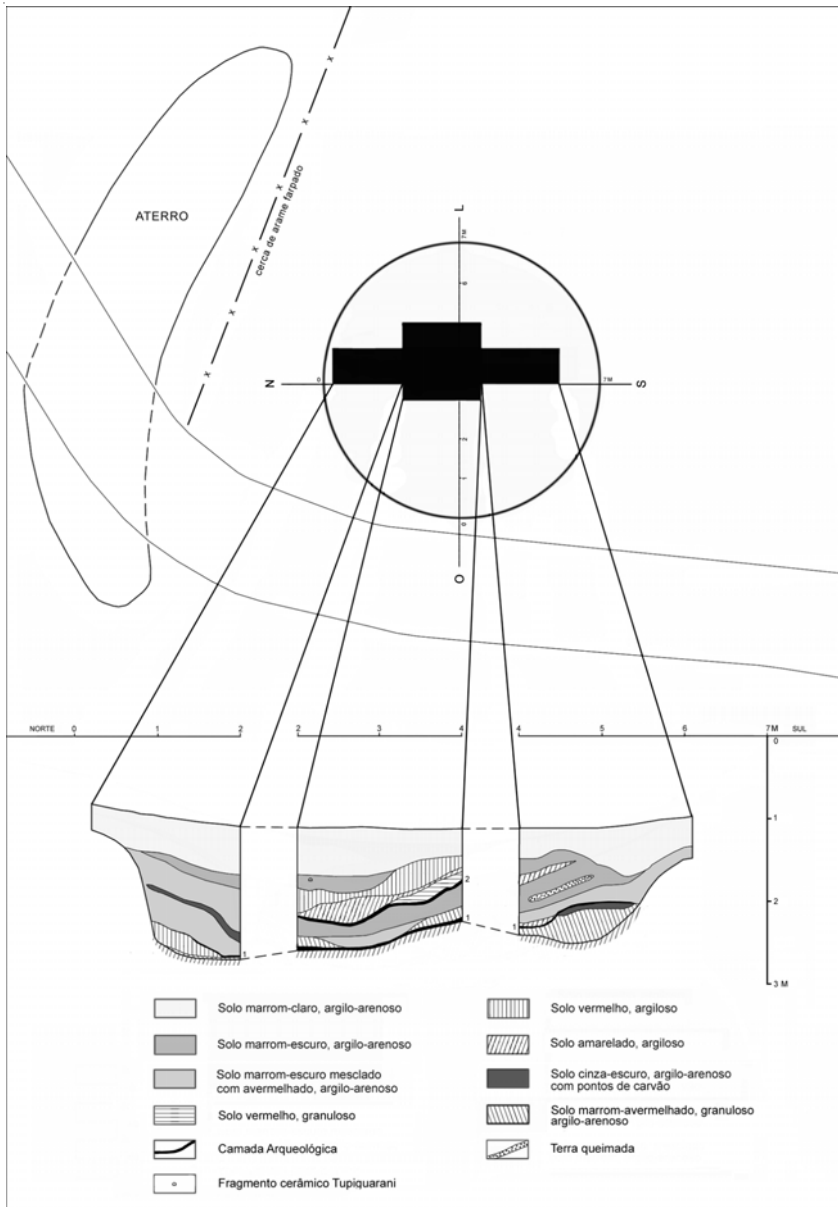


Figura 20. Perfil da parede oeste do corte e das trincheiras norte-sul abertas na Estrutura B do sítio PR SM 17: Serelepe.

Entre 191 e 207cm, formava-se uma linha de argila amarela compacta. Essa aumentava sua espessura do centro em direção à parede norte.

Abaixo, até 234cm, via-se solo marrom escuro, com grande quantidade de pedaços de terra queimada.

Junto à parede norte do corte, a partir de 192cm, o solo marrom-escuro, com pontos de carvão desapareceu, dando lugar a uma faixa de solo vermelho, argiloso e compacto até 220cm de profundidade. A seguir evidenciou-se uma camada de solo argiloso amarelado, mesclado com argila branca, resultante da erosão das paredes da estrutura. Essa camada ocorria em declive para a parede norte. Foi constatada a 162cm junto ao canto sudeste do corte e 173cm na parede sul. Sobre ela havia grande quantidade de pontos de carvão e pedaços de terra queimada.

O solo amarelado apresentava 25cm de espessura no centro do corte, adelgçando para as laterais. Ocorria até 211cm de profundidade junto à parede leste, 204cm na parede oeste e 227cm na parede norte.

Sob ela o solo tornava-se de coloração marrom-escuro, com textura argiloso-arenosa e pouco granulosa. Mostrava grande quantidade de fragmentos de terra queimada, principalmente das paredes sul e oeste em direção ao centro do corte, assim como pontos de carvão. Em direção às paredes norte e sul, a presença de terra queimada era mais esparsa. Correspondendo à segunda ocupação da estrutura, o solo escuro atingiu 242cm de profundidade na parede oeste, 217cm na parede sul, 236cm na parede norte e 218cm na parede noroeste do corte. Em seu meio, rarefeitos fragmentos cerâmicos foram registrados. A camada era delgada, com 5cm de espessura máxima. Linha de terra queimada foi observada do centro da parede norte em direção ao canto nordeste, a 235cm de profundidade.

Para baixo o solo, em declive até 273cm de profundidade, era predominantemente marrom-avermelhado e argiloso. Mesclava, no entanto, com marrom-escuro, um pouco granuloso e pedaços de terra queimada. Estéril de evidências arqueológicas assentava sobre camada de argila amarelada, compacta, relacionada à base da estrutura. Entre os dois solos ocorria delgada linha de solo avermelhado e granuloso. Media entre 5 e 8cm de espessura.

Mostrando piso irregular, com grande quantidade de carvão e esparsos fragmentos cerâmicos, aos 273cm de profundidade evidenciou-se a primeira ocupação da estrutura. Bolsão de argila de coloração cinza-escuro e textura fina e com espessura de 14cm foi registrado. Adelgçava em direção à parede leste do corte e atingiu 288cm de profundidade (Foto 12).

Trincheiras no sentido norte-sul foram abertas a partir do corte executado. Ambas apresentavam, abaixo da linha de húmus, camada de solo argilo-arenoso de coloração marrom-claro. Abaixo dela, outras, depositadas pela erosão, com texturas e colorações variadas, seguiam em declive para o interior da estrutura, acompanhando a estratigrafia observada na parede leste do corte (Fig. 20).

Na Trincheira Norte a parede da estrutura, formada por solo vermelho, argiloso e compacto foi evidenciada a 1,80m de comprimento em direção ao seu ponto zero. Representava o diâmetro máximo nesse extremo. Seguindo em declive em direção ao seu interior, junto ao piso foi evidenciada a 1,10m de distância da parede norte do corte.

Nela a camada arqueológica correspondente à ocupação mais recente da estrutura foi constatada entre 177 e 184cm de profundidade. Seguiu em aclive em direção norte, até o encontro da parede. A ocupação mais antiga foi registrada a 269cm de profundidade. Assentava diretamente sobre o piso da habitação, representado por solo argiloso compacto e de coloração amarelada.

Na Trincheira Sul, com 2,10m de comprimento e 0,80m de largura, a parede da estrutura foi evidenciada a 2m de distância da parede sul do corte efetuado. Mostrando-se, também, em declive em direção ao centro da habitação, sua base foi constatada a 1,20m de comprimento contados a partir da parede do corte.

A segunda ocupação, na Trincheira sul, acompanhava a declividade da parede e ocorria entre 179 e 185cm de profundidade, afunilando em sua direção. A primeira encontrava-se junto ao piso, sobre solo amarelado, argiloso e compacto, a 229cm de profundidade, subindo e adelgaçando próximo à parede.

Estéreis de evidências arqueológicas, as camadas de ocupação distinguem-se das demais pela presença de carvão, solo argilo-arenoso de tonalidade marrom-escuro e textura mais friável.

Aterros foram constatados junto às estruturas subterrâneas. Um deles contornava a Estrutura A, apresentando 1,00m de largura e 0,15m de altura no lado leste e larguras variando de 2,00 a 3,30m nos lados sul, oeste e norte, mantendo altura de 0,20m. O aterro ligado à Estrutura B encontrava-se 4m ao norte e tinha ligeiro formato de crescente: media 14,40m de comprimento e 3,20m de largura máxima, com altura de 0,30m. As partes mais largas do aterro que circundava a Estrutura A coincidiam com os declives mais acentuados do terreno. O aterro ao lado da Estrutura B, da mesma forma, corrigia o declive do terreno no lado norte.

Perturbação posterior por grupos da Tradição Tupiguarani foi constatada em meio às estruturas. Fragmentos de recipientes cerâmicos

relacionados a essa tradição ocorreram a 130 e 140cm de profundidade, junto à Estrutura A e, a 174cm de profundidade na Estrutura B. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SM C-7.

A 126m a noroeste, foi encontrado o indício cerâmico PR SM C-5, da Tradição Itararé.

PR SM 18: Sassafrás N°C 5002 e 5003

UTM's: (22J) 0557047 - 7146644

Estrutura subterrânea localizada a 367m da margem direita do rio das Pedras e, a 112m da margem esquerda de um córrego (Fig. 21). Ocupando a meia-encosta de uma elevação suave e com declividade voltada para noroeste, encontrava-se 9m acima do nível das águas do rio (838m s.n.m.).

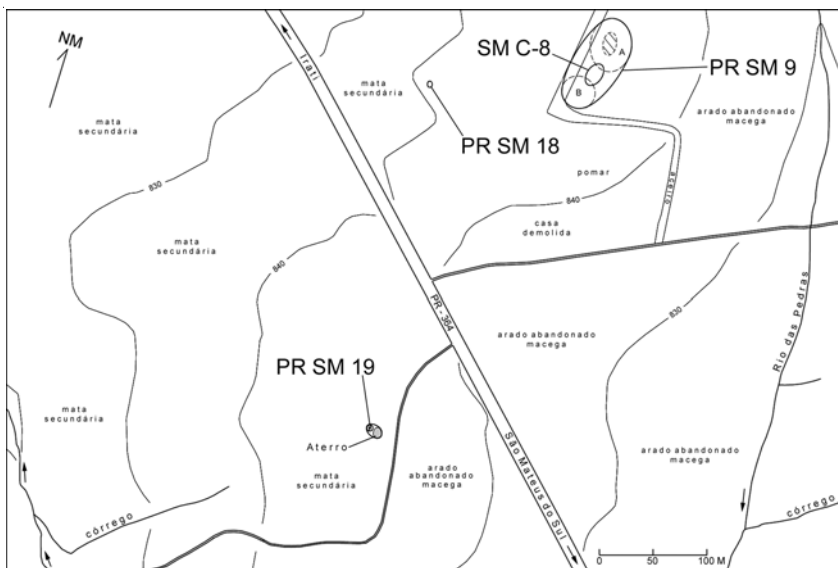


Figura 21. Localização dos sítios PR SM 18 e PR SM 19, e dos indícios cerâmicos PR SM C-8, de Tradição Itararé e do sítio PR SM 9, de Tradição Tupiguarani. As áreas tracejadas e alfabetadas no sítio PR SM 9 indicam áreas com concentração de material arqueológico e, a área hachurada na concentração A, espaço com adensamento de material.

No local e nos arredores havia mata secundária.

Composto por uma estrutura subterrânea, o sítio era estéril de evidências em superfície. A estrutura mostrava perturbações em suas porções centrais ocasionadas pelo crescimento de uma grande árvore e um coqueiro e, em suas laterais, por árvores de pequeno porte.

A estrutura, de formato elipsoidal, media 5,30x4,30m (17,89m²) e

orientava o seu eixo maior em sentido norte-sul. A depressão apresentava 219cm de profundidade a partir da superfície atual do terreno. Esta foi determinada através da fixação de duas linhas mestras dispostas nos sentidos norte-sul e leste-oeste.

Usando-as como referencial, primeiramente, uma trincheira com 5m de comprimento e 80cm de largura foi executada a partir das suas porções centrais em direção leste. Esse procedimento foi adotado, pois o crescimento de grande árvore em seu interior, além das perturbações causadas, limitava a abertura de todo seu interior através de cortes-estratigráficos amplos.

Superficialmente coberto por galhos e folhas secas, o interior da estrutura mostrava camada de solo preto e humoso com 15cm de espessura na parte central, adelgaçando em direção à parede leste, quando atingia 3cm.

Abaixo, decorrente da sedimentação causada pelas chuvas e ventos e a deposição de material orgânico, o solo tornava-se de coloração marrom-escuro e textura argilo-arenosa, um pouco friável. Formava uma camada com 20cm de espessura, entre 234 e 254cm de profundidade.

Mantendo a mesma tonalidade, a 254cm de profundidade mudava a textura, passando a se mostrar argiloso. Esse solo argiloso provavelmente estava associado com a erosão das paredes da estrutura. Atingia 278cm de profundidade na parte central da depressão. Afunilava em direção à parede leste, acompanhando-a. Junto ao ponto zero da linha mestra leste-oeste, onde a superfície atual do terreno iniciava aos 34cm de profundidade, o solo marrom-escuro foi registrado até 114cm de profundidade.

Na parte central da depressão, o solo escuro era cortado por grande quantidade de raízes e radículas.

Sob essa camada encontrava-se a base da estrutura, de coloração vermelha, textura argilosa e compacta que, em pontos esparsos, mesclava com grânulos de argila branca correspondentes a fragmentos de argillito intemperizado (Fig. 22).

Em toda a extensão da trincheira, a ausência de evidências arqueológicas e de grânulos de carvão vegetal, indicativos de ocupação humana, assim como a regularidade da tonalidade do solo, levou à ampliação da área escavada, com a abertura de corte-estratigráfico com 1,5x1m na sua parte central. Acompanhando a linha norte-sul, limitava-se com a parede sul da trincheira aberta no sentido leste-oeste.

No corte, a superfície atual do terreno, baseando-se nas linhas mestras, encontrava-se a 156cm de profundidade junto ao seu limite sul e, a 208cm junto à parede leste da trincheira. Apresentou a mesma

estratigrafia constatada na trincheira. Inicialmente uma delgada camada de solo preto e humoso, com 3cm de espessura, seguindo-se solo de coloração marrom-escuro com textura argilo-arenosa, tornando-se depois argiloso.

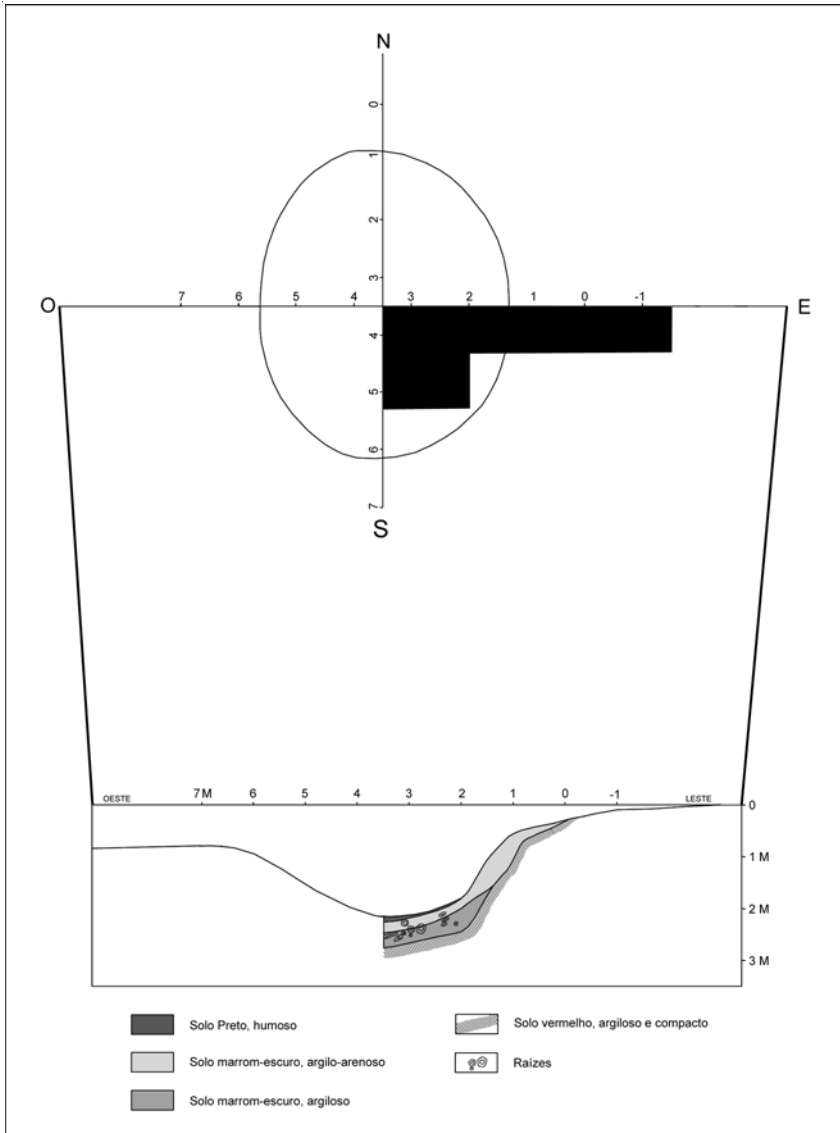


Figura 22. Perfil da parede norte da trincheira leste, aberta na estrutura do sítio PR SM 18: Sassafrás.

No limite sul do corte, acompanhando a linha norte-sul, o solo vermelho e argiloso correspondente à base da estrutura foi constatado a 226cm de profundidade. Elevava-se gradativamente em direção à parede. Na parede norte do corte, junto à trincheira leste, a base foi registrada a 258cm de profundidade. Seguia em declive em direção às suas porções centrais (Foto 13).

Assim como na trincheira, o corte mostrou-se estéril de evidências arqueológicas.

Cortes-experimentais foram realizados no corte, na base da estrutura. Atingiram 90cm de profundidade e mostraram-se estéreis. Um foi executado na linha leste-oeste, junto ao ponto zero. Estéril de material arqueológico, apresentou camada de solo marrom-escuro até 116cm de profundidade. Abaixo ocorria solo vermelho com pontos de argila branca de rocha intemperizada.

Outros cortes-experimentais foram realizados nos arredores e seguindo as linhas mestras cardeais, mas da mesma forma, nada revelaram.

Relativos à mesma tradição, os indícios PR SM C-8 foram encontrados a 140m a leste, na área do sítio PR SM 9, de Tradição Tupiguarani.

PR SM 19: Cedrinho NºC 5004 a 5009

UTM's: (22J) 0556987 - 7146321

Sítio-habitação localizado a 322m da margem direita de um córrego e, a 361m da margem direita do rio das Pedras (Fig. 21). Ocupava o topo plano de uma elevação com encostas suaves voltadas para o córrego e para o rio, 26m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial e 24m do segundo (846m s.n.m.).

No local e arredores conservava-se capão com mata secundária. Somente 36m a leste do sítio, em direção ao rio das Pedras, havia área antigamente utilizada agricolamente. No momento dos trabalhos, estava coberta por macega.

O solo no local e arredores era de coloração marrom-avermelhado, com textura argilosa.

O sítio media 14,35x9,55m (107,5m²). Era formado por uma estrutura subterrânea com 5m de diâmetro (15,70m²) e, um aterro com 9,70x7,80m (59,39m²) na base e 0,90m de altura.

Na estrutura, definidas as linhas mestras leste-oeste e norte-sul, após a limpeza do seu interior, coberto por galhos e folhas, foi aberto, em suas porções centrais, um corte-estratigráfico com 4m² que evidenciou a presença de uma camada arqueológica delgada, representativa de uma ocupação (Fig. 23).

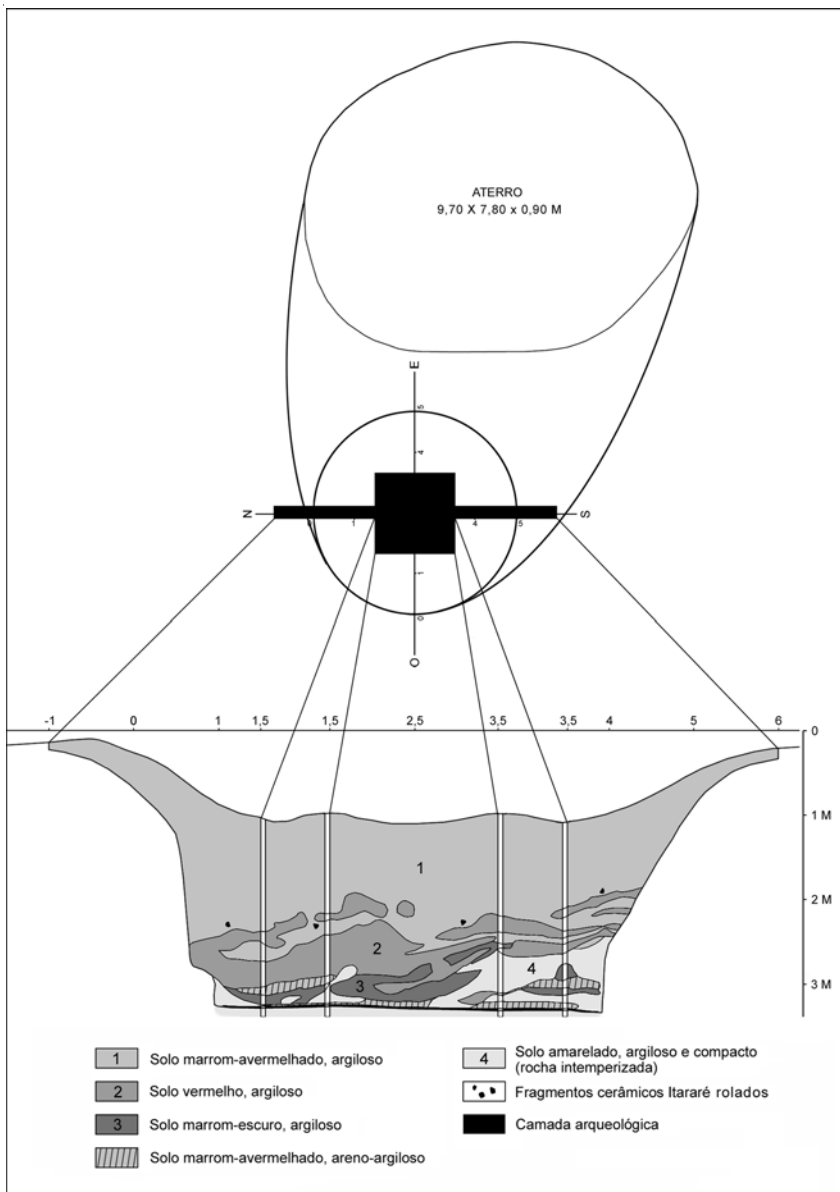


Figura 23. Perfil das paredes oeste, das trincheiras norte e sul e do corte-estratigráfico 1, abertos na estrutura do sítio PR SM 19: Cedrinho. A elipse a leste representa o aterro que compunha o sítio.

Na depressão a superfície, balizada através das linhas mestras,

iniciava em sua parte central, aos 98cm de profundidade em relação ao nível atual do terreno.

No corte executado, desde a superfície da estrutura até 185cm de profundidade, o solo apresentou coloração marrom-avermelhado e textura argilo-arenosa e granulosa.

Abaixo, mantendo a mesma tonalidade, modificava sua textura, mostrando-se argiloso. Foi registrado até 265cm de profundidade junto às paredes leste e oeste do corte. Era intercalado, a partir de 200cm de profundidade, por estratos de solo vermelho, argiloso e compacto resultantes da erosão das paredes da estrutura.

Sobre o solo vermelho, em meio a solo marrom-avermelhado, evidências arqueológicas representadas por esparsos fragmentos cerâmicos, pontos de carvão, uma lasca e um núcleo foram registradas. Ocorreram a partir de 188cm de profundidade nas proximidades da parede leste do corte, até 245cm junto à parede norte e correspondiam a material rolado.

A deposição do solo vermelho, argiloso e compacto erodido das paredes da estrutura seguia em declive na direção sudoeste-nordeste, formando uma camada espessa em direção à parede norte e aos cantos noroeste e nordeste do corte, onde ocorria até 292cm de profundidade. Adelgaçava na direção oposta, onde iniciava a 218cm de profundidade, interrompendo a 237cm. Neste ponto era intercalado, primeiramente, por lâmina delgada de solo marrom-avermelhado, argiloso e, depois, por lâmina de solo marrom-escuro, argiloso.

Abaixo da camada de solo vermelho e argiloso, aos 275cm de profundidade, constatou-se a deposição de solo marrom-escuro, argiloso. Em seu meio, infiltrações de solos marrom-avermelhado com texturas argilosa e areno-argilosa, além de pontos mesclados com solo amarelado, argiloso e compacto correspondentes a rocha intemperizada, foram observados das porções centrais do corte em direção à parede norte.

Diferenciando-se em direção à parede sul, abaixo do solo vermelho e argiloso, aos 250cm de profundidade, o solo mostrava coloração amarelada. Era argiloso e compacto. Correspondendo a argilito intemperizado, apresentava 83cm de espessura e mesclava com lâminas de solos com tonalidade e texturas variáveis entre o marrom-avermelhado, areno-argiloso e marrom-escuro, argiloso, assim como com bolsões de solo marrom-avermelhado e argiloso. Essa camada remete à escavação de espaços com argilito intemperizado, o qual, neste ponto, era predominante. Essa modificação na constituição do solo foi evidenciada também junto à parede sul da estrutura, a qual mostrava-se de coloração amarelada em continuidade à parede de cor avermelhada evidenciada nas suas porções superiores (Fig. 23).

A base da estrutura, assinalada pela presença de argilito intemperizado, era plana e foi evidenciada a 325cm de profundidade junto à parede norte da estrutura, a 328cm em suas porções centrais e, a 333cm junto à parede sul. Média 3,12m de diâmetro (Foto 14).

A camada arqueológica, com aproximadamente 3cm de espessura e correspondente à única ocupação da habitação encontrava-se sobre o argilito intemperizado. Nela ocorreram raros fragmentos de recipientes cerâmicos e pontos de carvão.

Partindo do corte, seguindo orientação norte-sul, duas trincheiras com 2,50m de comprimento e 60cm de largura também foram executadas. Apresentaram a mesma estratigrafia observada no corte, com pontos de carvão somente na base, nas proximidades das paredes do corte efetuado.

Compondo o sítio, a 1,5m a leste da estrutura habitacional encontrava-se um aterro com 59,39m² na base e 0,90m de altura. Formado, provavelmente, em consequência da deposição do solo retirado para a sua abertura, cortes experimentais nele executados nada revelaram, além de solo mesclado.

Evidências Arqueológicas Recuperadas: O Material Cerâmico

Nas coletas superficiais e cortes efetuados nos sítios desta tradição foram obtidos 311 fragmentos de recipientes e objetos cerâmicos (o número real de fragmentos manipulados antes da restauração foi de 601).

O material coletado nos sítios corresponde a vasilhas de pequenas dimensões confeccionadas pelas técnicas repuxada e acordelada nos jarros e acordelada nas tigelas.

Os recipientes apresentam contorno simples e, raramente composto. Representam tigelas, panela e jarros, com forma de meia-esfera, de cone truncado, globular e ovóide. As bordas são diretas extrovertidas ou introvertidas, expandidas, reforçadas externamente e extrovertidas. Os lábios das bordas mostram-se geralmente arredondados, mas também ocorrem os planos e apontados.

No bojo, os recipientes apresentam espessuras que variam de 2 a 9mm, predominando entre 3 e 5mm. Quando de espessuras maiores, os fragmentos correspondem a bases ou partes próximas a elas chegando, nestes casos, a atingir 12mm. As maiores espessuras incidem em bojões e bases de tigelas.

Em relação às bases, ocorrem as convexas (correspondendo a 62,50% da amostragem), côncavas (15%), planas (12,50%) e planas-anguladas (10%).

Fragmentos de bordas, bojões e bases, possibilitaram a identificação de 15 formas de recipientes (Fig. 24). Os jarros, que são

predominantes, apresentam boca circular com diâmetros variando de 6 a 14cm, predominando de 9 a 12cm. Em ordem decrescente de freqüência, estão representados pelas formas 25 (16,66%), com diâmetros de boca variando entre 7 e 12cm; 19 (13,88%), com diâmetros entre 6 e 12; 17 (11,11%), com diâmetros variando entre 6 e 9cm; 21 (11,11%), com diâmetros entre 7 e 14cm; 22 (8,34%), com diâmetros de 11 e 12cm; 18 (5,55%), com 10 e 11cm de diâmetro na boca; 16 (2,78%), com 6cm de diâmetro; 20 (2,78%), com 10cm de diâmetro e 24 (2,78%), com 8cm de diâmetro.

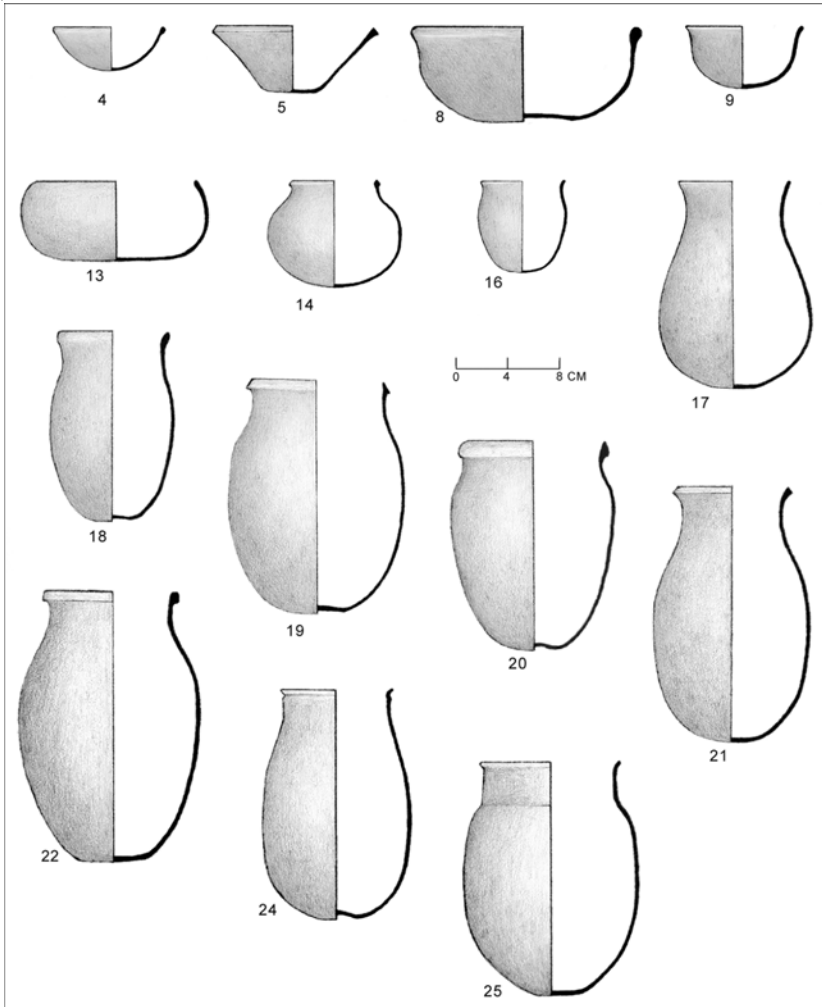


Figura 24. Formas reconstruídas do vasilhame da Tradição Itararé na área da Mina Dois Irmãos.

Apenas uma panela foi registrada no acervo. Corresponde à forma 14 (2,78%) e apresenta 6cm de diâmetro de boca. As tigelas, também com bocas circulares, têm diâmetros que variam de 8 a 14cm, predominando aquelas com 14cm. Estão presentes nas formas 9 (8,34%) com diâmetros de 8 e 14cm de boca; 13 (5,55%) com 10 e 14cm de diâmetros; 4 (2,78%) com 8cm de diâmetro e 8 (2,78%), com 14cm de diâmetro. Uma peça, com 11cm de boca, permaneceu inclassificada (2,78%).

Três jarros parcialmente restaurados indicam alturas de 14, 17 e 18cm, respectivamente (Foto 26, a-c).

Com dureza de superfícies variando de 2,5 a 3, conforme Mohs, algumas vasilhas conservam pequenas irregularidades na curvatura da boca e no seu acabamento, assim como na espessura das paredes e na simetria dos perfis.

Caracterizando-se, esta cerâmica, pelo acabamento simples da superfície, para sua classificação foi determinante a variedade e dimensões dos antiplásticos empregados para o tempero da pasta.

Da análise realizada resultaram dois tipos de pasta, denominadas Simples Grosso e Simples Fino, correspondentes a 20,32% e 78,87% da amostragem, respectivamente. Apresentando grânulos de quartzo como antiplástico predominante, a sua distribuição foi determinada pela granulometria: até 1,5mm de diâmetro no tipo Simples Fino e acima de 1,5mm no Simples Grosso. Com pastas comumente de textura arenosa (em poucos era argilosa), em alguns fragmentos foram utilizados também grânulos de argilito e hematita. Os últimos, inclusive, tornavam a pasta de coloração avermelhada. Dois exemplares conservavam gravetos carbonizados misturados à argila. A incidência do antiplástico variava nas diversas coleções, às vezes com raros e esparsos grânulos em umas e, em outras com abundância e boa distribuição.

Representando 0,81% da amostragem, como modalidade de acabamento, apenas uma vasilha foi classificada no tipo decorativo Engobo Vermelho, pois recebeu delgada película de coloração vermelho-claro em ambas as faces.

Outra forma de acabamento de superfície constatada foi o enegrecimento intencional das paredes. Atingindo as faces interna, externa ou ambas das vasilhas, o enegrecimento cobre toda a superfície de alguns exemplares, mas pode se restringir às porções superiores da peça, sendo interrompido próximo à base. A película preta contrasta com a coloração cinza-claro ou marrom-claro da superfície que a recebeu. O enegrecimento foi praticado principalmente nos jarros.

Na face interna dos jarros, na porção correspondente ao fundo

e início do bojo, é comum a presença de resíduos carbonizados. Os jarros também são os recipientes que mostram sinais externos do seu contato com o fogo para cozer alimentos ou processar bebidas.

Completam o acervo cerâmico 18 restos de pasta queimada. Correspondem a 13 pelotas de argila e a uma placa. Os outros 4 mostram-se de formato irregular. Com antiplásticos finos e grossos, em todos são visíveis marcas de dedos ou impressões de gravetos.

Cento e um fragmentos de terra alterada por combustão também foram coletados junto aos sítios desta tradição. De formatos irregulares, três conservam marcas de galhos e, uma, contorno parcial de estaca.

O material lítico

Nas coletas superficiais e cortes efetuados nos sítios desta tradição foram obtidas 155 evidências líticas, sendo constatadas as seguintes matérias-primas: basalto (19,35%), quartzito (18,06%), concreção de ferro (4,52%), arenito silicificado (3,87%), xisto (3,87%), arenito friável (1,29%), argilito (1,29%), quartzo (0,65%) e hematita (0,65%).

De sua análise e classificação resultaram 8 variedades de lascas e 4 de núcleos. Entre as lascas ocorreram 4 (2,58%) simples com crosta, correspondentes às primeiras retiradas de núcleos; 8 (5,16%) simples em forma de cunha, que representam um segundo momento do processo de lascamento, quando conservam somente pequenas porções de córtex do núcleo; 16 (10,32%) lascas preparadas, correspondentes àquelas retiradas das porções centrais do núcleo; 9 (5,81%) lascas utilizadas, aquelas que, pela forma, foram aproveitadas sem preparação maior; 1 (0,65%) lasca retocada, ou seja, que recebeu pequenos lascamentos de acabamento que lhe conferiu a forma adequada para utilização; 33 (21,29%) microlascas, pequenas lascas com dimensões inferiores a 25mm, resultantes dos lascamentos anteriores; 2 (1,29%) microlascas utilizadas, representadas por lascas diminutas utilizadas sem preparo intencional e 2 lâminas (1,29%), correspondentes a lascas que apresentam o eixo longitudinal duas vezes maior que o eixo transversal.

Os núcleos estão representados por 20 nódulos (12,90%), correspondentes a seixos-rolados sem vestígios de trabalho ou uso; 6 núcleos esgotados (3,87%), representados por seixos-rolados ou blocos que sofreram sucessivos lascamentos, mas que não apresentam indícios de uso como artefato; 6 núcleos utilizados (3,87%), inferindo instrumentos que apresentam sinais de utilização e 7 núcleos retocados (4,52%), artefatos que foram adaptados para determinado fim.

Completam o acervo 9 pedras gretadas (5,81%), representadas por blocos alterados pela ação do calor e 33 fragmentos atípicos (21,29%),

correspondentes a pequenos blocos de rocha e seus pedaços que não apresentam evidências de lascamento proposital nem uso.

Após essa primeira separação tipológica, as lascas, microlascas e núcleos passaram por um refinamento onde foram classificadas de acordo com os sinais de uso que apresentam decorrentes das ações de raspar, cortar, alisar, descarnar, etc.

As lascas utilizadas estão representadas por três facas elaboradas em silexito e arenito silicificado. Duas tiveram seu lado direito usado e, uma a extremidade distal. Os pequenos lascamentos de uso são vistos em ambas as faces junto ao bordo com ângulos inferiores a 40°. Apresentam dimensões entre 17x27x6 e 50x27x8mm. Quatro lascas de silexito foram utilizadas como raspadores laterais. Os sinais e uso ocorrem no lado direito de 2 e, no esquerdo de 2, com bordos variando de 25° a 30°. Limitam-se à face externa das peças. Suas dimensões variam entre 30x20x5 e 55x45x45mm. Um deles foi utilizado, associativamente, como raspador de extremidade. Apresenta lascamentos resultantes do uso na face externa de sua extremidade distal. Duas lascas de basalto correspondem a talhadores com dimensões de 80x85x45 e 150x85x35mm. Os sinais decorrentes da ação de talhar são vistos na extremidade distal de ambos, sendo mais intensos na face externa das peças. Os bordos ativos atingem 70° (Foto 25, a).

Apenas uma lasca de silexito com 42x44x12mm recebeu trabalhos de retoque. Pequenos lascamentos escamados foram executados marginalmente no lado direito da face externa do artefato, configurando-se um raspador lateral com 45° no bordo ativo.

Duas microlascas de silexito foram utilizadas: uma como faca e outra como raspador lateral. O primeiro artefato, com 20x23x7mm conserva sinais decorrentes do uso nas duas faces de todo o lado direito. O segundo, com 24x17x6mm mostra-os na face externa de todo seu lado esquerdo. O bordo ativo no primeiro mede 25° e, no segundo, 45°.

Entre os núcleos utilizados, um corante, representado por uma hematita com 22x15x10mm, apresenta sinais de raspagens nas extremidades.

Outro núcleo, este de basalto, foi utilizado como alisador. Corresponde a um fragmento colunar com 65x40x35mm e uma face desgastada pelo uso. Este artefato poderia, inclusive, corresponder a uma mão de pilão que, fragmentada, foi aproveitada como alisador. A peça conserva esmagamentos na porção restante de uma extremidade, que é convexa. Mostra uma das facetas, próxima a essa extremidade, alisada.

Dois núcleos tabulares de arenito friável, com 50x45x20 e 65x35x20mm, mostram uma face alisada pela abrasão. Correspondem a abrasadores planos.

Dois núcleos de quartzito referentes a um quebrador de coquinho e um triturador estão fragmentados. O primeiro, fragmento de seixo-rolado, conserva em uma face, parte de depressão com superfície picoteada que atinge 3mm na porção mais profunda, 40mm de diâmetro máximo e 18mm de diâmetro mínimo. O segundo, um núcleo multifacetado, sofreu lascamentos por percussão direta em um lado. A peça mostra desgastes intensos que chegaram a aplanar as arestas da periferia.

Entre os núcleos retocados, 4 correspondem a mãos-de-pilões. Uma, confeccionada em basalto, apesar de partida em suas porções medianas, pôde ser restaurada. Com a superfície regularizada por picoteamento e alisamento, apresenta-a intemperizada e com vários sulcos, estes provavelmente decorrentes da ação de arado. O picoteado é bem visível na extremidade distal e nas proximidades da extremidade oposta, onde são maiores, mais profundos e circundam a peça como um gargalo. Fusiforme, de secção circular, mostra a extremidade distal convexa e intensamente usada. A extremidade proximal é apontada. Com 2.400kg, mede 395x60mm (Foto 25, c). Três estão fragmentadas e foram elaboradas em granito, arenito silicificado e quartzito. Delas resta a porção mesial e, em uma, também a extremidade distal, que é levemente convexa. Esta mostra parte da extremidade quebrada arredondada posteriormente por picoteamento (Foto 25, d). Com superfície bem regularizada e polida, todas receberam picoteamento seguido de alisamento.

Dois núcleos representam fragmentos de lâminas de machado elaboradas em granito. De uma resta parte do corpo e lado que, pela curvatura, deveria situar-se nas proximidades da extremidade distal. De outra, a extremidade distal e parte do corpo (Foto 25, c). Esta, com gume biconvexo e levemente irregular medindo 75°, mostra as faces e lados convexos. Ambas receberam alisamento nas faces sobre picoteamento.

Finalmente, entre os núcleos retocados, um fragmento de arenito silicificado corresponde a uma porção da base e do bojo de um recipiente. Com faces bem alisadas, apresenta 7mm de espessura no bojo e 10mm no início da base convexa.

Para o lascamento inicial das peças foi utilizada a percussão direta.

Nos artefatos que receberam trabalhos de retoque ocorrem lascamentos escamados e picoteamento seguido de alisamento.

Uso associado de peças foi constatado somente em uma lasca utilizada como raspador lateral.

O Material Vegetal

Sementes de coquinhos jerivás (4) foram recuperadas no sítio PR SM 10. Duas estavam entre 310 e 323cm de profundidade e, outras duas, entre 323 e 332cm. Três estavam carbonizadas e, uma, seca e com perfurações de roedores. Ainda no mesmo sítio, entre 323 e 336cm de profundidade, dois fragmentos de pinhão carbonizados foram obtidos: um corresponde à metade distal e, outro, à extremidade distal.

Indícios Arqueológicos

Indícios de sítios destruídos relacionados a grupos ceramistas da Tradição Itararé foram encontrados em 13 pontos dos espaços pesquisados pelo Projeto. Estão representados por 3 indícios líticos e 10 cerâmicos. Os indícios líticos agregados a essa tradição apresentam, em seu acervo, material dela característico.

Encontravam-se entre 73 e 214m da margem de córregos, em altitudes que variavam de 816 a 869m acima do nível médio do mar.

Cinco incidiam no topo de elevações e, quatro, em área plana de crista alongada divisora de águas. Apenas um ocupava a meia encosta de suave elevação.

Em relação ao solo, em cinco era de coloração marrom-escuro. Entre eles, em quatro a textura era argilosa e em um, argilo-arenosa. Dois estavam em solo marrom-avermelhado, argiloso e um em solo de tonalidade marrom-avermelhado ao norte e marrom-escuro ao sul.

Os indícios líticos PR SM L-1 e PR SM L-2 ocupavam áreas com 16,48m² e 214,30m², respectivamente e representam ocupação rápida no primeiro e, sítio destruído no segundo. O ponto registrado como PR SM L-3 era formado por duas estruturas subterrâneas e constituía sítio-habitação. Localizado através de informações do proprietário da área, não pôde ser estudado por ocasião dos trabalhos do Projeto por se encontrar fora da sua área de abrangência.

Entre os indícios cerâmicos, pelas dimensões apresentadas, os anotados como PR SM C-1 (146,79m²), PR SM C-3 (282,60m²) e PR SM C-8 (214,31m²) corresponderiam a sítios-habitação destruídos pelas atividades agrícolas modernas. O PR SM C-2 (11,77m²) e PR SM C-5, representados por poucos fragmentos cerâmicos, podem indicar atividades ligadas a atividades de caça, coleta ou agricultura.

Quatro indícios foram sobrepostos por ocupações de grupos Tupiguarani. O PR SM C-8 ocorria superficialmente, em terreno perturbado, entre o extremo sul da Concentração A e o norte da Concentração B do sítio PR SM 9: Rio das Pedras-1.

Em três, correspondentes aos indícios cerâmicos PR SM C-6, C-9 e C-10, as evidências foram encontradas junto a cortes

estratigráficos. Os indícios PR SM C-6 foram registrados entre 22 e 25cm de profundidade, em uma área com 0,78m², misturados ao material do Corte 1, Concentração B, do sítio PR SM 13: Rio das Pedras-4. Nos indícios PR SM C-9, sobreposto pelo sítio PR SM 14: Erveiras o material ocorria entre 0 e 10cm de profundidade em meio aos cortes 1 e 2 efetuados nas concentrações A e C e em todos os cinco cortes realizados na concentração B. O indício PR SM C-10 mostrava-se sobreposto pela concentração C do sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3. As evidências foram constatadas entre 10 e 18cm de profundidade nos cortes e trincheiras nele efetuados.

Em todos os pontos e, em seus arredores, cortes-experimentais foram executados, mas nada revelaram.

Descrição dos Indícios Arqueológicos

PR SM L-1: Indício Lítico L-1 NºC 4684

UTM's: (22J) 0557833 - 7146221

Líticos localizados a 138m de uma nascente (Fig. 9). Encontravam-se em uma área levemente plana de um divisor de águas (854m s.n.m.).

O local e arredores foram mecanizados recentemente e estavam com restos da cultura anterior. A leste havia capoeira alta com bracinga.

O solo no local e arredores era de coloração marrom-escuro e textura argilosa.

O material arqueológico ocorria superficialmente em uma área com 7x3m (16,48m²). O local já vinha sendo mecanizado há anos.

PR SM L-2: Indício Lítico L-2 NºC 4685

UTM's: (22J) 0557877 - 7145869

Líticos localizados a 152m de uma nascente (Fig. 9). Situavam-se em área plana de uma crista alongada (866m s.n.m.).

O local encontrava-se arado. Nos arredores viam-se plantações de batata. A sudeste havia um capão de mata secundária e, a nordeste, estreita faixa de capoeira margeando uma nascente.

O solo, de coloração marrom-escuro e com textura argilosa, mesclava com marrom-avermelhado em alguns pontos, devido ao seu revolvimento quando da aração.

O material arqueológico foi recolhido superficialmente em uma área com 21x13m (214,30m²). Nas proximidades foi encontrada, pelo proprietário, uma lâmina de machado a, qual foi incorporada ao acervo.

Morador local informou que nas proximidades desta ocorrência havia uma estrutura subterrânea, a qual foi entulhada completamente durante as práticas agrícolas.

Suas dimensões remetem a sítio destruído pela ocupação moderna.

PR SM L-3: Indício Lítico L-3 N°C 5034

UTM: (22J) 0557803 - 7149932

Estrutura subterrânea e líticos localizados a 518m da margem direita do rio Taquara (873m s.n.m.).

Disponha-se no topo e em parte da alta encosta de uma elevação suave voltada para o curso fluvial, o qual mostrava suas margens cobertas por macegas.

O local e arredores apresentavam-se arados, com restos de plantação de milho.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado, e textura argilo-arenosa, do topo até a meia encosta; para baixo, tornava-se marrom-claro, com a mesma textura.

O sítio abrangia duas estruturas subterrâneas, a primeira constatada durante a etapa de diagnóstico, com 10m de diâmetro e, 2,50m de profundidade, localizava-se no topo da elevação. A segunda, de acordo com informações do proprietário, encontrava-se 51m a nordeste da primeira e foi soterrada pelo antigo proprietário. Ainda era possível ver uma leve depressão no local.

Algumas peças líticas foram coletadas nos arredores da estrutura situada no topo. Nenhum material cerâmico foi encontrado. Mão-de-pilão coletada no local pelo Sr. Irineu, proprietário da área foi doada à equipe.

O local corresponde a um sítio. Não foi estudado pelo projeto por encontrar-se distante de sua área de abrangência.

O ponto estava a 2.620m a nordeste do sítio PR SM 10: Rio das Pedras-2.

PR SM C-1: Indício Cerâmico C-1 N°C 4686

UTM's (22J) 0557967 - 7145680

Fragmentos cerâmicos e líticos localizados a 128m de uma nascente (Fig. 9). Encontravam-se em uma porção plana do terreno (869m s.n.m.).

O local e arredores estavam com plantação de milho e restos de cultura anterior. Ao norte havia um capão de mata secundária.

O solo no local e arredores era de coloração marrom-escuro e textura argilosa.

O material arqueológico ocorreu superficial e dispersamente em uma área com 17x11m (146,79m²).

Pelas suas dimensões, corresponderia a sítio destruído em decorrência das atividades antrópicas modernas.

PR SM C-2: Indício Cerâmico C-2 N°C 4687

UTM's: (22J) 0557932 - 7145226

Fragmentos cerâmicos localizados a 73m de uma nascente, afluente da margem direita do Rio das Pedras (859m s.n.m.) (Fig. 9).

Ocupavam a porção plana de uma elevação. O local e arredores foram mecanizados e encontravam-se com restos de cultivos. A sudeste havia um capão de mata secundária e uma linha de transmissão da Eletrosul.

O solo era de coloração marrom-escuro e textura argilosa.

O material arqueológico ocorreu superficialmente e disperso em uma área com 5x3m (11,77m²); poderia representar sítio-acampamento.

PR SM C-3: Indício Cerâmico C-3 N°C 4688

UTM's: (22J) 0556395 - 7148844

Fragmentos cerâmicos localizados no topo de uma elevação. Encontravam-se a 156m de uma nascente (816m s.n.m.), fora da área de abrangência do projeto. Estão assinalados na Figura 1, como indícios C-7.

O local e os arredores estavam com plantação recente de feijão. Ao sul e oeste o indício era margeado por estradas.

O solo era marrom avermelhado, de textura argilosa, com pequenos fragmentos de argilito.

O material arqueológico dispunha-se esparsa e superficialmente em uma área com 24x15m (282,60m²).

Suas dimensões indicam a presença de sítio destruído pela ocupação moderna.

PR SM C-5: Indício Cerâmico C-5 N°C 4762

UTM's: (22J) 0556745 - 7147465

Fragmentos cerâmicos localizados a 199m da margem esquerda de um córrego (Fig. 17). Estava na meia-encosta de suave elevação voltada para o curso fluvial (841m s.n.m.).

No local, com gramíneas e restos de plantação de milho, eram visíveis ainda os sulcos ocasionados pelo arado. A sudeste havia capoeira e, a sudoeste, área com mata.

O solo era de coloração marrom-avermelhado e de textura argilosa.

O indício, correspondente a um fragmento de recipiente cerâmico, encontrava-se 14m a sudoeste dos indícios cerâmicos PR SM C-4, de Tradição Tupiguarani.

PR SM C-6: Indício Cerâmico C-6 N°C 4872

UTM's: (22J) 0557094 - 7147009

Fragmentos cerâmicos localizados 152m da margem direita do rio das Pedras (847m s.n.m.).

Situavam-se no topo de uma elevação, junto à Concentração B do sítio PR SM 13: Rio das Pedras-4, de Tradição Tupiguarani (Fig. 25).

Encontravam-se nas porções centrais da concentração, no lado leste da área escavada. Estavam entre 22 e 25cm de profundidade e ocupavam uma área com 1m de diâmetro (0,78m²), junto a uma linha de solo escuro com pontos de carvão.

PR SM C-8: Indício Cerâmico C-8 N°C 5032

UTM's: (22J) 0557203 - 7146665

Fragmentos cerâmicos localizados a 214m da margem direita do rio das Pedras, 19 m acima do nível de suas águas (846m s.n.m.) (Fig. 21).

Encontravam-se no topo de uma elevação com a encosta suave voltada para o rio.

O local apresentava-se coberto com macega e restos de plantações de milho e feijão, sendo visíveis sinais dos sulcos do arado.

O solo apresentava textura argilosa, variando a sua coloração do marrom-avermelhado, em direção norte, ao marrom-escuro, em direção sul. Cortes-experimentais mostraram que na superfície era friável e, abaixo dos 5cm, compacto.

O material arqueológico ocorria por uma área com 21x13m (214,31m²). Era superficial.

Estava associado, entre o extremo sul da Concentração A e o norte da Concentração B do sítio PR SM 9: Rio das Pedras-1, com o material de tradição Tupiguarani.

Suas dimensões indicam sítio destruído pela ocupação moderna.

PR SM C-9: Indício Cerâmico C-9 N°C 5033

UTM's: (22J) 0557001 - 7147152

Fragmentos cerâmicos localizados a 238m da margem direita do rio das Pedras, 6 m acima do nível de suas águas (849m s.n.m.) (Figs. 13 e 25).

Disponham-se no topo e em parte da alta encosta de uma elevação suave voltada para o curso fluvial, o qual mostrava suas margens cobertas por macegas.

O local estava com mata secundária rarefeita associada com erva-mate. O solo era argilo-arenoso, granuloso e de coloração marrom-escuro.

O material arqueológico dispunha-se em uma área com 34x27m (720,63m²). Ocorria entre 0 e 10cm de profundidade, junto aos cortes-estratigráficos efetuados nas concentrações que compunham o sítio

PR SM 14: Erveiras, de Tradição Tupiguarani, foi registrado nos cortes 1 e 2 das concentrações A e C e, em todos os cortes da Concentração B.

Pelas suas dimensões, corresponde a sítio destruído pela ocupação recente.

PR SM C-10: Indício Cerâmico C-10 N°C 5035

UTM's: (22J) 0557111 - 7147256

Fragmentos cerâmicos localizados a 185m da margem direita do rio das Pedras, 8m acima do nível de suas águas (852m s.n.m.) (Fig 25).

Situavam-se na alta encosta de uma elevação, em local com mata secundária.

As evidências arqueológicas ocorriam no lado leste da Concentração C do sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3, de Tradição Tupiguarani, em uma área com 20x14m (219,80m²). Foram registradas entre 10 e 18cm de profundidade, em meio aos cortes-estratigráficos e trincheiras abertos no sítio.

Suas dimensões indicam sítio destruído pela ocupação recente.

Evidências Arqueológicas Recuperadas: O Material Cerâmico

Nas áreas dos indícios relacionados à Tradição Itararé, apenas 70 fragmentos cerâmicos foram obtidos (o número real de fragmentos manipulados foi 80), sendo constatadas duas variedades de pasta: Simples Grosso e Simples Fino que representam, respectivamente, 14,29% e 85,71% da coleção. Com pasta de textura arenosa, predominava como tempero areia fina. Raros grânulos de argilito e hematita ocorreram em poucos exemplares.

Apesar de alteradas pela erosão e intemperismo, era possível perceber que as peças receberam alisamento nas faces. Superfícies enegrecidas também foram constatadas em grande parte da amostragem.

Doze bordas possibilitaram a identificação de 6 formas de recipientes correspondentes a 11 jarros e uma tigela. Os jarros estão representados pelas formas: 18 (25% da coleção), com diâmetros de boca de 6, 10 e 12cm; 19 (25%), com 8, 9 e 14cm de diâmetro; 21 (25%), com 8, 12 e 14cm de diâmetro; 17 (8,34%), com 13cm de diâmetro e 20 (8,33%) com 13cm de diâmetro de boca. A tigela, com 13cm de boca, foi vinculada à forma 5 (Fig. 24).

Apenas duas bases foram recuperadas: uma é convexa e, a outra, côncava.

O Material Lítico

Cinquenta e sete evidências líticas foram coletadas junto aos pontos registrados como indícios desta tradição. As matérias-primas

identificadas foram: sílexito (73,70%), arenito silicificado (19,30%), basalto (1,75%), quartzito (1,75%), gnaisse (1,75%) e arenito friável (1,75%).

Entre as variedades de lascas, 2 (3,51% da amostragem) são simples com crosta; 8 (14,04%) correspondem às simples em forma de cunha, 5 são preparadas (8,77%) e, outras 5 mostram sinais de uso (8,77%). Vinte e duas (38,60%) são microlascas residuais e, 1 delas (1,75%) conserva sinais de utilização. Os núcleos estão representados por 10 esgotados (17,54%), 1 utilizado (1,75%) e 3 retocados (5,26%).

Os artefatos utilizados a partir de lascas estão representados por 1 faca, 1 raspador de extremidade, 1 raspador com escotadura, 1 goiva e 1 alisador. Todos correspondem a lascas de sílexito. A faca mede 28x19x7mm. Apresenta em ambas as faces e em todo o seu lado direito, com bordo de 25°, pequenos lascamentos de uso. O raspador de extremidade, com 35x30x17mm, foi utilizada na extremidade distal. Os lascamentos limitam-se à sua face interna e atingem todo o seu bordo ativo, o qual mede 60°. No raspador com escotadura, na sua extremidade distal, ocorre uma reentrância com 9x1mm e 45° de angulação, desgastada pelo uso. A peça mede 20x34x13mm. A goiva, com 37x30x15mm, apresenta o lado esquerdo arqueado e com intensos lascamentos resultantes do uso. Esses atingem todo o bordo ativo, que mede 30°, mas limitam-se à sua face interna. Uma peça, com 32x27x12mm, foi usada para alisamento. Mostra o bordo da extremidade distal arredondado e polido.

Uma microlasca de sílexito foi utilizada como raspador de extremidade. Os pequenos lascamentos decorrentes do uso são vistos na face externa de sua extremidade distal. A peça, com bordo ativo de 40°, mede 18x21x7mm.

Um núcleo de quartzito com 70x70x37mm foi utilizado como triturador. O seixo apresenta em uma extremidade, um lascamento anterior ao uso. Nela encontram-se intensos esmagamentos provocados pela ação de triturar. Suas arestas também mostram-se esmagadas e avançam um pouco para os lados.

Entre os núcleos retocados estão uma lâmina de machado, uma mão de pilão e uma plaqueta fragmentada. A lâmina de machado foi elaborada em basalto. Recebeu alisamento na superfície, mas não se nota preparação anterior por picoteamento. Seu gume, medindo 80°, mostra-se arredondado em função do uso. A peça sofreu intemperismo (Foto 25, b). Foi encontrada junto aos indícios PR SM L-2, nas proximidades de uma estrutura subterrânea.⁶ Em gnaisse foi confeccionada a mão de pilão. Corresponde a um núcleo cilíndrico com

⁶ Artefato doado pelo Sr. José Vani Popuaski.

585x75x70mm, que afunila em direção à extremidade proximal, a qual mostra-se quebrada em bisel. A extremidade distal é convexa e lisa. O artefato, de secção tendendo para circular, apesar de receber alisamento na superfície, mostra-a sem regularização em algumas depressões (Foto 25, f). O artefato pesa 5,150kg.

O fragmento de plaqueta foi localizado junto ao indício PR SM C-9. Elaborada em arenito friável, sua função não é conhecida. O artefato tem secção cilíndrica e mostra as faces convexas e bem alisadas.

A percussão direta foi a técnica inicial utilizada para o lascamento das peças. Para o retoque, o picoteamento, e o alisamento.

A Tradição Tupiguarani

Sítios Arqueológicos

Vinculados a esta tradição foram registrados 5 sítios arqueológicos. Implantados nas proximidades de cursos fluviais, entre 186 e 214m de distância, situavam-se, entre 5 e 23m de altitude em relação ao nível de suas águas e, entre 841 e 852m acima do nível médio do mar.

Dispondo-se no topo de elevações suaves, dois estendiam-se também em parte das encostas. Quatro ocupavam terreno argiloso e um, argilo-arenoso. O solo era de coloração marrom-avermelhado em dois, marrom em outros dois e, marrom-claro em um.

Dois locais (PR SM 9 e PR SM 12) foram utilizados para práticas agrícolas e estavam cobertos com macega e restos de antigos cultivos. Dois (PR SM 11 e PR SM 13) mostravam parte da área com resíduos de plantações e, parte com mata secundária rarefeita. Além dessas alterações, o sítio PR SM 11 teve suas porções centrais cortadas por uma estrada e, o lado sul, pela abertura de um aceiro para proteção da mata. Apenas o PR SM 14 encontrava-se em área com mata secundária associada a erva-mate.

Os sítios ocupavam áreas elípticas variando entre 1.017,36m² e 9.708,09m² e, apesar de alterados em consequência da ocupação moderna, em 4 foi possível a delimitação de áreas com concentração de material arqueológico.

No sítio PR SM 9, foram delimitadas duas concentrações com 49x38m (1.461,67m²) e 31x30m (730,05m²) e, um espaço com adensamento junto à Concentração A com 21x12m (197,82m²). No PR SM 11, de maior área (9.708,09m²), três concentrações foram constatadas. Mediam 71x38m (2.117,93m²), 40x25m (785m²) e 44x17m (587,18m²), respectivamente. Um adensamento com 19m de diâmetro

(283,38m²) foi registrado na Concentração A. O sítio PR SM 13 era constituído por duas concentrações com 32x28m (703,36m²) e 19x16m (238,64m²) e, o sítio PR SM 14, por três. Estas mediam 17x14m (186,83m²), 16x12,5 (157m²) e 19x11m (164,07m²).

Somente no sítio PR SM 12, com 54x38m (1.610,82m²), não foram observadas manchas ou áreas com concentrações de material arqueológico. Nele apenas coletas superficiais foram realizadas. No sítio PR SM 9, da mesma forma, foi possível apenas a execução de coletas superficiais setorizadas. Nos demais, além de coletas de superfície, cortes-estratigráficos foram executados, expondo espaços amplos das antigas habitações. Neles a camada de ocupação ocorria entre 15 e 18cm de profundidade, raramente atingindo 21cm, em solo de coloração marrom escuro.

Sobreposições de ocupações foram registradas em 4 sítios. Representadas por grupos da Tradição Itararé, no sítio PR SM 9: Rio das Pedras-1, o material arqueológico era encontrado superficialmente entre o extremo sul da Concentração A e o norte da Concentração B. Corresponde aos indícios cerâmicos PR SM C-8. No sítio PR SM 13: Rio das Pedras-4, as evidências encontravam-se nas porções centrais da Concentração B, no lado leste da área escavada. Estavam entre 22 e 25cm de profundidade. No sítio PR SM 14: Erveiras, ocorriam entre 0 e 10cm de profundidade, junto aos cortes-estratigráficos 1 e 2 efetuados nas concentrações A e C e, em todos os cortes realizados na Concentração B. Correspondem ao PR SM C-9. Também em profundidade foram constatados os indícios cerâmicos PR SM C-10. O material foi registrado entre 10 e 18cm de profundidade, em meio aos cortes-estratigráficos e trincheiras abertos no sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3.

Descrição dos Sítios Arqueológicos

PR SM 9: Rio das Pedras-1 N^oC 4678, 4679 e 4680

UTM's: (22J) 0557203 - 7146665

Sítio habitação localizado a 198m da margem direita do Rio das Pedras, 19m acima do nível de suas águas (846m s.n.m.).

Ocupava o topo de uma elevação com a encosta voltada para o rio (Fig. 21 e Foto 15).

O local encontrava-se coberto com macega. Eram visíveis, no entanto, sulcos de arado e restos de plantações de milho e feijão. Nos arredores além de macega ao norte e leste, via-se faixa com mata secundária a oeste e, uma linha de eucaliptos ao sul.

O solo era marrom-avermelhado, argiloso. Ao sul mostrava coloração marrom, mantendo a mesma textura.

O material arqueológico ocorria em uma área com 93x42m (3.066,21m²). Era superficial.

Apesar de ter a camada de ocupação descaracterizada, dois espaços com concentração de material puderam ser delimitados. A Concentração A, com 49x38m (1.461,67m²) situava-se no topo da elevação, no lado norte do sítio. Em sua porção central, em uma área com 21x12m (197,82m²), o material era mais numeroso e tendia a formar adensamento. A Concentração B ocupava parte do topo e a alta-encosta. Estava 18m a sudoeste da Concentração A. Media 31x30m (730,05m²).

Somente coletas superficiais setORIZADAS foram executadas. Cortes experimentais efetuados nada evidenciaram em profundidade. Neles o solo era friável até 5cm de profundidade, compactando para baixo.

Material de Tradição Itararé ocorria entre o extremo sul da Concentração A e o norte da Concentração B do sítio, indicando que o local fora sobreposto por grupo Tupiguarani.

PR SM 11: Rio das Pedras-3 N^oC 4682 e 4721 a 4759 e 4896 a 4905

UTM's: (22J) 0557111 - 7147256

Sítio habitação localizado a 111m da margem direita do Rio das Pedras e, 8m acima do nível de suas águas (852m s.n.m.).

Disponha-se no topo e em parte da alta-encosta de uma elevação suave voltada para o curso fluvial, o qual mostrava suas margens cobertas por macegas (Fig. 25 e Foto 16).

O local fora parcialmente utilizado para agricultura. Ao norte, sul e leste apresentava a superfície com macega, sulcos resultantes de antigas arações e restos de cultivos de milho. Em sua parte central via-se faixa com capoeira e, a oeste, área com mata.

O solo mostrava coloração marrom e textura argilosa.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 149x83m (9.708,09m²). Eram numerosas, formando três concentrações situadas em seu lado norte, sudeste e sudoeste, respectivamente.

Além das perturbações em decorrência das atividades agrícolas anteriormente praticadas, o sítio sofreu alterações em suas porções centrais, no sentido leste-oeste, pela estrada de acesso a Taquaral do Bugre. Em seu lado sul, também no sentido leste-oeste, foi descaracterizado em virtude da abertura de aceiro para proteção da mata. Este atingia a Concentração B em sua parte central e, a porção nordeste da Concentração C.

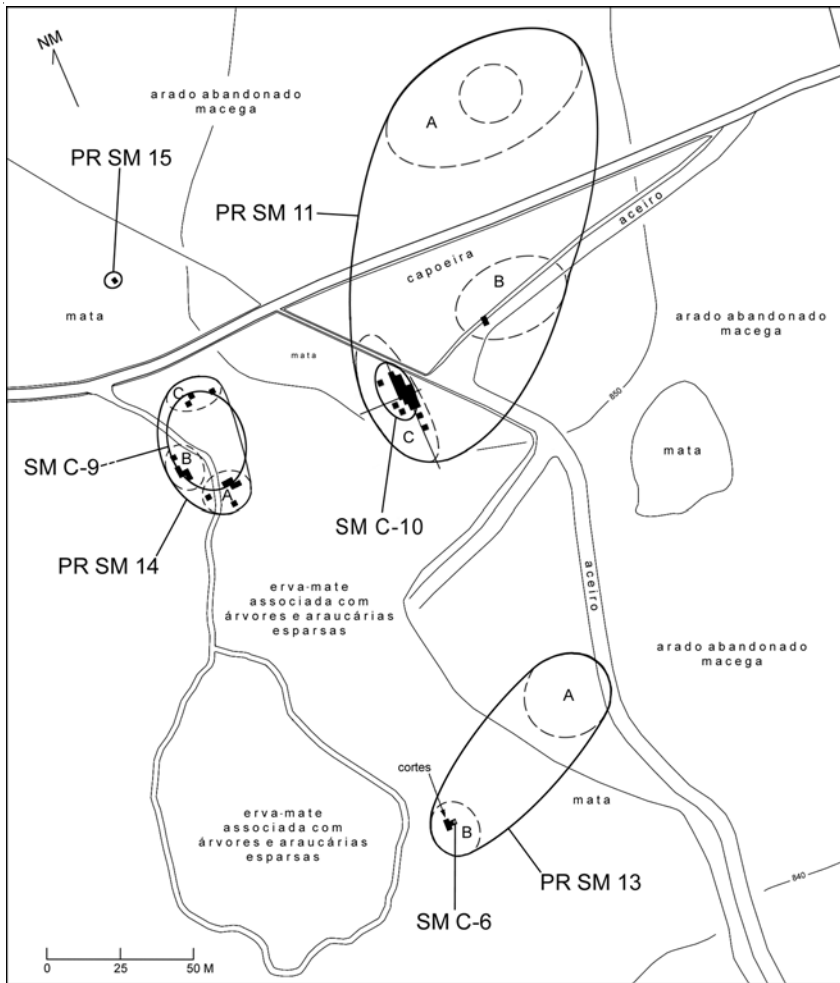


Figura 25. Localização e planta dos sítios cerâmicos PR SM 11: Rio das Pedras-3, PR SM 13: Rio das Pedras-4 e PR SM 14: Erveiras, de Tradição Tupiguarani, PR SM 15: Pinheiral e, dos indícios cerâmicos PR SM C-6, PR SM C-9 e PR SM C-10, de Tradição Itararé. As elipses tracejadas nos sítios indicam áreas com concentração e adensamento de material arqueológico e, os pontos escuros, espaços escavados.

Somente no canto sudoeste, junto à área com mata, o sítio conservava porção intacta.

Bastante descaracterizada, na Concentração A somente coleta superficial foi praticada. Com 71x38m (2.117,93m²), encontrava-se no lado norte do sítio e conservava, em sua parte central, área com 19m de diâmetro (283,38m²) onde o material eram mais numeroso, formando adensamento.

A Concentração B foi localizada 36m ao sul da A e, 25m a leste da Concentração C e media 40x25m (785m²). Cortada pelo aceiro, o material era visto em seu leito. Em seu espaço foram efetuadas raspagens em meio à capoeira que a cobria, onde as evidências ocorriam da superfície até 5cm de profundidade e, abertos dois cortes estratigráficos no seu lado oeste, em uma área com 6,25m².

Primeiramente foi executado um corte com 2,25m² no leito da estrada do aceiro, em seu limite norte, direcionando-se à capoeira. Nesse ponto o trator havia rebaixado cerca de 10cm de solo e, fragmentos cerâmicos eram vistos no local. Seguindo a tendência de aparecimento de material outro corte, este com 4m², foi aberto junto à parede norte do anterior. Em ambos o solo mostrava textura arenosa e coloração marrom até 10cm de profundidade, quando passava a argilo-arenoso e de coloração mais clara. Aos 18cm de profundidade tornava-se argiloso e compacto.

O material arqueológico era mais numeroso entre 14 e 15cm de profundidade, junto a grânulos de carvão vegetal.

A Concentração C, com 44x17m (587,18m²) encontrava-se 25m a oeste da B e a 63m a sudoeste da A. Situando-se em área com mata e preservando espaço sem alteração, nela foi praticada escavação ampla no seu lado leste, sendo abertas 14 quadras com 4m² e uma com 2m², perfazendo um total de 58m² de área exposta (Fig. 26 e Foto 16).

A escavação seguiu orientação norte-sul, acompanhando a tendência do material e a coloração escura do solo. Expôs o espaço mais intensamente ocupado da habitação.

Após a remoção da vegetação arbustiva, o solo foi sendo rebaixado, deixando-se expostos os indícios arqueológicos. Estes, depois de topografados e registrados fotograficamente, foram retirados e, o nível rebaixado até o piso (Foto 18).

Em todos os cortes o solo, comumente até 18cm de profundidade, era granuloso, de textura argilosa, mostrando coloração marrom-escuro muitas vezes tendendo para o cinza-escuro nas porções de ocupação mais intensa e, marrom nas periféricas. Abaixo se mostrava marrom-claro, argiloso.

O material arqueológico era rarefeito até 10cm de profundidade. Tornava-se mais numeroso entre 14 e 18cm, formando piso entre 15 e 17cm e correspondia a peças diversas. Grânulos de terra queimada e carvões eram comuns junto ao piso. Coquinhos carbonizados e um pinhão, também carbonizado foram registrados em meio à camada de ocupação.

As evidências adensavam junto ao solo escuro, rareando em meio ao solo marrom. Aprofundavam até 23cm em depressões provocadas por raízes.

Trincheiras foram abertas nos extremos da área escavada, assim como 5 cortes-estratigráficos que, partindo de suas paredes, dispunham-se ao sul e oeste da grande área exposta (Fig. 26).

Com 30cm de largura, a Trincheira 1 (norte) atingiu 4,10m de comprimento, sendo limitada pela estrada do aceiro. Nela o solo mostrava coloração marrom e textura argilosa até 3,10m de comprimento, para frente tornava-se marrom-claro e compacto. Material arqueológico e pontos de carvão foram constatados entre 13 e 16cm de profundidade por 1,70m de extensão. Após o aceiro foram realizados cortes-experimentais para delimitação da concentração. Neles o material ocorria entre 15 e 18cm de profundidade, em solo marrom-claro.

A Trincheira 10 (sul) atingiu 20m de comprimento. Tinha 30cm de largura e evidenciou espaço com solo marrom-escuro, grânulos de carvão e material arqueológico em suas porções medianas, entre 6,10 e 12,20m de comprimento.

Partindo da sua parede leste, no espaço com solo escuro, dois cortes-estratigráficos com 4m² cada um foram realizados. O primeiro distava 8,20m da parede sul da área exposta. O segundo dispunha-se 4m ao sul dela e 2,20m ao norte do primeiro corte (Fig. 26). Em ambos, perturbações causadas pela ocupação recente foram constatadas até 10cm de profundidade. Estavam representadas por fragmentos de plásticos, panos, tijolos, telhas francesas, caliças e ferro. No primeiro corte, que atingiu 25cm de profundidade, o solo mostrava coloração marrom-escuro tendendo para o preto em quase toda a sua extensão. Apenas no lado leste e canto sudeste era marrom. No segundo corte, com 20cm de profundidade, o solo mostrava tonalidade marrom no lado oeste e canto noroeste. No restante era de coloração marrom-escuro. As evidências arqueológicas, nos dois cortes, eram numerosas junto ao solo escuro, entre 12 e 18cm de profundidade.

Cortando a Trincheira 10 (sul), a 10,30m de seu início junto à parede sul do Corte 16, outra, com 12,40m de comprimento, foi aberta no sentido leste-oeste e foi identificada como 9. Revelou solo marrom-escuro com evidências em suas porções centrais, entre 4,60 e 8,80m de comprimento, contados a partir de seu limite leste.

Paralela à grande Trincheira 10, a 5,70m da sua parede oeste, foi executada a Trincheira 8, com 10,60m de extensão e orientação norte-sul. Iniciando no final da Trincheira 9 e direcionando-se ao norte, mostrou solo marrom-escuro de sua parte central em direção norte, em um espaço com 4,20m de comprimento. Neste limite interligava com a Trincheira 7 aberta em sentido leste-oeste. Esta iniciava junto ao canto sudoeste do corte e tinha 7,80m de comprimento. Solo de coloração marrom-escuro, com evidências arqueológicas foi observado entre 2,50 e 7,10m de comprimento.

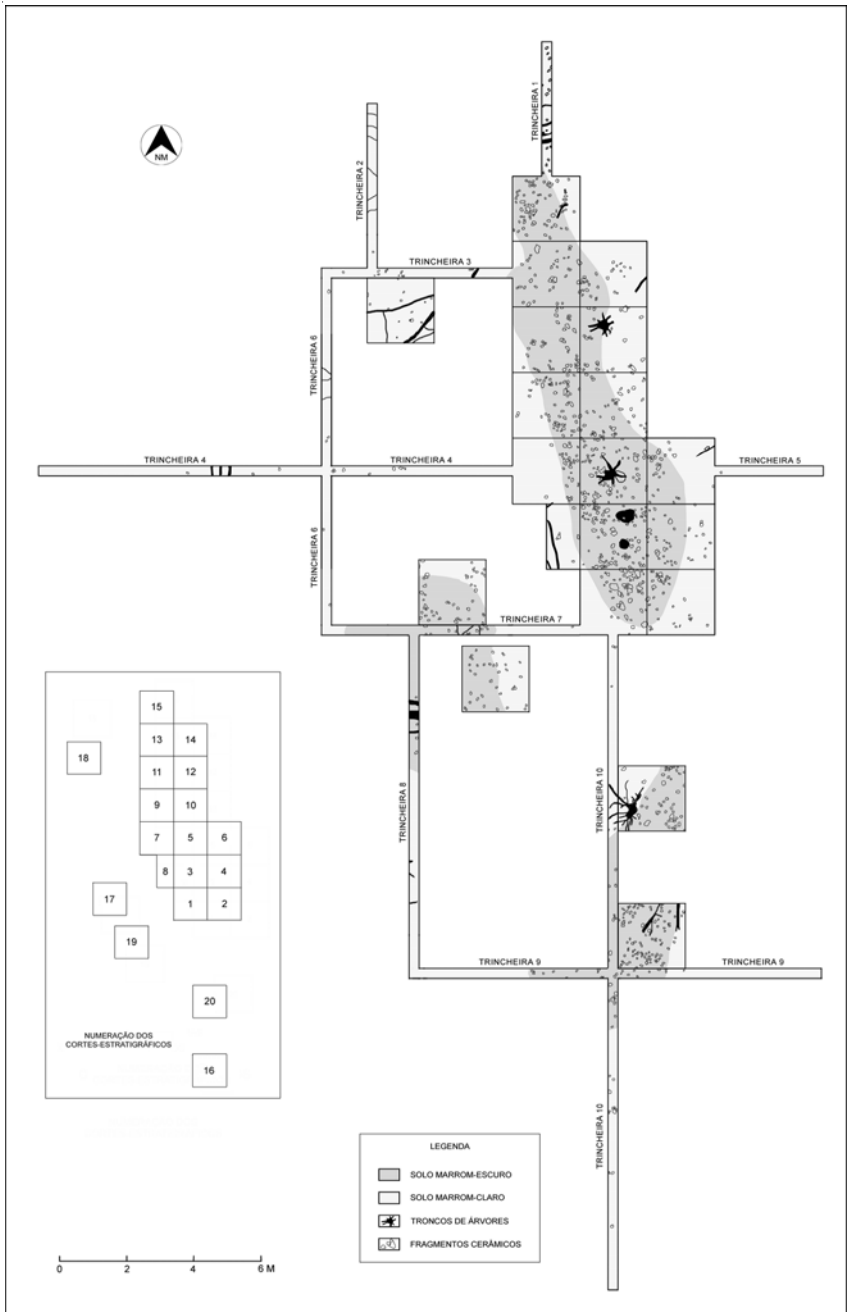


Figura 26. Planta e topografia da área escavada na Concentração C do sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3.

A evidenciação de solo escuro nesse espaço levou à abertura de dois cortes-estratigráficos. O primeiro foi executado a 2,80m da parede oeste do Corte 1, o qual compunha a grande área escavada, e o segundo, a 65cm ao sul do primeiro e a 1,50m a sudoeste do Corte 1. Perturbações ocasionadas por atividades antrópicas recentes foram observadas nos dois cortes até 10cm de profundidade.

Correspondiam a fragmentos de vidros, plásticos, pregos e pilhas. No primeiro corte o solo marrom-escuro ocorria das porções centrais em direção sul. Ao norte era marrom-claro. No segundo, limitava-se ao lado oeste. O material arqueológico ocorria entre 13 e 18cm de profundidade, em meio ao solo escuro. Junto ao solo marrom-claro era esparso.

No lado leste da área escavada, partindo da parede leste do Corte 6, foi aberta a Trincheira 5 que alcançou 3,20m de comprimento. Apresentou solo de coloração marrom-claro, granuloso e friável desde a superfície até 20cm de profundidade. Nela somente um fragmento cerâmico foi registrado aos 13cm de profundidade. Estava 18cm a leste da parede do corte.

A Trincheira 4 (oeste), com 14m de comprimento e 30cm de largura, foi aberta a partir da parede oeste do Corte 7. Evidenciou esparsas evidências arqueológicas entre 3,20 e 9,80m de comprimento. De suas porções centrais, no sentido norte-sul, partiu a Trincheira 6 com 11,40m de extensão. Apresentou as mesmas características da Trincheira 4. O material era rarefeito.

Ainda no lado oeste do sítio, iniciando na parede oeste do Corte 13, foi executada a Trincheira 3. Com 5,70m de extensão, nas porções centrais da sua parede sul, corte com 4m² foi executado. Cortado por raízes de árvores apresentou solo de coloração marrom-claro e, esparsas evidências arqueológicas entre 12 e 17cm de profundidade. Partindo dessa trincheira, outra foi aberta em sentido norte, com 5,40m de comprimento. Corresponde à Trincheira 2. Nela o solo era de coloração marrom-claro e friável. Mostrou-se estéril.

A Concentração C do sítio sobrepunha-se a uma ocupação Itararé (PR SM C-10), a qual deve ter ocasionado a sua perturbação. O material Itararé ocorria entre 10 e 18cm de profundidade, em meio aos cortes-estratigráficos e trincheiras executados.

Vinculado à Tradição Tupiguarani foi localizado, 83m ao sul, o sítio PR SM 13: Rio das Pedras-5.

PR SM 12: Sanga da Onça NºC 4683

UTM's: (22J) 0556906 - 7147886

Sítio habitação localizado a 202m da margem direita da Sanga

da Onça e, 186m da margem esquerda de um córrego, seu afluente (Fig. 27 e Foto 17). Estava 23m acima do nível das águas do curso fluvial maior (841m s.n.m.).

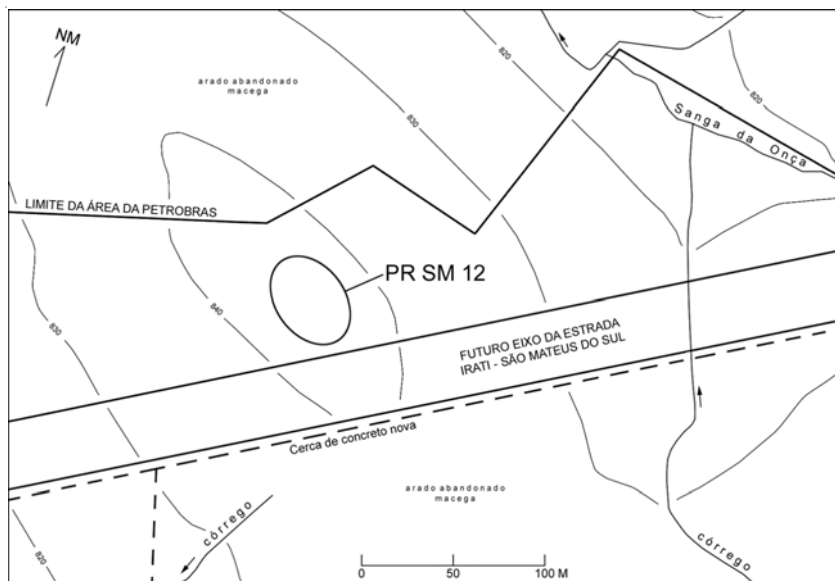


Figura 27. Localização do sítio cerâmico PR SM 12: Sanga da Onça.

Situado 56m ao norte da cerca limítrofe da Petrobras, poderia ser afetado pela construção do desvio da estrada São Mateus do Sul - Irati.

Disponha-se no topo de uma elevação com encosta suave voltada para o rio e córrego.

O local e os arredores estavam com a superfície coberta por macega, com restos de antigas plantações de milho. Sulcos do arado também podiam ser percebidos.

O solo mostrava coloração marrom-avermelhado e textura argilosa. Era friável na superfície, tornando-se compacto aos 5cm de profundidade.

As evidências arqueológicas, esparsas e superficiais ocorriam por uma área com 54x38m (1.610,82m²).

O sítio apresentava a camada de ocupação descaracterizada pelas atividades agrícolas e o material muito afetado pelo intemperismo.

**PR SM 13: Rio das Pedras-4 N^oC 4760 e 4826 a 4829
UTM's: (22J) 0557144 - 7147065**

Sítio habitação localizado a 152m da margem direita do rio das Pedras, 5m acima do nível de suas águas (847m s.n.m.).

Encontrava-se no topo de uma elevação suave voltada para o curso fluvial (Fig. 25 e Foto 16).

No local via-se, a oeste e ao norte, espaço arado e abandonado, coberto por vegetação rasteira. Ao sul e oeste, conservava-se faixa com mata secundária e pinheiros.

O solo era de coloração marrom e textura argilosa. Somente a leste mostrava tonalidade marrom-avermelhado.

O material arqueológico espalhava-se em uma área com 82x40m (2.574,80m²).

O sítio mostrava perturbações decorrentes de atividades agrícolas e, pela abertura de um aceiro pela Petrobras. Este, com a finalidade de proteger a mata de incêndios, cortava o extremo nordeste do sítio no sentido norte-sudeste.

Era formado por duas áreas com concentrações de material arqueológico, separadas por uma faixa de mata secundária. A Concentração A encontrava-se no lado leste do sítio e media 32x28m (703,36m²). Perturbada por atividades agrícolas, nela as evidências eram esparsas e superficiais, sendo coletadas, sobretudo, através de raspagens nas camadas pouco profundas do solo.

A Concentração B situava-se no lado oeste do sítio, 37m a oeste da A. Media 19x16m (238,64m²) e foi delimitada através da realização de cortes-experimentais. Estava coberta por ervais, arbustos, gramíneas e pinheiros.

Os cortes-experimentais revelaram a presença da camada de ocupação entre 16 e 21cm de profundidade. Dois cortes-estratigráficos foram executados, direcionando-se das porções centrais da concentração ao seu extremo noroeste. Totalizaram a exposição de 10m². O solo, em ambos, apresentava coloração marrom-claro e textura argilo-arenosa da superfície até 16cm de profundidade. Tornava-se abaixo, até 21cm de profundidade, marrom-escuro, mantendo a mesma textura, mostrando-se a seguir novamente de tonalidade marrom-claro e mais compacto. As evidências arqueológicas foram registradas em meio ao solo escuro.

Ocupação do espaço por grupo da Tradição Itararé foi constatado no lado leste da área escavada, entre 20 e 25cm de profundidade, junto a uma linha de solo marrom-escuro com pontos de carvão. Correspondem aos indícios cerâmicos PR SM C-6.

Ao norte, a 75m de distância encontrava-se o sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3, de Tradição Tupiguarani.

PR SM 14: Erveiras N°C 4830 a 4844 e 4857 a 4871
UTM's: (22J) 0557002 - 7147145

Sítio habitação localizado a 214m da margem direita de um córrego e a 235m da margem direita do rio das Pedras (Figs. 13 e 25). Encontrava-se 5m acima do nível das águas do primeiro e, 8m das do segundo (849m s.n.m.).

Disponha-se no topo e em parte da alta encosta de uma elevação suave voltada para o curso fluvial maior, o qual mostrava suas margens cobertas por macegas. O terreno era quase plano, com suave declividade para o sul.

No local e arredores havia erva-mate associada a araucárias e árvores esparsas, com gramíneas e arbustos.

As evidências arqueológicas espalhavam-se em uma área com 48x27m (1.017,36m²). Eram numerosas, formando três concentrações situadas nos lados sul, sudoeste e norte do sítio, respectivamente.

O solo entre as concentrações mostrava coloração marrom claro e textura argilo-arenosa. Nas áreas das concentrações, variava entre marrom-escuro e preto, mantendo a mesma textura.

As concentrações foram delimitadas através da abertura de cortes-experimentais. A Concentração A, localizada no extremo sul do sítio, possuía área com 17x14m (186,83m²). A concentração B, com área de 16x12,5m (157,00m²), localizava-se no extremo sudeste, 3m ao norte da Concentração A e, 13m a sudoeste da Concentração C. A Concentração C estava no extremo norte do sítio. Media 19x11m (164,07m²).

O sítio apresentava alterações em suas porções centrais, no sentido sudoeste-noroeste, ocasionadas pela abertura de uma estrada destinada à exploração da erva-mate. Em seu leito, evidências arqueológicas encontravam-se expostas e foram coletadas superficialmente.

Segundo informações do antigo proprietário, o lado leste do sítio foi arado há mais de 30 anos com um tipo de arado conhecido como "bico de pato".

Neste espaço cortes-experimentais foram executados, evidenciando a descaracterização da camada arqueológica.

O lado oeste do sítio mostrava-se melhor preservado. Segundo informações, fora somente desmatado para plantio de erva-mate. Cortes-estratigráficos foram executados nas concentrações.

Na Concentração A foram abertos primeiramente 4 cortes, os quais acompanharam a ocorrência de solo escuro e a tendência de aparecimento de material arqueológico. Totalizando 16m² de área exposta, compreenderam parte das porções centrais da concentração,

direcionando-se ao seu lado leste. Foram executados, a seguir, um corte com 4m² no seu lado oeste e, outro, também com 4m² no seu lado sul (Fig. 13).

No espaço maior, o solo mostrava coloração cinza-escuro e textura argilo-arenosa, friável, com pontos de carvão e terra queimada até 18cm de profundidade. Abaixo se tornava marrom e compacto. O material arqueológico era freqüente entre 14 e 18cm de profundidade. Nas porções centrais do corte, bolsão correspondente a antigo fogão foi evidenciado. Nele o solo escuro aprofundou até 20cm, com grande quantidade de carvões, coquinhos carbonizados e pontos de terra queimada. No corte aberto à oeste, o solo, da mesma forma, apresentava coloração cinza-escuro e textura argilo-arenosa, friável. Atingiu 15cm de profundidade no seu canto SE, 20cm no canto SO e, 25cm de suas porções centrais em direção à parede oeste e canto NO. Nesse espaço formava um bolsão, provavelmente relacionado a antigo fogão. As evidências arqueológicas foram registradas a partir de 5cm de profundidade, mostrando-se mais numerosas entre 10 e 20cm, especialmente no espaço do bolsão. No corte efetuado no lado sul da concentração o solo mostrava coloração marrom-escuro, mantendo a mesma textura constatada nos cortes anteriores. Apenas no canto NO, abaixo de 10cm de profundidade mudava para cinza-escuro, com restos de carvão até 20cm de profundidade. O material arqueológico foi constatado entre 5 e 16cm de profundidade. Era menos freqüente que nos demais cortes.

Das porções centrais em direção oeste e sul da Concentração B foram expostos 16m² (Foto 20). No lado oeste do corte o solo mostrava coloração marrom-escuro, textura argilo-arenosa, mesclando com solo cinza-escuro entre 10 e 20cm de profundidade. Em direção leste o solo era cinza-escuro tendendo para o preto, mantendo a mesma textura. Abaixo de 20cm era de tonalidade marrom e compacto. O material arqueológico foi registrado de forma esparsa até 10cm de profundidade. Tornava-se, após, mais freqüente. Era composto por pontos de carvão vegetal, terra queimada e fragmentos de recipientes cerâmicos. Entre 15 e 18cm era numeroso. Depressão de raiz com 45cm de diâmetro foi constatada nas porções centrais do corte. Estava preenchida com solo granuloso e fragmentos cerâmicos. Outro corte, este com 4m², foi aberto no lado norte da concentração. Nele o solo mostrava coloração marrom-escuro e textura argilo-arenosa até 2cm de profundidade. Abaixo, era compacto. As evidências arqueológicas eram esparsas até 12cm de profundidade. Foram mais comuns entre 15 e 18cm.

Na Concentração C, três cortes-estratigráficos com 4m² cada um foram realizados. O primeiro foi executado no canto SO da

concentração. Apresentou solo granuloso, argilo-arenoso, de tonalidade cinza-escuro tendendo para o preto até 8cm de profundidade. Abaixo era compacto, mais argiloso, com esparsos pontos de carvão. No lado leste do corte, entre 10 e 20cm de profundidade, mostrava coloração marrom-escuro. Aos 20cm mesclava com plaquetas de xisto. O segundo corte atingiu as porções centrais da concentração. Nele, solo argilo-arenoso, granuloso e de coloração marrom-escuro até 20cm de profundidade foi constatado apenas no canto SO. No restante era marrom. Tornava-se compacto aos 20cm de profundidade. O terceiro corte foi efetuado no lado leste da concentração. O solo era marrom, argiloso e compacto até 20cm de profundidade, com esparsos pontos de carvão.

Nos três cortes, o material arqueológico ocorreu esparsamente e foi registrado até 18cm de profundidade. Raramente foi encontrado aos 20cm.

Pinhões carbonizados foram coletados junto ao solo escuro das concentrações A e B.

O sítio era superposto pelos indícios cerâmicos PR SM C-9, de Tradição Itararé. Evidências dessa tradição foram registradas entre 0 e 10cm de profundidade, junto aos cortes-estratigráficos 1 e 2 efetuados nas concentrações A e C e, em todos os cortes da Concentração B.

Evidências Arqueológicas recuperadas: O Material Cerâmico

Seis mil duzentos e sessenta e cinco fragmentos de recipientes, confeccionados pela técnica acordelada, e objetos cerâmicos foram obtidos nas coletas superficiais e cortes efetuados nos sítios desta tradição (o número real de fragmentos foi de 7.521), resultando de sua análise, 26 modalidades de acabamento ou decoração.

No processo de análise, após a separação, dos fragmentos correspondentes às vasilhas com superfície simples, foram estabelecidas as suas variedades de acordo com a granulometria dos antiplásticos utilizados no tempero da pasta. A variedade Simples com Antiplástico Grosso reuniu aqueles que apresentavam antiplásticos com dimensões acima de 1,5mm e, a variedade Simples com Antiplástico Fino, os com dimensões até 1,5mm (Foto 27).

Representados por 3.374 (53,85% da amostragem), na pasta do tipo Simples Grosso foram constatadas, em maior número, a presença de fragmentos de argila com dimensões variando de 2 a 7mm; grânulos de hematita medindo entre 1 e 6mm; argilito entre 8,5 e 1,5mm e cerâmica triturada medindo entre 2,5 e 9mm. Com frequência menor ocorreram fragmentos de xisto de 2,5 a 10,6mm, quartzo entre 1,5 a 2,5mm, basalto medindo entre 2,5 e 5mm e feldspato entre 0,9 e 2mm.

Em poucos fragmentos foram registrados grânulos de sílex até 1,8mm e carvão vegetal até 1,5mm. Uma base de recipiente classificado nesse tipo conservava impressões de cestaria. Este deve ter sido colocado sobre alguma esteira com a pasta ainda molhada, resultando no decalque da trama.

Nos 49 fragmentos (0,78%) do tipo Simples Fino predominaram areia fina e grânulos de argila até 1,5mm. Raros fragmentos apresentaram fragmentos de quartzo até 1,4mm e hematita até 1,2mm.

Separados os tipos simples, foram classificados aqueles com decoração plástica na superfície, sendo constatados: 219 com Engobo Vermelho (3,50%), 1.307 Pintados (20,86%), 10 Pintados sobre Face (0,16%), 1 Pintado Preto sobre Vermelho (0,02%), 579 Corrugados-Ungulados (9,24%), 331 Corrugados-Leve (5,28%), 115 Corrugados-Complicados (1,84%), 29 Corrugados-Espatulados (0,46%), 1 Corrugado-Entalhado (0,02%), 3 Escovados (0,05%), 107 Ungulados (1,71%), 44 Ungulados-Tangentes (0,70%), 12 Serrungulados (0,19%), 1 Inciso (0,02%), 9 Entalhados (0,14%), 11 Ponteados (0,18%), 1 Digitado (0,02%), 1 Acanalado (0,02%), 1 Raspado (0,02%), 5 Roletados (0,08%), 1 Pinçado (0,02%), 1 Marcado com Cestaria (0,02%) e 1 Marcado com Corda (0,02%).

Entre os recipientes que receberam algum tipo de revestimento superficial, constatou-se que naqueles com Engobo Vermelho (Foto 28, a-b), a incidência da tinta vermelha foi mais freqüente, na face interna das vasilhas, ocorrendo em 176 exemplares (80,36% da amostragem). Apenas 39 apresentaram-na na face externa (17,81%) e, em 4 (1,83%), foi aplicada em ambas as faces. A coloração mostrava matizes que variavam do vermelho escuro ao claro ou tendendo ao alaranjado.

No tipo Pintado, representado por 1.307 exemplares, 532 fragmentos (40,70%) sofreram processo erosivo. Conservam apenas o engobo branco, que corresponde a uma camada de argila fina e branca comumente aplicada nas suas superfícies, preparando-as para receber a pintura decorativa. Em 775 fragmentos (59,30%) permanecem restos de pinturas. Em alguns exemplares, que mostravam melhor conservação, o motivo decorativo executado pôde ser decalcado.

De acordo com a incidência do engobo, constatou-se que em 620 recipientes (47,44%) a pintura incidiu na face externa, limitando-se às porções superiores dos recipientes, em 679 (51,95%) na face interna e 8 (0,61%) na face interna e porções superiores da face externa.

Entre os exemplares que conservam pintura ou restos dela, verificou-se que desenhos com tinta vermelha sobre engobo branco foram executados na face externa de 434 (56%), na interna de 308 (39,74%) e em ambas as faces de 2 (0,26%) (Foto 28, c-j).

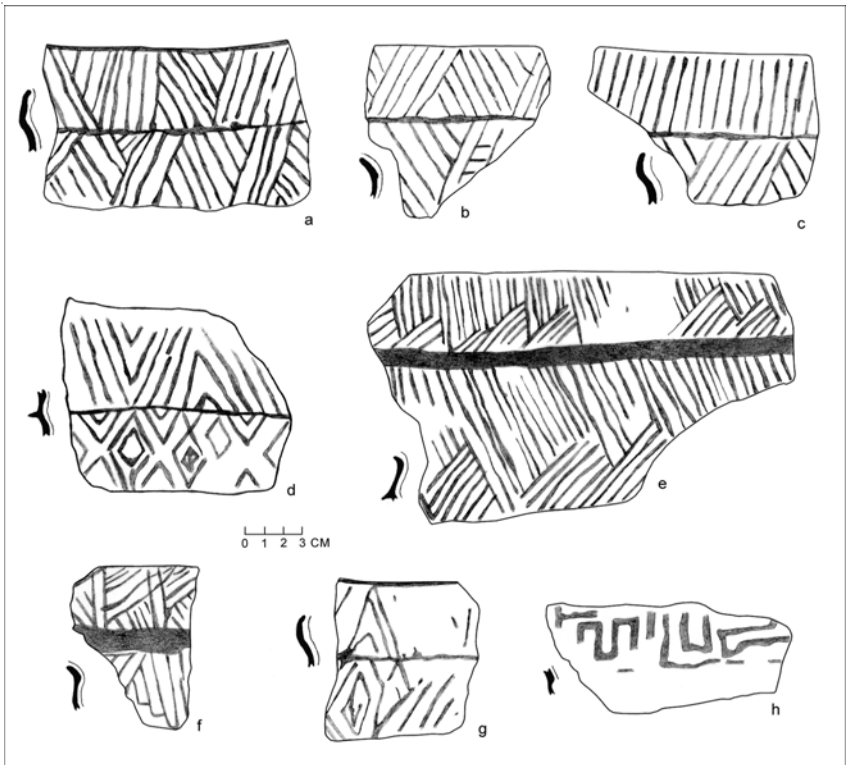


Figura 28. Fragmentos de cerâmica Pintada Tupiguarani, com motivos em vermelho sobre engobo branco. Os perfis indicam a incidência da pintura na face externa da vasilha.

Predominam linhas retílineas finas perpendiculares à borda e paralelas entre si, comumente limitadas por faixas horizontais; em muitos casos formam triângulos; em alguns exemplares apresentam pequenos pontos esparsos entre as linhas. Em duas vasilhas, nas suas porções superiores, as linhas formam triângulos e na inferior, losangos. São separados por uma linha fina circundando a junção do pescoço com o bojo (Fig. 28, d-g). São comuns também, curvilíneas finas, sinuosas, ou configurando círculos concêntricos ou ziguezagues (Fig. 29, g). Ocorrem, ainda, gregas executadas com retílineas largas e retângulos concêntricos. Entre as gregas, em um exemplar com linhas grossas foram deixados espaços vazados formando alinhamento e, em outros, as linhas, finas e paralelas entre si, mostram-se entrecortadas por linhas curtas e finas, formando pequenos quadrados ou retângulos. São vistas, ainda, linhas finas perpendiculares à borda que se cruzam formando pequenos losangos, assemelhando-se à trama de uma rede (Figs. 28, h; 29, a-c).

Em uma peça o motivo, com pequenas linhas finas e sinuosas horizontais à borda e paralelas entre si, que se aproximam nas extremidades, mas não se cruzam, formam contínuos círculos pequenos e abertos (Fig. 29, h).

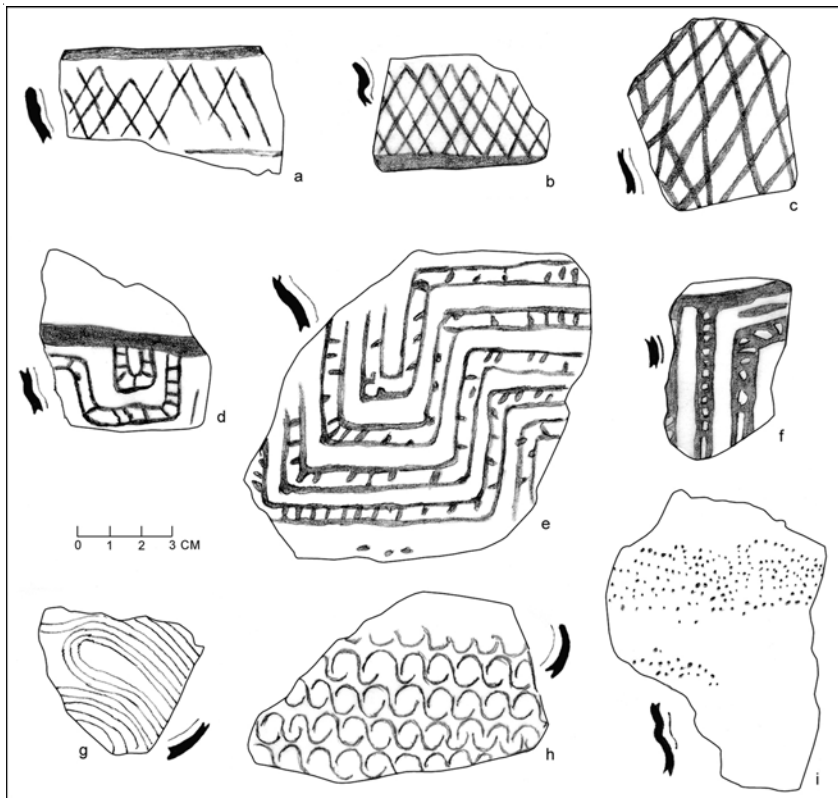


Figura 29. Fragmentos de cerâmica Pintada Tupiguarani, com motivos em vermelho sobre engobo branco, a-h, e Ponteadada, i. Os perfis indicam a incidência da decoração na face externa ou interna da vasilha.

Motivos em preto e vermelho sobre engobo branco foram observados na face interna de 17 peças (2,19%) e na externa de 5 (0,64%). Os motivos mais frequentes nesses exemplares são retilíneas finas paralelas entre si ou curvilíneas com cores intercaladas; em alguns exemplares ocorrem pontos esparsos em preto entre elas; em outros os pontos são vistos somente sobre as linhas pretas. Mostram-se, também, sinuosas ou formando elipses alongadas e concêntricas; foram observados, em poucos fragmentos, espessamentos executados sobre linhas pretas, em formato de setas, separando as elipses. Um exemplar

mostra dois círculos concêntricos efetuados em vermelho, com linhas finas, interligados a outro conjunto de círculos através de pequenas linhas retas também em vermelho. Os espaços entre os conjuntos estão preenchidos com pontos pretos. Outro fragmento, correspondente à base de um recipiente, mostra decoração plástica obtida através da seqüência segmentada de feixes de linhas curvas em vermelho, com pontas fechadas em elipse entrecortada por pequenas linhas retas em vermelho formando retângulos. Apresenta também, em um dos extremos, seqüência semelhante em preto. Entre os conjuntos, contínuos e alongados, os espaços foram completados com pontos pretos e espessamentos esparsos em formato de setas (Fig. 30, a).

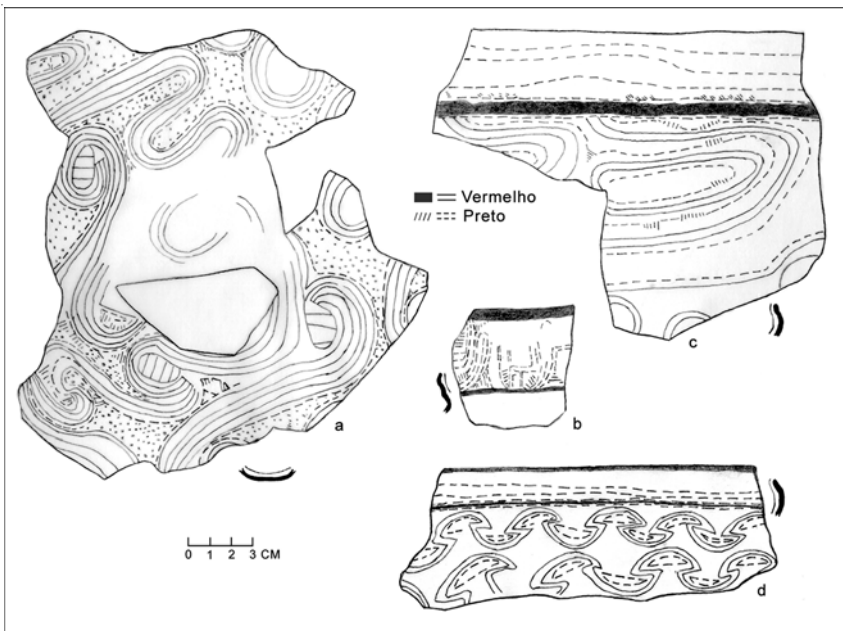


Figura 30. Fragmentos de cerâmica Pintada Tupiguarani, com motivos em vermelho e preto sobre engobo branco.

Em uma peça o lábio foi coberto com tinta vermelha. Entre ele e o pescoço, onde também foi aplicada linha vermelha, vêem-se três linhas horizontais e finas em preto paralelas entre si e à borda. Abaixo do pescoço, e de uma linha em preto, foram executadas duas linhas sinuosas em vermelho paralelas entre si. Com angulações nas laterais, essas linhas formam meias elipses preenchidas por outras, menores, efetuadas com tinta preta (Fig. 30, d). Um exemplar apresenta, em um espaço delimitado por duas linhas vermelhas, decoração em preto. O motivo executado

consiste em linhas finas, umas curvilíneas e outras alongadas fechando em elipses, delimitando espaços preenchidos com retângulos concêntricos. Espessamentos esparsos em forma de pequenos retângulos e setas compõem a decoração. Nesta peça, perfuração foi efetuada na pasta ainda úmida do vasilhame, para sua suspensão.

Em 6 recipientes foram realizados com tinta preta sobre o engobo branco, incidindo na face externa de 3 (0,39%) e na oposta de outras 3 (0,39%). Neles foram executadas gregas, linhas finas formando círculos concêntricos e curvilíneas finas. Cinco fragmentos foram obtidos junto às evidências do sítio PR SM 14: Erveiras, nos cortes efetuados nas Concentrações A e B e, um, no corte 18 da Concentração C do sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3.

Motivos efetuados com tinta branca sobre engobo vermelho ocorreram na face externa de 3 (0,39%). Os motivos das pinturas, no entanto, não puderam ser definidos, pois restavam apenas pontos esparsos sobre as superfícies das peças.

Os fragmentos foram encontrados superficialmente no sítio PR SM 9: Rio das Pedras-1.

Associativamente, outras 5 técnicas decorativas foram constatadas em recipientes que receberam, como decoração plástica principal a pintura. Em 87 foi aplicado Engobo Vermelho, o qual incide na face externa de 35 vasilhas e na interna de 52. Na face externa de 12, correspondendo à técnica Pintado sobre Face, foram executadas pinturas em vermelho diretamente sobre a face dos recipientes. Estão representadas por linhas largas, verticais à borda e paralelas entre si. Uma peça recebeu uma incisão na face interna, na altura do pescoço. A linha circundava-o. Em outra, na linha da carena e no limite inferior da área pintada, formou-se uma protuberância causada por pressionamento executado de dentro para fora; assemelha-se a um nódulo. Essa peça mostra, ainda, perfuração situada na borda, acima da protuberância, e foi praticada após a queima. Mede 3mm de diâmetro e destinava-se à suspensão da vasilha.

Dez fragmentos que apresentam pinturas realizadas diretamente sobre a superfície dos recipientes foram classificados como Pintados sobre Face. Não havendo, nos exemplares, porções com pintura sobre engobo branco, a cujo tipo normalmente se associam, optou-se por mantê-los à parte. A pintura em vermelho foi aplicada na face externa de quase todos. Somente em 1 fragmento obtido no Corte 1, nível 10-20cm, da concentração B do sítio PR SM 14, a pintura foi executada com tinta preta. Compreendem linhas paralelas entre si e oblíquas à boca. Nos demais, as pinturas formam curvilíneas finas ou linhas largas paralelas. Em 1, associativamente, ocorre engobo vermelho na face interna, oposta

à que recebeu pintura.

Uma peça apresenta pintura em Preto sobre Vermelho. A pintura, realizada na sua face interna, consiste em uma faixa preta no lábio e, abaixo, duas linhas paralelas circundando-o. Entre o lábio e as linhas, conservam-se restos de linhas pretas finas e perpendiculares à borda.

Excetuando-se o tipo Inciso, que foi aplicado também na face interna de algumas vasilhas, as demais decorações plásticas registradas no acervo desta tradição foram executadas na face externa das peças (Fotos 29 e 30). Entre o tipo Ponteadado, as marcas deixadas na superfície dos recipientes resultaram da pressão de objeto com ponta rombuda em 4 e, de ponta fina em 7. Em um deles, formam conjuntos de linhas sinuosas (Fig. 29, i e Foto 30, j).

Os poucos fragmentos classificados como Escovados não ostentam as características de decoração verificadas em outras partes do Paraná, devendo corresponder ao processo de regularização da superfície das vasilhas com sabugo de milho. As estrias resultantes foram parcialmente obliteradas pelo alisamento posterior.

Entre os diversos tipos corrugados são comuns os usos de técnicas decorativas associadas na face interna, principalmente o engobo vermelho. Em treze exemplares foram executadas pinturas na face interna, mas com as superfícies erodidas, permanece apenas o engobo branco em 10 e, restos de tinta vermelha sobre o engobo em 3. Quando efetuadas na face externa, as decorações associadas comumente limitam-se às porções superiores dos vasilhames.

Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases foram reconstituídas 27 formas de vasilhas referentes a pratos e tigelas em meia-calota e hemisféricos, jarros globulares e ovóides e painéis globulares e cônicas com carena (Fig. 31). As bordas são diretas, introvertidas, extrovertidas, inclinadas externamente, expandidas, contraídas, reforçadas internamente e cambadas, apresentando lábios arredondados na maioria dos casos e, poucas vezes, planos, apontados e biselados.

O acordelamento, a única técnica de confecção do vasilhame constatada, iniciava-se na base do recipiente quando o cordel, em espiral, era direcionado tanto no sentido horário como no anti-horário.

Em ordem de frequência decrescente, ocorrem as formas: 37 (14,75%), 16 (9,32%), 1 (7,63%), 36 (7,29%), 27 (6,95%), 14 (6,27%), 25 (6,27%), 23 (4,92%), 2 (4,58%), 22 (4,58%), 26 (4,41%), 37A (3,73%), 20 (3,39%), 17 (2,37%), 29 (2,20%), 35 (2,20%), 12 (1,53%), 17A (1,36%), 30 (1,36%), 32 (1,19%), 19 (0,68%), 36A (0,68%), 18 (0,51%), 21 (0,51%), 15 (0,34%), 34 (0,34%) e 28 (0,17%). Três permanecem sem classificação e correspondem a 0,51% da amostragem.

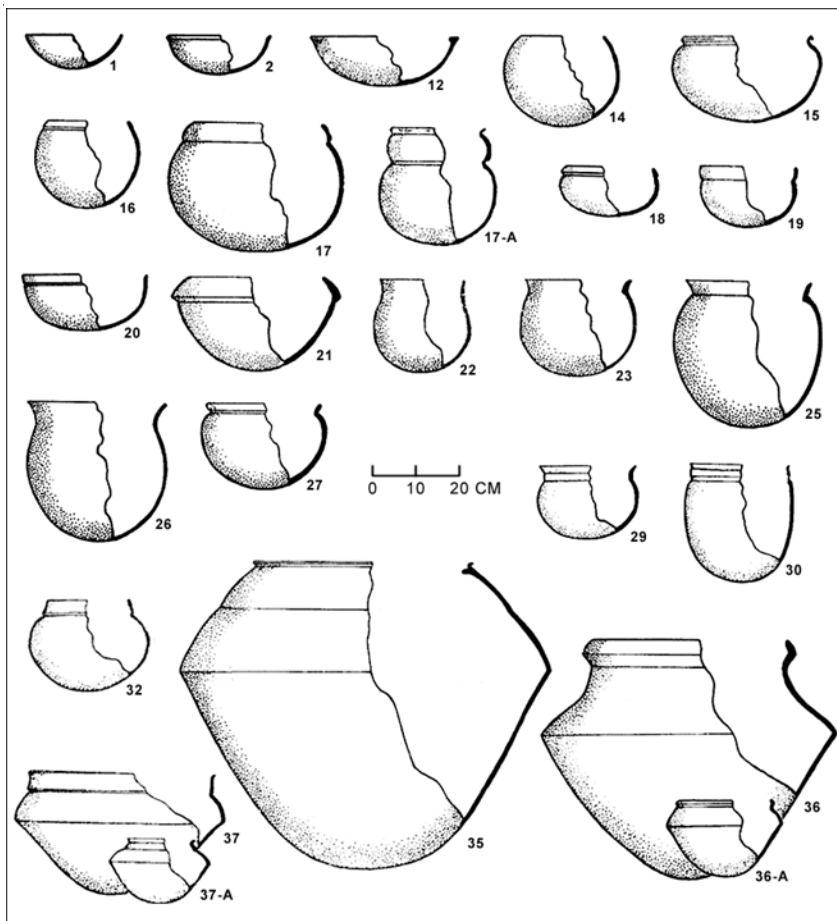


Figura 31. Perfis e formas dos recipientes cerâmicos da Tradição Tupiguarani na área da Mina Dois Irmãos.

Em relação aos diâmetros das bocas, na forma 1, variam de 12 a 42cm, predominando de 18 a 22cm. Na forma 2 os diâmetros variam de 10 a 36cm, predominando 16 e 18cm. Na forma 12, apresentam 18 e 28cm. Na forma 14 variam de 8 até 42cm, predominando entre 16 e 24cm. Duas peças representam a forma 15 e seus diâmetros são de 18 e 25cm. Na forma 16, variam de 10 até 38cm, predominando de 16 a 28cm. Na forma 17, os diâmetros variam de 14 a 38cm. Na forma 17A variam de 16 a 24cm. Na forma 18, variam de 12 a 44cm. Na forma 19, as dimensões variam de 16 a 20cm. Na forma 20 variam de 14 a 42cm, predominando de 16 a 26cm. Na forma 21 são variáveis de 22 até 40cm. Na forma 22 variam

de 14 a 40cm. Na forma 23 variam de 14 a 40cm, predominando entre 16 e 30cm. Na forma 25, variam de 12 até pouco mais de 42cm, predominando de 14 a 26cm. Na forma 26 variam de 8 até pouco mais de 62cm. Na forma 27 os diâmetros das bocas dos recipientes variam de 5 a 30cm, predominando aqueles com 16 e 18cm. Na forma 29 os diâmetros das bocas dos recipientes variam de 14 a 44cm. Na forma 30 variam entre 14 e 30cm. Na forma 32 os diâmetros variam de 16 a 32cm. A forma 35, apresenta diâmetros de boca variáveis entre 30 e 46cm. Na forma 36 os diâmetros variam de 20 até 42cm, predominando as vasilhas com 20, 36 e pouco mais de 42cm. Na forma 36A, estão representadas por 12, 14 e 16cm. Na forma 37 os diâmetros variam entre 20 e 50cm, predominando entre 22 e 32cm e, também os recipientes com pouco mais de 42cm de boca. Na forma 37A, os diâmetros variam entre 6 e 18cm; um exemplar mostra boca elíptica, com 12x10cm de diâmetro. As três peças que permanecem inclassificadas apresentam diâmetros e boca de 24cm e pouco mais de 42cm.

Em ordem decrescente, a frequência das formas das vasilhas nos tipos cerâmicos é a seguinte: 1, 25, 14, 22, 16, 26, 23, 27, 17, 2, 37, 29, 30, 17A, 36, 20, 37A, 19, 32, 35 e SC no Simples Grosso; 14, 1, 2, 12, 20, 22, 27, 29 e 37 no Engobo Vermelho; 14, 37, 16, 17, 1, 36, 8, 4, 21, 35, 37A, 1A, 29, 2, 18, 22, 24, 25, 26, 6, 15, 20, 30, 33, 34, 7, 31, 36A, 9, 12, 19 e 23 no Pintado; 14, 26, 17, 24, 25, 1, 8, 22, 2, 23, 4, 6, 7, 16, 29, 30, 36, 37 e 37A no Corrugado-Ungulado; 37, 2, 25, 26, 29, 14, 16, 18, 20, 32, 36 e 36A no Corrugado-Leve; 37, 1, 23, 26 e 37 no Corrugado-Complicado; 37 no Corrugado-Espatulado; 37, 2, 17, 22, 27, 36, 37A, 17A, 23, 25, 26, 29, 30 e 32 no Ungulado; 23, 2, 32, 36 e 37 no Ungulado-Tangente; 27 no Serrungulado; 1 no Inciso e 15 e 17A no Ponteadado.

As formas 36 e 37 reúnem as vasilhas que apresentam bocas com diâmetros acima de 19cm; às formas 36A e 37A, que têm o mesmo perfil dos anteriores, pertencem os recipientes com até 18cm de diâmetro na boca. As peças maiores como se constatou em outros lugares, eram utilizadas em práticas funerárias após o seu uso normal para armazenagem de líquidos e produção de bebida fermentada. Outras formas definidas, como a 1, 2, 14, 16, 18, 26 e 27 comportam, também, grande variação nos diâmetros das bocas. Os diâmetros mínimos verificados nessas formas estão em torno de 5 e 12cm, podendo representar miniaturas. A amplitude existente na forma 14, por exemplo, variando de 8 a 42cm de diâmetro na boca, indicaria usos diferenciados conforme a capacidade de contenção das pequenas, médias e grandes vasilhas, que devido ao perfil semelhante, nela foram reunidas.

A espessura da parede do bojo dos recipientes varia de 4 a 25mm, predominando de 9 a 12mm. As maiores espessuras foram verificadas nas formas 35, 36 e 37, as referentes às grandes painéis com bojo carenado.

As bases dos recipientes, também em ordem decrescente de frequência, são convexas, representando 77,57% do acervo, levemente planas, correspondentes a 19,63% e cônicas, representando 2,89%. As bases podem apresentar a mesma espessura da parede do bojo dos recipientes ou tornarem-se mais grossas, chegando a atingir o triplo daquela, principalmente nas grandes painéis carenadas. Esse espessamento foi conseguido com a adição de placa de pasta na face externa da base; nas bases mais espessas ainda, placas de pasta foram aplicadas em ambas as faces.

Compondo o acervo cerâmico estão, ainda, 51 modelagens (0,81%) e 1 artefato representado por um abrasador sulcado (0,02%). Entre as modelagens, uma corresponde a um fragmento de suporte de painél. Com superfície simples e pasta argilosa grossa, apresenta superfície com coloração marrom-claro e o núcleo cinza-escuro. Foi obtido na Concentração C, Corte 1, nível 10-20 do sítio PR SM 11. Suas dimensões são 61x40x37mm. Outras duas correspondem a esferas. Uma delas, com superfície alisada e pasta grossa, está quebrada longitudinalmente em suas porções centrais; mede 22x19mm. Foi coletada na Concentração A, Corte 1, nível 0-10 do sítio PR SM 14 (Foto 31, a). A outra é levemente achatada em um dos lados e conserva esparsas e pequenas marcas de unha na superfície alisada de tonalidade marrom. Está circundada por sulco irregular medindo 4mm de largura e 2mm de profundidade. A peça, originária do sítio PR SM 14, nível 10-20 do Corte 5, mede 33x31mm. Seu peso é de 28 gramas (Foto 31, b).

Três esferas possuem perfuração central e representam contas de colar. Todas procedem do sítio PR SM 14, duas delas encontradas no Corte 2, níveis 0-10 e 10-20, da Concentração C e uma no Corte 5, nível 10-20, da Concentração A. Uma é achatada nos pólos e, outra, um pouco repuxada nos mesmos pontos; a terceira é globular e, além da perfuração mostra estreito e pouco profundo sulco equatorial. As perfurações tem diâmetros variando de 1 a 1,5mm. Após a queima, as superfícies das peças adquiriram coloração preta em uma e cinza-claro em duas. Medem 14x14mm, 15x12mm e 16x15mm, respectivamente (Foto 31, c-e).

Quarenta e cinco restos de pasta queimada, geralmente de formato irregular e às vezes apresentando marcas de dedos ou impressões de gravetos, foram encontrados em vários sítios. Duas mostram-se em

forma de cordel. Em duas foram executadas punções com objeto de ponta rombuda. Em uma, a perfuração mede 8mm de diâmetro e 8,5mm de profundidade e, na outra, 8,5mm de diâmetro e 27mm de profundidade. Os resíduos de pasta apresentam dimensões variáveis entre 12x9x5 e 45x32x23mm.

Um fragmento de recipiente simples foi utilizado para calibrar artefatos e corresponde a um Abrasador Sulcado (Foto 32, a). Procedente da Trincheira 1 efetuada na Concentração C do sítio PR SM 11, o artefato tem uma canaleta com 56mm de comprimento, 10,5mm em um extremo e 14,5mm no extremo oposto e 6,5mm de profundidade.

Completam o acervo dessa tradição 301 fragmentos de terra queimada. De formato irregular, muitas vezes com marcas de gravetos e galhos, comumente são de coloração avermelhada; em alguns os núcleos mostram-se de tonalidade cinza-escuro. Representam fragmentos oriundos de espaços que sofreram com alta temperatura, como as bases de fogões.

O Material Lítico

Das coletas superficiais e cortes efetuados nos sítios desta tradição resultaram 246 evidências líticas, sendo registradas as seguintes matérias-primas: arenito friável (20,73%), basalto (19,51%), argilito (18,70%), hematita (17,07%), limonita (6,91%), quartzito (5,28%), concreção de ferro (3,66%), xisto (2,85%), quartzo (1,63%), silixito (1,22%), manganês (0,81%), siltito (0,81%), arenito silificado (0,41%) e gnaise (0,41%).

Identificadas as matérias-primas das evidências líticas coletadas, estas passaram por nova classificação, observando-se a tecnologia empregada para sua obtenção e aprimoramento. Foram classificadas, também, de acordo com a função a que se destinavam.

Do conjunto recolhido, 219 referem-se a fragmentos atípicos (89,02%), representados por blocos de rocha ou seus pedaços sem evidências de lascamentos intencionais que, provavelmente, integravam o terreno escolhido para ocupação. As peças introduzidas nos espaços dos sítios correspondem a 2 nódulos ou seixos-rolados (0,81%) e 25 núcleos, dos quais vinte e dois (8,94%) mostram sinais de utilização imediata e três (1,23%) de formatação por meio de retoque.

Entre as peças utilizadas, 12 estão representadas por Abrasadores Planos. Seis foram encontrados na Concentração C do sítio PR SM 11; dois superficialmente; 3 nos cortes 5, 10 e 16, entre 10 e 20cm de profundidade e, 1 no Corte 17, entre 0 e 10cm. Um ocorreu na superfície do sítio PR SM 13 e 4, no sítio PR SM 14, nos cortes 2, 3 e 4 da Concentração A, entre 0-10 (2) e 10-20cm (1) de profundidade e, no

Corte 1, nível 10-20 da Concentração B. Compreendendo núcleos tabulares em arenito friável (11) e arenito silicificado (1), mostram uma face alisada pelo uso e a oposta irregular e áspera. Em apenas uma peça, ambas as faces foram utilizadas. As dimensões dos núcleos variam de 32x27x27mm a 86x41x20mm.

Três núcleos de arenito friável foram utilizados como Abrasadores Sulcados. Dois foram localizados no sítio PR SM 14; um no Corte 1, nível 10-20 da Concentração A e, outro, no Corte 5, nível 10-20 da Concentração B e, um foi encontrado na superfície A do sítio PR SM 11. Dois mostram formato tabular e conservam um sulco com superfície arredondada em uma face. Medem 4,5mm de largura, 39mm de comprimento e 2mm de profundidade em 1, e 3,5mm de largura, 5,2mm de comprimento e 1,4mm de profundidade no outro. Suas dimensões são 43x36x14 e 42x37x23mm, respectivamente. Um é de formato triangular. Com dimensões de 31x26x25mm, também foi utilizado em apenas uma face. Apresenta um sulco com 8mm de largura, 21mm de comprimento e 4,3mm de profundidade. Diferencia-se dos anteriores na formação da canaleta que é apontada, formando vértice. Representando um Abrasador Sulcado, ainda, está um fragmento encontrado superficialmente no sítio PR SM 13; apresenta sulco pouco profundo em uma face. De arenito friável, mede 25x22x14mm.

Três peças mostram evidências de uso como Alisadores. Um estava na superfície do sítio PR SM 13 e, dois, na Concentração A do sítio PR SM 14; um foi coletado no Corte 1, nível 10-20cm e, o outro no Corte 2, nível 0-10cm de profundidade. Correspondem a dois seixos de quartzito (1 elíptico e 1 circular) e um núcleo retangular de basalto. Os de quartzito mostram uma lateral polida em consequência de seu uso para regularização das superfícies de recipientes cerâmicos e, o de basalto os lados. Este mostra também as faces lisas, mas conserva, ainda, porções de córtex. Suas dimensões são de 37x25x16, 33x28x18 e 51x25x16mm, respectivamente.

Dois núcleos de manganês e um de hematita foram utilizados como Corantes. Procedem do Corte 2, nível 10-20cm e Corte 4, nível 0-10cm da Concentração A, e do Corte 3, nível 10-20 da Concentração B do sítio PR SM 14. De formato irregular, os de manganês, com dimensões de 31x27x16 e 30x29x10mm, mostram um lado alisado e raspado para retirada da matéria-prima utilizada na pintura. O de hematita, com 40x38x20mm, também de formato irregular, conserva reentrâncias nas faces e lados provenientes de raspagens para obtenção de pó para aplicação em pinturas.

Três lâminas de machados fragmentadas completam o acervo lítico desta tradição. Elaboradas em basalto e retocadas através de

alisamento e polimento, de uma, coletada na Concentração B, Corte 2, nível 10-20 do sítio PR SM 11, resta somente a porção mesial. Outra, encontrada na Concentração C, Corte 20, nível 10-20cm do sítio PR SM 14, corresponde à lateral do artefato. Ambas receberam alisamento nas faces e lados. Mede 64x28mm e 53x24x14mm.

O terceiro artefato, procedente da Concentração A, Corte 3, nível 0-10 do sítio PR SM 14, conserva parte do corpo e extremidade distal (Foto 32,b). Polida no gume e lados, mostra as faces alisadas, porém mais ásperas. Seu gume é levemente convexo, com 80° e mostra intensas marcas de uso. Mede 107x74x36mm.

O Material vegetal

Está representado por 5 coquinhos carbonizados obtidos no Corte 4, nível 10-20 da Concentração C do sítio PR SM 11. No sítio PR SM 14, junto ao Corte 5, nível 10-20 da Concentração A, foi coletado 1 pinhão carbonizado. Fragmentado nas extremidades, mede 24,4mm de comprimento e 5mm de largura.

O Material Metálico Intrusivo

No Corte 2, nível 10-20 da Concentração B do sítio PR SM 11, ocorreu, em meio às evidências indígenas, projétil biogival de calibre 38.

Indícios Arqueológicos

Evidências rarefeitas e desestruturadas relacionadas à Tradição Tupiguarani foram encontradas em dois pontos registrados como indícios PR SM C-4 e PR SM C-7.

O primeiro dispunha-se na meia encosta e, o segundo, no topo de elevações, nas proximidades de cursos fluviais.

Pelas dimensões apresentadas, ambos corresponderiam a sítios-habitação destruídos em consequência das atividades agrícolas modernas.

Descrição dos Indícios Arqueológicos

PR SM C-4: Indício Cerâmico C-4 NºC 4761

UTM's: (22J) 055675 - 7147486

Fragmentos cerâmicos localizados a 105m da margem esquerda de um córrego (Fig. 9). Encontravam-se na meia encosta de uma elevação suave voltada para o córrego (840m s.n.m.).

O local, coberto por gramíneas e com restos de plantação de milho, conservava ainda os sulcos do arado. Nos arredores viam-se, a sudeste capoeira e, a sudoeste, pequena área com mata.

O solo apresentava coloração marrom-avermelhado e textura argilosa.

O material arqueológico, esparso e superficial, espalhava-se em uma área com 17x11m (146,79m²).

PR SM C-7: Indício Cerâmico C-7 N°C 4917

UTM's: (22J) 0556690 - 7147332

Fragmentos cerâmicos localizados a 181m da margem esquerda de um córrego, afluente da Sanga da Onça e, 95m da margem direita de outro (Fig. 9). Dispunham-se no topo de uma elevação, 59m acima do nível das águas do primeiro curso fluvial. (851m s.n.m.).

No local e arredores havia gramíneas e arbustos associados com árvores.

O material arqueológico ocorria em uma área com 24x9m (169,56m²), sobreposto às evidências do sítio PR SM 17: Serelepe, de Tradição Itararé.

Foram constatados nos cortes efetuados nas duas estruturas subterrâneas que o compunham. Na Estrutura A ocorriam entre 130 e 140cm de profundidade e, na B, a 174cm.

Diversos cortes-experimentais foram realizados entre e, nos arredores das estruturas, porém nada foi encontrado.

A 144m a nordeste, foram localizados os indícios cerâmicos C-4, da mesma tradição.

Evidências Arqueológicas Recuperadas: O Material Cerâmico

Nos dois locais rotulados como Indícios Arqueológicos foram coletados 13 fragmentos de recipientes cerâmicos. A sua análise revelou pasta argilosa e além de areia fina, provavelmente integrante natural, pequenos grânulos de argila até 2mm.

Confeccionadas pela técnica acordelada, cinco foram classificadas como Simples com Antiplásticos Grossos (38,46%). Mostram a superfície alisada apresentando colorações marrom-claro, marrom-avermelhado e cinza escuro e, a espessura da parede das vasilhas variando de 5,5 a 11,5mm.

Oito fragmentos receberam acabamento plástico de superfície, correspondendo a 2 Pintados (15,38%), 1 Corrugado-Espatulado (7,70%) e 5 Ungulados (38,46%).

Os fragmentos de recipientes Pintados sofreram erosão na superfície conservando apenas resíduos de engobo branco. Este ocorre na face externa de 1 e na interna de outro. No primeiro, camada de engobo vermelho foi aplicada, associativamente na face interna. Um mostra parede mais delgada, com 6,5mm e, outro, mais espessa, com 12,5mm.

As corrugações e unguações efetuadas nas demais vasilhas limitam-se à face externa. O exemplar com corrugações executadas com o auxílio de espátulas mede 11,5mm de espessura. Nos unguados a espessura da parede dos recipientes varia de 6 a 10,5mm.

Não foi possível determinar nenhuma forma de recipiente junto aos indícios. Os fragmentos coletados correspondem a partes dos bojos.

A Ocupação Histórica Recente e os Impactos Causados aos Sítios Arqueológicos.

Em vários sítios arqueológicos constatou-se, além dos danos causados pelas atividades agrícolas e de manejo florestal, intrusões representadas por lixo neles depositado pela população mais recente. Os locais mais afetados por essa prática foram as estruturas subterrâneas relacionadas à Tradição Itararé.

A estrutura subterrânea PR SM 10: Rio das Pedras-2, por exemplo, foi encontrada entulhada com grandes troncos e galhos de árvores, juntamente com frascos de vidro e embalagens de plástico referentes a defensivos agrícolas e fertilizantes. Nesse depósito, que se aprofundou até 310cm, também havia solo carregado por enxurradas e trabalhos agrícolas, assim como poucos fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé (Fig. 11).

Albino Riske, antigo morador do local, informou que a estrutura subterrânea era conhecida como “buraco de bugre” e que sempre a viu preenchida com troncos e galhos (entrevista em 23 de novembro de 2007).

Na estrutura subterrânea assinalada pelo sítio PR SM 15: Pinheiral, a intrusão verificada apresentou características diferenciadas quanto à forma de deposição. Para o descarte do lixo doméstico, os moradores abriram um buraco no centro da depressão; este se aprofundou até 345cm (Fig. 13). Nele foram atirados fragmentos de louças e de frascos de vidro. Nós de pinho também ocorreram nesse meio. Acima deles, em outro momento e espalhando-se por toda a área da depressão, foram lançadas embalagens de vidro e plástico, muitas vezes reunidas em sacos, correspondentes a venenos e fertilizantes agrícolas. A deposição mais recente compreendeu embalagens diversas contendo medicamentos e agulhas e seringas descartáveis.

Os fragmentos de louças recolhidos referem-se a pratos rasos e fundos, pires, canecas, tigelas e malgas. Predominam as louças brancas, algumas com relevo moldado em padrão trigal não pintado na borda. Dois fragmentos de pratos e um de tigela apresentam esmalte *pearlware*.

Poucos fragmentos de pires, canecas e malga possuem decoração por estêncil, representando frisos e flores nas cores marrom, preto, laranja, verde e amarelo; em um pires há associação com relevo tridimensional não pintado.

Marcas foram constatadas na base de treze pratos, uma caneca e uma malga. A mais freqüente estampa as iniciais “D.P.Cia”, com “estrela” em cima e as letras “CAL” embaixo (Fig. 32, a). Em um fragmento de prato, a marca é representada por um pinheiro circundado por linha e a legenda “CERÂMICA CAMPO LARGO – PARANÁ”, e rosácea externa com a inscrição “MARCA REGISTRADA” embaixo (Fig. 32, b). Dois pratos mostram uma cruz, com inscrição “IGUASSÚ” na trave horizontal e, externamente, junto às angulações da cruz, as letras “S”, “A”, “C” e “I” circundadas; sob a cruz, “CURITIBA”. Na face interna de um dos pratos, em uma parte da borda, contornada por friso, está representada uma bandeira hasteada e tremulando com a letra “N” no centro (Fig. 32, c). Um fragmento de malga trás cabeça de índio ladeada pelas letras “C” e “I” e a inscrição “Campo Largo-Paraná” embaixo (Fig. 32, d).

Os vidros recuperados correspondem a frascos de produtos farmacêuticos. Um deles, de vidro âmbar, com boca para receber tampa metálica ou plástica de rosca, tem faces lisas e lados com o nome do produto “Frixal” em alto relevo. Na base vê-se a marca do fabricante: “J.S” “1240” (Fig. 32, e). Outro frasco é de vidro marrom-claro, industrial, com uma face levemente convexa e lisa e, a oposta, plana e com o nome do produto em alto relevo: “FLUXO-SEDATINA DO PHco CHIMICO S. P. de ARAUJO”. A marca do fabricante no fundo é: “M” (Fig. 32, f). O terceiro frasco é de vidro verde-claro, semi-industrial, com molde duplo e boca aplicada no gargalo visando o seu fechamento por rolha de cortiça. Uma face é levemente convexa e com moldura em alto relevo para enquadrar o rótulo; a outra é plana. A marca do fabricante na base é: “250” (Fig. 32, g).

Pequena perturbação foi verificada na estrutura subterrânea PR SM 16: Nhapindazal. Era representada por corte situado no quadrante nordeste, provavelmente realizado com cavadeira articulada. Atingiu 235cm de profundidade e continha fragmentos de tijolos e de vidros planos de janela, frascos de vidro e embalagens plásticas com medicamentos.

No sítio PR SM 17: Serelepe, formado por duas estruturas subterrâneas, a intrusão recente ocorreu na denominada A. Foi marcada por um corte nas porções centrais, que atingiu 184cm de profundidade. Estava repleto de embalagens de vidro e plástico com medicamentos.

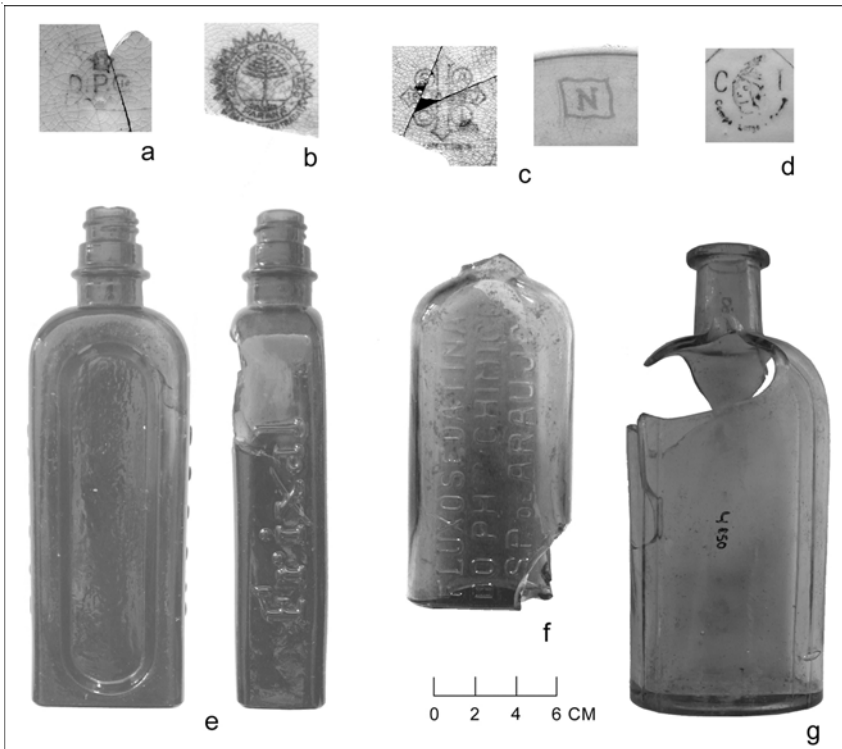


Figura 32. Marcas e decoração de louças (a-d) e frascos de produtos farmacêuticos (e-g) intrusivos no sítio PR SM 15: Pinheiral, de Tradição Itararé.

O preenchimento de estruturas subterrâneas é prática comum nos campos agrícolas do Paraná, embora o processo mais freqüente seja o da deposição de blocos de rocha e/ou terra. Nos arredores dos indícios líticos PR SM L-2 deste Projeto (Fig. 8), conforme declaração de morador local, existia uma depressão no terreno que acabou preenchida pela terra lavrada. Não sendo precisa a sua posição, a estrutura não pôde ser localizada pelos métodos tradicionais.

Junto aos indícios líticos PR SM L-3, situados fora da área do projeto, havia uma estrutura subterrânea que pôde ser visualizada; outra teria existido a 51m de distância, mas foi tampada intencionalmente pelo antigo proprietário do terreno depois da queda de um cavalo no seu interior.

O dano maior causado pela atividade agrícola, entretanto, refere-se à descaracterização do entorno das estruturas subterrâneas, com a eliminação de anéis ou aterros circundantes ou adjacentes e o revolvimento do solo que pode conter vestígios de ocupação externa,

como verificado no sítio PR SM 10 (Fig. 10).

Em sítios da Tradição Tupiguarani, deposição de lixo também foi percebida. No espaço compreendido pelos cortes 1, 2, 4, 5 e 6 da Concentração C do sítio PR SM 11: Rio das Pedras-3 (Fig. 26), havia lixo esparsa até 10cm de profundidade. Tratava-se de embalagens plásticas e metálicas de alimentos industrializados, como margarinas e óleo de cozinha, fragmentos de objetos metálicos e de garrafas. No Corte 1, essas evidências estavam junto aos restos de pequeno fogão sem anteparo.

Mais ao sul, nas áreas dos cortes 16, 19 e 20 e, em parte da Trincheira 10, o lixo era diferenciado e mais recente, predominando grandes pedaços de plástico e panos, embalagens de plástico parcialmente queimado e calça com fragmentos de telhas francesas, pregos e pilhas elétricas.

Conforme o já mencionado informante Albino Riske, no primeiro espaço, há mais de dez anos acampou o andarilho conhecido como "Alemão", casado com uma índia. Ali produziam cestos e balaies de taquara para venda na cidade de São Mateus do Sul. Mudaram-se para outro local e depois se dirigiram a São Bento do Sul, em Santa Catarina.

O impacto mais significativo causado pela ocupação moderna aos sítios da Tradição Tupiguarani, porém, é devido às atividades agrícolas. No momento da pesquisa, a área abrangida era caracterizada por capões de mata (reservas) e matas consorciadas com ervais em meio a terrenos explorados agricolamente. Foi possível, por isso, a constatação das condições de conservação das evidências arqueológicas em cada um desses meios.

Os sítios PR SM 9: Rio das Pedras-1 e PR SM 12: Sanga da Onça, encontrados em espaços revolvidos por repetidos cultivos, apresentavam os fragmentos cerâmicos dispersados superficialmente, de tamanhos reduzidos e com faces erodidas. Os dois últimos fatores dificultaram, na etapa de laboratório, a classificação tipológica e a reconstrução morfológica dos recipientes cerâmicos.

Nos sítios PR SM 11: Rio das Pedras-3 e PR SM 13: Rio das Pedras-4, compostos por três e duas concentrações de material, respectivamente, teve-se uma percepção mais acurada do estado de conservação dos vestígios encerrados nas porções protegidas pela mata em relação àqueles contíguos, mas situados em terrenos arados. Na Concentração C do primeiro sítio, localizada em capão de mata, pôde-se escavar boa parte da base da habitação indígena que lá se conservava encerrando grandes fragmentos de recipientes cerâmicos não erodidos, junto a fogões, artefatos líticos e restos alimentares.

Nas suas concentrações A e B, dispostas a nordeste em terrenos arados e cobertos por capoeiras, os fragmentos cerâmicos estavam fora de contexto, diminuídos no tamanho e erodidos pelas sucessivas exposições às intempéries.

O sítio PR SM 13 também apresentava uma parte melhor preservada (Concentração B) e outra perturbada (Concentração A). A implantação de erval sobre o espaço da Concentração B há mais de trinta anos, porém, foi precedida pelo preparo do terreno com arado de pequena capacidade de penetração no solo, que causou alguns danos à estratigrafia. Na área da Concentração A o arado foi empregado várias vezes para a produção de grãos e, conseqüentemente, ocasionou prejuízos mais acentuados ao acervo.

O sítio PR SM 14: Erveiras, formado por três concentrações, teve duas delas perturbadas pela abertura de uma estrada utilizada para exploração de erva-mate. Na parte do sítio situada a leste da estrada o arado foi acionado há décadas para a formação de erval, afetando uma porção da Concentração A e toda a área da Concentração C. Somente no lado oeste da estrada, no trecho ocupado por uma parte da primeira concentração e toda a área da Concentração B, o plantio de mudas de erva-mate não incluiu o preparo do terreno com arado. Nesse espaço, a camada arqueológica estava preservada.

Em um passado um pouco mais remoto, quando a área foi ocupada pelos integrantes da Tradição Tupiguarani, seus assentamentos também ocasionaram danos aos vestígios deixados pelos da Tradição Itararé, seus antecessores. Sítios Itararé registrados como indícios PR SM C-8, PR SM C-9 e PR SM C-10 foram impactados pelos formadores dos sítios PR SM 9, PR SM 14 e PR SM 11, de Tradição Tupiguarani.

Outros indícios de ocupações de tradições Itararé e Tupiguarani PR SM C-4 e PR SM C-5 e os demais assinalados na Figura 8, foram destruídos pelas atividades modernas. É possível que no espaço situado a sudoeste da área pesquisada, na qual sítios ou mesmo indícios de ocupação não foram detectados, a sua ausência se deve à intensa utilização agrícola nas últimas décadas. Moradores antigos que puderam ser entrevistados, entretanto, afirmaram que não perceberam “buracos de brugre”, “cacos de potes” ou “pedras de raio” naquele trecho.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Realizadas em duas etapas, inicialmente para fins de constatação e diagnóstico e, posteriormente para a execução de salvamento, as pesquisas junto à Mina Dois Irmãos acumularam dados relativos a 24 ocupações humanas pretéritas.

O espaço da pesquisa, situado no município paranaense de São Mateus do Sul, está inserido na área PR SM estabelecida pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná para o cadastro de sítios arqueológicos no estado, a qual, além dele, abrange os municípios de Paulo Frontin, Rio Azul, Rebouças, São João do Triunfo, Antonio Olinto e parte do Município de Irati.

Destinado à exploração e beneficiamento do xisto betuminoso pela Unidade de Negócio da Industrialização do Xisto – SIX, da Petróleo Brasileiro S.A. – Petrobras, o trecho abrangido pela Mina Dois Irmãos, compreendido pelas coordenadas UTM (22) 7147754-0555732, (22J) 7147887-0557707, (22J) 7144801-0556330 e (22J) 7144999-0557815, está localizado no médio vale do rio Iguaçu.

Das abordagens arqueológicas resultaram 11 sítios e 13 indícios de ocupações. Os primeiros foram registrados como sítios porque apresentavam porções de suas áreas ainda preservadas e que puderam ser escavadas ou porque, mesmo perturbados, continham volume considerável de evidências continuamente distribuídas. Os locais estudados como indícios correspondem a sítios destruídos pelas ocupações posteriores; encerravam poucas e esparsas evidências.

Embora os trabalhos tenham abrangido toda a área do empreendimento minerário, sítios e indícios arqueológicos somente foram detectados na suas partes centrais, norte e leste. Não há diferença quanto a constituição geológica, topográfica e de rede hídrica entre elas e a situada a oeste que pudesse explicar a sua não ocupação no passado (Fig. 9).

Observando-se a imagem de satélite de 2009 do espaço em pauta (Fig. 33), notam-se os campos agrícolas recentes a leste, as reservas de mata no centro e a mata rarefeita entre pequenos campos agrícolas à oeste. Os sítios mais preservados localizam-se no trecho ocupado pelas reservas de mata. Os impactados e a maioria dos indícios encontram-se a leste. Na parte oeste, apesar da aparente proteção que a mata rarefeita pudesse proporcionar a sítios ou mesmo manter alguns de seus indícios, nada foi encontrado.

Durante as prospecções constatou-se que a vegetação arbórea existente a oeste é mais recente e desenvolvida no solo explorado continuamente por agricultores há muito tempo. A própria reserva central, geralmente consorciada com erveiras, parece não ser muito antiga. Informantes declararam que os pinheiros nela existentes foram plantados há 30 anos pelos ervateiros e que, para o plantio das mudas de erva-mate, o arado foi empregado pelo menos uma vez em alguns pontos.



Figura 33. Inserção dos sítios e indícios arqueológicos em parte da área da Mina Dois Irmãos. Os círculos em amarelo correspondem aos assentamentos da Tradição Itararé e, os em branco, aos da Tradição Tupiguarani (Fonte: GOOGLE, 2009).

Um dos informantes,⁷ reportando-se à memória transmitida por seu pai nascido no lugar no começo do século XX, descreveu a região coberta por densa mata dominada por pinheiros, imbuías, cedros e outras árvores de grande porte, explicitando que nela não havia campos naturais. Após fortes geadas, cujo período não pôde precisar, sobreveio um incêndio que destruiu a mata, dela permanecendo alguns alqueires isolados por aceiro. Nessa reserva refugiou-se diversificada fauna, principalmente bugios.

O acionamento reiterado do arado nos espaços comentados, portanto, deve ter ocasionado a destruição de sítios arqueológicos, especialmente os mais superficiais. Entre eles, os pertencentes à Tradição Itararé, que encerram frágil cerâmica. Até suas estruturas subterrâneas podem acabar soterradas pela ação do arado (indícios PR SM L-2 e PR SM L-3).

Quando se localizou a Concentração A do sítio PR SM 11, relacionado à Tradição Tupiguarani, supôs-se que, devido à desestruturação do terreno e ao precário estado de conservação dos fragmentos cerâmicos encerrados, as roças ali fossem praticadas há muitos anos. Morador das

⁷ Albino Riske, em 23 de novembro de 2007.

imediações, porém, esclareceu que o terreno havia sido arado recentemente, após a derrubada da mata, referência que explica a rápida deterioração das evidências arqueológicas.

Os sítios e indícios arqueológicos estudados por este Projeto filiam-se às tradições Itararé e Tupiguarani, ambas derivadas de grupos indígenas ceramistas com economia baseada na exploração dos recursos naturais e na produção agrícola de subsistência.

Não foram encontrados, nesse espaço restrito, assentamentos vinculados a caçadores coletores pré-ceramistas, mas eles existem em outras áreas do vale do rio Iguaçu.⁸ A pouco mais de 40km de distância, a oeste, seus sítios foram pesquisados na margem do subafluente Braço do Potinga. Em União da Vitória e Porto Amazonas, sítios formados por caçadores-coletores são conhecidos. Relacionados às tradições Umbu e Humaitá, dominaram os espaços mencionados entre 4355 antes do presente (2405 a.C.) e 730 antes do presente (1220 d.C.), conforme datações por Carbono-14.

Entre as 17 ocorrências da Tradição Itararé agora abordadas, seis eram representadas por sítios com estruturas subterrâneas. Um deles (PR SM 10) incluía espaço contíguo com material arqueológico dispersado na superfície do terreno. Em outros dois (PR SM 16 e PR SM 17), havia aterros contornando total ou parcialmente a borda das estruturas. Nas proximidades de outro (PR SM 19) ainda, dispunha-se um aterro circular de pouca altura.

Os sítios e indícios foram encontrados próximos a pequenos cursos fluviais, no topo de elevações suaves ou em suas encostas, em altitudes variando de 816 a 873m sobre o nível médio do mar. As estruturas subterrâneas apresentavam aberturas circulares com diâmetros de 5 a 12m, ou levemente elípticas, com diâmetros de 5,30x4,30 e 6,50x5,50m.

Com exceção do sítio PR SM 17, que reunia duas estruturas subterrâneas próximas, os demais apresentavam apenas uma. Em todos os sítios, mesmo naqueles situados em áreas protegidas por reservas de mata, foram constatadas perturbações por agentes antrópicos; perturbações causadas pelo desenvolvimento de árvores e animais cavadores, também foram comuns. A estrutura subterrânea do sítio PR SM 10, localizada em campo agrícola, estava preenchida com troncos de árvores e lixo agrícola. Nos outros sítios, igualmente, havia lixo

⁸ Fazem parte do acervo da Casa da Memória de São Mateus do Sul coleções de artefatos elaborados sobre lascas e lâminas de sílexito, entre as quais, raspadores, pontas de projéteis foliáceas e pedunculadas com aletas, comparáveis às registradas nos sítios do rio Braço do Potinga (Fase Potinga).

agrícola e, surpreendentemente, descarte de lixo hospitalar. Na estrutura do sítio PR SM 15, além dessas deposições recentes, registrou-se uma mais antiga representada por lixo doméstico.

As escavações executadas apontam para uma só ocupação nas estruturas subterrâneas dos sítios PR SM 10, PR SM 16 e PR SM 19. Nelas, as camadas ocupadas situavam-se entre 315 e 322cm, 215 e 235cm e 322 e 325cm de profundidade, respectivamente, tendo-se como referência a superfície atual do terreno. Na Estrutura A do sítio PR SM 17, três camadas de ocupação foram identificadas entre 163 e 190cm, 200 e 210cm e 245 e 270cm de profundidade; na Estrutura B do mesmo sítio havia duas camadas de ocupação: de 235 a 242cm e de 273 a 288cm de profundidade.

As estruturas subterrâneas dos sítios PR SM 15 e PR SM 18 não revelaram camadas de ocupação.

Nas estruturas habitadas, as camadas que continham evidências das atividades desenvolvidas apresentavam estrato de areia de enxurrada, separando-as das camadas sedimentares superiores. Este seria indicativo da exposição do piso arqueológico abandonado às intempéries após o desaparecimento da cobertura.

Indício de esteio da estrutura de cobertura foi constatado na habitação subterrânea do sítio PR SM 16 (Fig. 16) que, além de apresentar o maior diâmetro (12m), foi a única construída inteiramente no argilito. As demais foram abertas no latossolo. A estrutura do sítio PR SM 19, com 5m de diâmetro, inicialmente foi escavada no latossolo e, nas partes mais profundas, no embasamento argilítico. Nesta, assim como nas outras, buracos de estacas não foram constatados.

Arqueólogos procuram entender como as habitações subterrâneas seriam cobertas. Supõe-se que sobre as menores haveria vigamento apoiado em troncos na superfície do terreno; nas maiores, como a do sítio PR SM 16, as vigas apoiar-se-iam no pé direito fixado no centro da estrutura, irradiando-se para a periferia.

Quanto à forma de acesso, em duas habitações subterrâneas ela está sugerida: na do PR SM 10, uma rampa foi localizada junto à parede sudoeste; na do sítio PR SM 16, uma rampa com restos de escalonamento foi detectada na parede norte. Neste sítio, ainda, a porção utilizada para as atividades cotidianas no interior da habitação seria de 6m de diâmetro, ou seja, a metade do seu diâmetro constatado na superfície do terreno. Tal proporção foi verificada também nas áreas ocupadas das habitações subterrâneas dos sítios PR SM 10, PR SM 17 (Estrutura A) e PR SM 19. Comportariam, portanto, uma família nuclear.

Engenharia com vistas à correção de irregularidades do terreno junto às estruturas foi registrada nos sítios PR SM 16 e PR SM 17.

As declividades existentes do norte ao sul do primeiro foram aterradas para o nivelamento da abertura com a parte nordeste, que era mais elevada, sendo utilizada, para isso, a terra retirada da estrutura. Na Estrutura A do segundo sítio, o nivelamento abrangeu toda a sua periferia, mas com maior acúmulo de terra do norte ao sul, justamente as partes mais inclinadas. Na Estrutura B, o aterro era parcial e estava um pouco afastado da abertura, corrigindo a porção inclinada do terreno a nordeste (Figs. 16 e 18).

Em outros lugares do Paraná, algumas habitações subterrâneas eram contornadas por estreito anel que deveria servir para o desvio das enxurradas. É possível que esses anéis existissem, também, em volta das agora estudadas, mas acabaram destruídos.

Um aterro de formato circular foi anotado próximo à habitação subterrânea do sítio PR SM 19. Não corrigia declividade do terreno. A terra deve ter sido ali acumulada à medida que a estrutura era aberta.

Não foram constatados, nesta pesquisa, aterros circulares associados à práticas funerárias da Tradição Itararé que, em outras regiões do Paraná incluem cremação de corpos (vide nota 12).

Duas estruturas subterrâneas escavadas nos sítios PR SM 15 e PR SM 18 não revelaram indícios de terem servido como habitações. Ambas tinham a abertura elíptica. Os sedimentos que preenchiam a primeira aprofundavam-se até 400cm, quando se caracterizou o embasamento argiloso e compacto; entre 340 e 345cm de profundidade, o solo acumulado misturava-se com esparsos carvões depositando-se, essa camada, sobre estrato de areia de enxurrada (Fig. 14).

Na segunda estrutura, os depósitos atingiram 278cm de profundidade.

É possível que essas estruturas subterrâneas integrassem sistema defensivo de aldeias, conforme informações etno-históricas. Os fojos, praticados pelos índios Botocudos (Xoklêng), eram buracos profundos, guarnecidos de estrepes e camuflados nas picadas que demandavam suas aldeias (Fig. 3).

Além dessas estruturas e das que serviram como habitações subterrâneas, na área foram encontradas evidências de ocupação na superfície do terreno. Um desses espaços contendo material arqueológico superficial dispunha-se a 35m de distância da habitação subterrânea no sítio PR SM 10. O material fora dispersado pelas práticas agrícolas recentes, ocupando uma área com 571m² (28x26m). Originalmente a área ocupada superficialmente deveria ser menor, correspondendo à base de uma cabana. É possível, ainda, que essa cabana fosse utilizada durante os meses quentes pelos mesmos habitantes que, nos meses frios, se abrigavam na habitação subterrânea ao lado.

Ocupações superficiais foram percebidas em outros espaços também impactados por atividades modernas. Em algumas delas havia perturbações mais antigas, relativas a assentamentos da Tradição Tupiguarani. Apesar disso, possibilitam considerações com relação a padrões de implantação. Considerando-se o indício PR SM C-5 como remanescente de sítio, esse local poderia estar associado a uma ou a ambas habitações subterrâneas do sítio PR SM 17, do qual distava 126m, repetindo-se o padrão apresentado pelo sítio PR SM 10.

Outra situação que incluiria sistema defensivo poderia constituir um padrão. Os indícios PR SM C-8 distavam 140m da estrutura subterrânea PR SM 18, que talvez represente uma armadilha. A mesma configuração observa-se com relação aos indícios PR SM C-9 e PR SM C-10, encontrados em áreas ocupadas pelos Tupiguarani. Os primeiros distavam 42m da estrutura subterrânea do sítio PR SM 15, outra possível armadilha; os indícios PR SM C-10 distavam 92m da mesma estrutura subterrânea. Havendo diferença estratigráfica na ocorrência dos indícios, de 0 a 10cm de profundidade no PR SM C-9 e de 10 a 18cm no PR SM C-10, com reflexo na temporalidade, a uma dessas antigas aldeias poderia estar associado o fojo.

A utilização do fojo pressupõe a existência, em alguns momentos, de um estado de conflito entre parcialidades do mesmo grupo ou com grupos diferentes.

O material arqueológico ocorreu em pequena quantidade nos assentamentos desta tradição. Dos 136 fragmentos de recipientes cerâmicos recolhidos na camada de ocupação da estrutura subterrânea do sítio PR SM 10, restaram 64 depois da restauração. Na habitação subterrânea do sítio PR SM 16, os 346 fragmentos procedentes da camada ocupada reduziram-se a 173. Essas quantias finais seriam ainda menores se não faltassem pedaços intermediários das seqüências restauradas, pois se percebe que duas delas poderiam pertencer à mesma vasilha. Na coleção cerâmica formada na ocupação mais antiga da Estrutura A, do sítio PR SM 17, constituída originalmente por 73 fragmentos, a restauração praticada foi bem sucedida reduzindo-se, a amostragem, a porções de 11 recipientes (Foto 26, a-c).

As peças líticas foram, também, pouco representadas nas habitações subterrâneas; elas foram mais numerosas na ocupação superficial do sítio PR SM 10, embora fragmentadas. Deve-se levar em conta que, identificados pelos atuais agricultores, mãos de pilões e lâminas de machados são por eles retirados dos sítios.

De acordo com as restaurações e reconstruções procedidas com os fragmentos cerâmicos dos locais pesquisados, a morfologia obtida corresponde àquela existente em outras regiões do Estado do Paraná

nas quais a Tradição Itararé foi identificada. Algumas formas de vasilhas, porém, estão ausentes aqui. O que se obteve refere-se a tigelas, jarros e panela de pequenas dimensões e paredes delgadas, de superfícies simples e muitas vezes enegrecidas intencionalmente (Fig. 24). Os jarros mostram sinais de sua utilização no fogo para o processamento de pequena quantidade de alimento. As tigelas não apresentam tais vestígios e seriam usadas para servir bebidas e alimentos.

Os artefatos líticos são representados por lâminas de machados, mãos de pilões e fragmento de pequeno recipiente com superfícies alisadas (Foto 25, b-f). Esses artefatos inferem atividades de derrubada de árvores para a formação de clareiras destinadas às roças e implantação de habitações, e manipulação de sementes. Lascas de rocha mostram sinais de uso imediato no trabalho com madeira, couro, esquatejamento, etc (Foto 25, c). Alguns nódulos ou seixos-rolados foram usados para alisar a superfície de recipientes cerâmicos.

Três das sete estruturas subterrâneas escavadas puderam ser datadas pelo método do Carbono-14.⁹ A primeira e única ocupação da habitação subterrânea do sítio PR SM 16 forneceu a data convencional de 1150 ± 40 antes do presente ou 800 ± 40 depois de Cristo (Beta – 256.211); a ocupação mais antiga da Estrutura B do sítio PR SM 17 alcançou 1030 ± 50 AP ou 920 ± 50 d.C (Beta – 256.210) e, a mais antiga da Estrutura A do mesmo sítio, 920 ± 40 AP ou 1030 ± 40 d.C (Beta – 256.209).

Verifica-se que o intervalo entre a ocupação do sítio PR SM 16 e as iniciais das estruturas B e A do sítio PR SM 17 varia de 120 a 110 anos. As datações das estruturas do último sítio, mesmo que se considerem as suas margens de erro, apontam para ocupações em momentos diferentes. Representam, por isso, dois sítios.

Não foi possível datar as duas ocupações mais recentes da Estrutura B nem a referente à segunda ocupação da Estrutura A, que possibilitaria a avaliação da velocidade das reocupações.

Estruturas habitacionais subterrâneas são conhecidas em vários pontos do Paraná. Em uma delas, no sítio PR CT 93, pesquisado em Mandirituba, na Região Metropolitana de Curitiba e situado nas proximidades

⁹ Tentou-se, inicialmente, a datação pelo método da Termoluminescência (TL). O processamento das amostras encaminhadas para o laboratório da Fatec, em São Paulo, entretanto, não chegou a bom termo por encerrarem quantidade insuficiente de quartzo. O mesmo sucedeu com as amostras relativas às ocupações da Tradição Tupiguarani. Amostras de carvão vegetal foram posteriormente remetidas para a Dra. Betty J. Meggers, do Smithsonian Institution de Washington D.C. e, por seu intermédio, processadas no Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory.

do rio Iguaçu, havia treze camadas de ocupações superpostas. Cinco delas foram datadas atingindo, a ocupação inicial, 940 AP (1010 d.C.) e, a última, 680 AP (1270 d.C.). Esses resultados serviram para o entendimento mais apurado dos intervalos havidos entre as ocupações, geralmente relacionados às condições climáticas que favoreciam ou não a expansão da Araucária e, também, a movimentação do grupo no ambiente (CHMYZ, et alii, 2002:99).

As datações de sítios da área da Mina Dois Irmãos balizam a presença da Tradição Itararé em uma faixa temporal de 230 anos. Essa faixa poderia ser ampliada com a datação dos outros sítios pesquisados. Em outros locais do médio vale do rio Iguaçu a cronologia da tradição abrange um período situado entre 1635 AP (315 d.C.) e 190 AP (1760 d.C.). No vale do mesmo rio ainda, mas aquém e além do espaço geográfico recortado para a contextualização do presente trabalho, existem datações mais antigas e mais recentes que as pontuadas.

Deve-se considerar, também, a pista fornecida pela estratigrafia do sítio Tupiguarani PR SM 14, implantado na área alguns séculos mais tarde. Nesse sítio, entre 0 e 10cm de profundidade ocorreram, associadamente, fragmentos de cerâmica Itararé. A contemporaneidade das tradições inferida por essa evidência, pode ter continuado, se levarmos em conta a presença do Tupiguarani no século XIX em Mallet (sítio PR SM 4), os sítios de contato entre ambas em Porto Amazonas (fases Imbituva e Guajuvira) e as informações etno-históricas sobre a presença dos Xoklém até princípios do século XX no médio rio Iguaçu.

Os sete assentamentos da Tradição Tupiguarani no perímetro abrangido pelo Projeto, com exceção do indício PR SM C-4, ocupavam o topo de suaves elevações, entre 841 e 852m s.n.m.; o indício dispunha-se na meia-encosta de elevação, a 840m s.n.m. Todos estavam próximos de pequenos cursos fluviais.

As áreas apresentadas pelos cinco assentamentos que puderam ser registrados como sítios variaram de 1.017 a 9.708m². Apesar de terem sido afetados total ou parcialmente, dois deles (PR SM 9 e PR SM 13) ainda conservavam duas concentrações de material arqueológico situadas ao norte e ao sul do seu espaço. Em outros dois havia três concentrações, cada uma localizada nos extremos norte e sul de ambos e, a terceira, a leste em um caso e a oeste de outro (PR SM 11 e PR SM 14). No sítio PR SM 12, totalmente impactado, as evidências formavam uma concentração com área de 1.610m².

As concentrações perturbadas compreendiam áreas elípticas variando de 703 a 2.117m²; nas intactas ou pouco perturbadas, as áreas também elípticas, mediam de 157 a 587m², representando com mais

fidelidade as dimensões ocupadas pelas bases das habitações comunais, em torno de 16x12 e 44x17m. Nesses espaços, o solo era geralmente mais escuro que o da periferia, chegando ao preto em trechos de maior atividade e junto aos fogões. Nos sítios perturbados e que tiveram as evidências dispersadas, o solo mantinha coloração idêntica ao do entorno. Mantinham, entretanto, um espaço central com material adensado, assinalando a posição da base da antiga habitação e de suas dimensões aproximadas. Isso foi constatado na Concentração A do sítio PR SM 9, na qual o adensamento media 197m² (21x12m); na Concentração A do sítio PR SM 11, o adensamento ocupava uma área circular, com 283m² (19x19m).

O material arqueológico foi encontrado superficialmente nos sítios perturbados; nos demais, ocorria de forma rarefeita até 10cm de profundidade e com mais intensidade de 10 a 18cm, atingindo profundidades um pouco maiores nas bases dos fogões ou nas pequenas depressões.

A escavação realizada na Concentração C do sítio PR SM 11, com 587m² de área, revelou espaços com material arqueológico adensado associado a solo de coloração preta. Um deles, com cerca de 43,96m² (14x4m), dispunha-se em sentido nordeste-sudeste; outros próximos, mas menores, estendiam-se do norte ao sul e do nordeste a sudoeste e apresentavam áreas com 19m² (6x4m) e 31m² (10x4m). As trincheiras abertas até os limites preservados da concentração não evidenciaram novos trechos adensados. Correspondendo aos locais utilizados para o preparo e consumo de alimentos, inclusive pinhões, os espaços adensados encontravam-se no lado leste da concentração.

As escavações praticadas nas partes ainda preservadas dos sítios PR SM 13 e PR SM 14, não foram suficientes para a constatação de padrões como os anteriores, mas apontaram para a intensidade maior das atividades desenvolvidas pelos moradores das habitações representadas pelas concentrações A e B do sítio PR SM 14, em relação àqueles que, em menor número deveriam ocupar a Concentração C.

O material arqueológico procedente dos assentamentos estudados, representado principalmente por fragmentos de recipientes cerâmicos, revela nestes decorações e formas relacionadas à Tradição Tupiguarani. Os instrumentos líticos, embora fragmentados e pouco numerosos, também comparam-se aos que diagnosticaram a tradição.

Comparando-se as cerâmicas dos sítios, verifica-se que elas foram produzidas e utilizadas por um grupo diferente que, em determinado momento, passou a ocupar o espaço anteriormente dominado pela

Tradição Itararé. Essa periodização foi, inicialmente, relativa e baseada na estratigrafia constatada em vários lugares, nos quais evidências Tupiguarani sobrepunham-se ou misturavam-se às da Tradição Itararé. Os indícios PR SM C-7, por exemplo, encontravam-se acima das camadas de ocupação das estruturas subterrâneas A e B do sítio PR SM 17; os indícios PR SM C-6, situavam-se entre 22 e 25cm de profundidade na área do sítio PR SM 13 e, os indícios PR SM C-10, foram detectados entre 10 e 18cm no espaço do sítio PR SM 11. Material arqueológico referente às duas tradições ocorreu também na área do sítio PR SM 9, cuja estratigrafia foi destruída.

A seqüência seriada praticada com coleções cerâmicas dos sítios evidencia a freqüência constante dos principais tipos definidos pela granulometria dos antiplásticos e pela decoração. Os tipos mais populares em toda a seqüência são o Simples Grosso, o Pintado, o Corrugado-Ungulado e o Corrugado-Leve. Menos populares, mas de ocorrência contínua, estão os tipos Engobo Vermelho, Corrugado-Complicado, Ungulado e Ungulado-Tangente. De forma errática, manifestam-se os tipos Simples Fino e Corrugado-Espatulado, Os tipos Corrugado-Entalhado, Serrungulado, Ponteadado, Inciso, Entalhado, Roletado, Pinçado, Raspado, Digitado, Acanalado, Marcado com Corda, Marcado com Cestaria, Pintado sobre Face, Pintado com Dedo e Pintado Preto sobre Vermelho, são pouco expressivos e ocorrem de forma rara.

A seqüência seriada geral mostra a freqüência relativa dos tipos cerâmicos. A disposição das barras horizontais tem conotação cronológica, sendo consideradas mais antigas as situadas na base do gráfico (Fig. 34).

A tendência de popularização do tipo-guia Simples Grosso, de baixo para cima na seriação, foi determinada pela procedência estratigráfica de coleções, ou seja, inicialmente foram seriadas as relativas à profundidade de 0 a 10cm nos cortes e, depois, intercaladas as situadas entre 10 e 20cm. Em momento algum as coleções originárias das profundidades de 0-10 e 10-20cm do mesmo corte tiveram a sua posição invertida na seqüência.

Representativos de um momento da história da Tradição Tupiguarani na sua trajetória pelo Estado do Paraná, os sítios seqüenciados em São Mateus do Sul passam a constituir a fase Caitá.¹⁰

¹⁰ Termo de origem Tupi-Guarani, derivado de "caá", mata e "ita", pedra, poderia significar pedra na mata. É a denominação de um Distrito do Município de São Mateus do Sul.

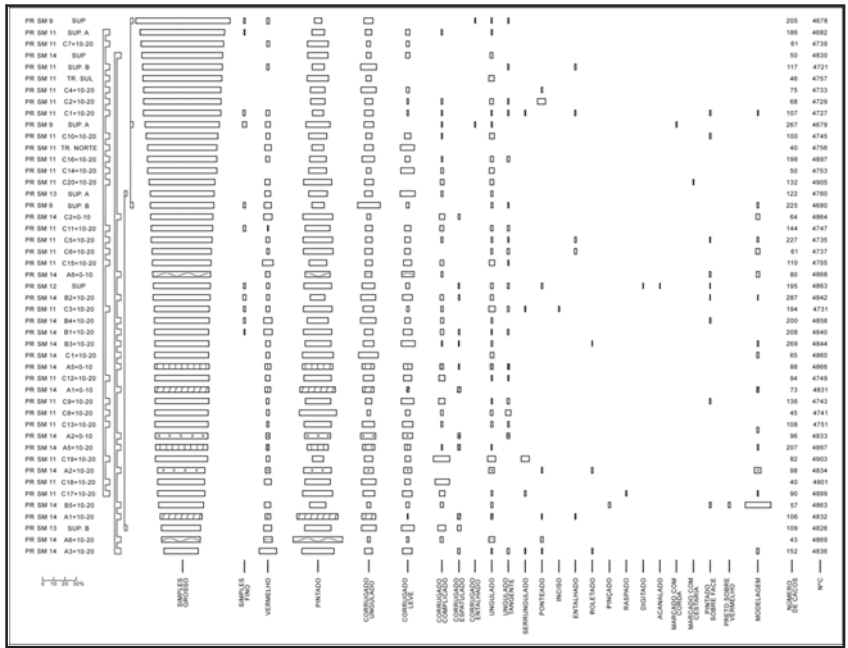


Figura 34. Seqüência seriada geral dos sítios da fase Caitá, de Tradição Tupiguarani, baseada na freqüência relativa dos tipos cerâmicos.

Objetivando-se a captação das metades clônicas que norteiam a organização social dos índios da família lingüística Tupi-Guarani, à qual está vinculada a Fase Caitá, um refinamento da seqüência seriada geral foi praticado. Considerando-se que, assim como as formas dos recipientes cerâmicos e as decorações que os guarnecem são elementos tradicionais da cultura e transmitidos para as sucessivas gerações, a seleção intencional dos antiplásticos que integram a matéria-prima para a sua confecção também é um comportamento herdado, para a definição das metades o refinamento privilegiou os tipos Simples Grosso e Simples Fino.

Verificando-se que o tipo Simples Fino ocorria somente em algumas das coleções antes seriadas, no novo ordenamento essas coleções foram daquelas separadas. Obteve-se duas séries, uma denominada como Grupo A, na qual só figura o tipo Simples Grosso e outra, rotulada como Grupo B que, além desse tipo, comporta o tipo Simples Fino. Este tipo seria de uso exclusivo, portanto, de uma das metades na organização social (Fig. 35, A e B).

Outras exclusividades foram constatadas, como os tipos Roletado, Pinçado, Raspado, Marcado com Cestaria e Pintado Preto sobre Vermelho,

para o Grupo A e, Corrugado-Entalhado, Inciso, Digitado, Acanalado e Marcado com Corda, para o Grupo B. Todas as modelagens esféricas, a maioria utilizada como conta de colar, restringiam-se ao Grupo B.

Diferença também existe quanto à quantidade de fragmentos cerâmicos procedentes dos cortes efetuados nos sítios, que é maior naqueles relacionados ao Grupo B. Isso estaria indicando atividade mais intensa desenvolvidas por este grupo, que reuniria mais pessoas que o Grupo A.

Com relação à posição dos grupos nas áreas dos sítios, notou-se que as coleções do Grupo B localizaram-se preferentemente na Concentração B do sítio PR SM 14; as concentrações A e C do mesmo sítio foram ocupadas apenas pelos integrantes do Grupo A. No sítio PR SM 11, o grupo A localizou-se no extremo sul do adensamento maior; o Grupo B ocupou o restante desse espaço adensado e naqueles situados a oeste e ao sul. Os grupos interagiram, portanto, dentro dos espaços das aldeias e habitações.

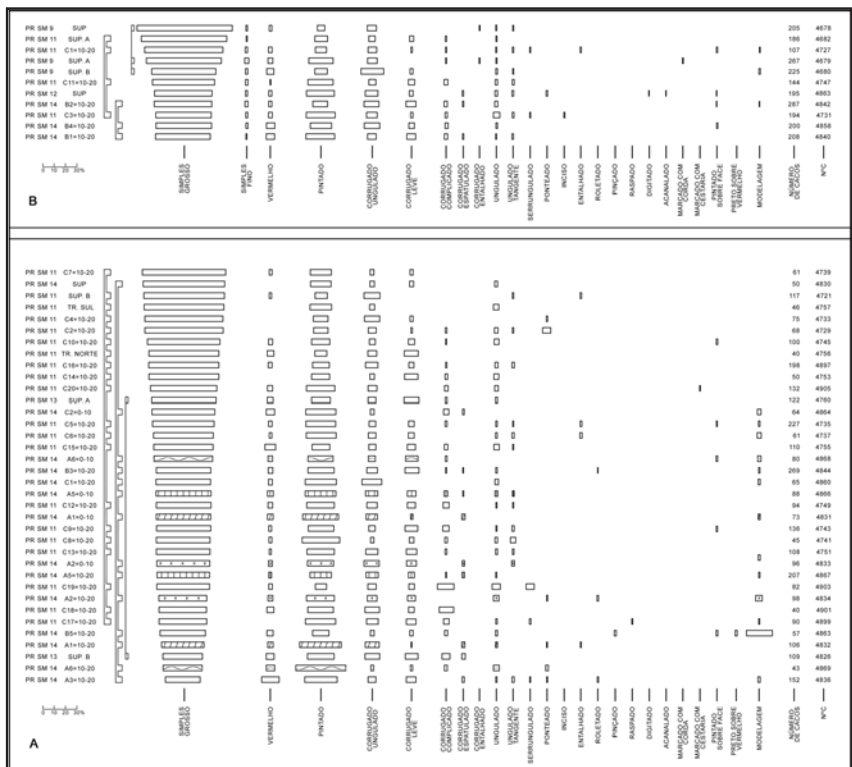


Figura 35. Seqüências seriadas dos Grupos A e B na Fase Caitá, de Tradição Tupiguarani.

Dois sítios da Fase Caitá tiveram amostras datadas por C-14. A referente ao sítio PR SM 14 alcançou 490 ± 40 AP ou 1460 ± 40 d.C. (Beta – 256.208) e, a do sítio PR SM 11, 440 ± 40 AP ou 1510 ± 40 d.C. (Beta – 256.207). Os demais não foram datados porque suas áreas apresentavam-se perturbadas.

Este era um resultado esperado, tendo-se em vista a data fornecida pelo sítio de União da Vitória e o fato de que as evidências dessa tradição na área da Mina Dois Irmãos não incluíam indícios de contato com europeus.

A data de 1460 d.C. posicionou-se no nível inferior da seqüência seriada geral da fase (Fig. 34), enquanto a de 1510 d.C. encaixou-se nas suas porções medianas, em concordância com o significado cronológico das barras superpostas: os níveis inferiores do gráfico são mais antigos que os superiores. É importante mencionar que a seqüência seriada foi estabelecida conforme a tendência apresentada pelo tipo cerâmico Simples Grosso, uma tendência indicada pela estratigrafia dos cortes efetuados nos sítios. Essa operação antecedeu o fornecimento das datas pelo laboratório.

Nas seqüências seriadas que reúnem as coleções referentes aos grupos A e B da fase, a data mais antiga relaciona-se ao Grupo A e, a mais recente, ao Grupo B (Fig. 35). A diferença entre as datações convencionais é de 50 anos, mas como cada uma delas apresenta margem de erro de 40 anos (para mais ou para menos), poder-se-ia considerá-las contemporâneas. Isto significa, como foi comentado acima, que as metades clônicas representadas pelos grupos A e B nas seqüências seriadas compartilhavam a mesma casa comunal ou interagiam em casas separadas dentro da aldeia.

As datações atuais, associadas a do sítio PR UV 16, da região de União da Vitória (500 ± 45 AP ou 1450 ± 45 d.C.), poderiam indicar o momento da dispersão da Tradição Tupiguarani pelo médio vale do rio Iguaçu, talvez derivada de movimentos migratórios iniciados no sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina.

Raros em União da Vitória, os sítios Tupiguarani tornam-se mais numerosos na área da presente pesquisa; nela, os seus formadores devem ter permanecido por mais tempo que o balizado pelas datações agora disponíveis. Essa suposição é corroborada pelo sítio PR SM 4 de Mallet, que encerrava no seu acervo peças metálicas modificadas, as quais os índios Tupi-Guarani devem ter subtraído dos colonos no século XIX, apesar desse grupo não ter sido mencionado por exploradores do rio Iguaçu no trecho em pauta ou mesmo por imigrantes europeus que passaram a ocupá-lo mais tarde.

Os sítios da Tradição Tupiguarani tornam-se mais numerosos

ainda nos arredores de Porto Amazonas. As fases Imbituva e Guajuvira lá definidas apresentam, também, indícios de contato com europeus: peça metálica formatada como ponta de projétil na primeira, e base plana em pedestal em recipiente cerâmico na segunda. Em ambas as fases ocorrem vasilhas cerâmicas marcadas com tecido e malha, decorações somente detectadas em sítios Tupiguarani que interagiram com europeus, fato constatado, por exemplo, nas reduções jesuíticas do século XVII do interior do Paraná.

Embora não tenham sido datados pela radiometria, devido às condições ruins dos sítios, as seqüências seriadas das fases Imbituva e Guajuvira apontam para a sua contemporaneidade. A Fase Imbituva é a que mostra maior semelhança com a composição tipológica da Fase Caitá, da qual poderia ter derivado.

De difícil entendimento, ainda, é como se teria processado a fixação dos Tupi-Guarani em território densamente povoado pelos Xoklém (Botocudos), seus tradicionais adversários. Considerando-se que a tradição arqueológica Itararé seja relacionada aos Xoklém -ou a seus antepassados, dos quais teriam derivado também os Kaingáng-, cuja cronologia antecede o registro histórico e a ele é contemporânea, constata-se que, em período mais recente, as suas ocupações são coincidentes no espaço e no tempo com as da tradição arqueológica Tupiguarani.

Na segunda metade do século XIX, José Francisco T. do Nascimento (1866:273), ao implantar picada exploratória entre Guarapuava e o rio Paraná na altura dos Saltos das Sete Quedas, colheu informações dos índios Kaingáng¹¹ sobre o extenso território que ocupavam, o qual era também disputado pelos Tupi-Guarani. Ao sugerir aos chefes tribais reunidos na margem do rio Cantu a mudança dos grupos para as proximidades de Tereza Cristina, no vale do rio Ivaí, deles ouviu que *“...elles não querem sahir donde estão acostumados e onde têm seus cemitérios [que] aquellas terras são melhores que as do Ivahy [e porque] sahindo elles daquelles lugares, os Guaranys veem tomar conta, o que não gostam, porque são seus inimigos.”*

Na área da Mina Dois Irmãos, assentamentos referentes às duas tradições arqueológicas apontam para a presença mais antiga da Itararé, mas inferem, também, sua contemporaneidade com a Tupiguarani, o que justificaria, em parte, a necessidade do sistema defensivo representado pelos fojos entre aqueles. Os indícios Itararé PR SM C-10 foram encontrados na mesma profundidade que o material do sítio PR SM 11, de Tradição Tupiguarani. Já os indícios Itararé

¹¹ Os índios Kaingáng ou Coroados pertencem ao mesmo tronco lingüístico que os Xoklém ou Botocudos.

PR SM C-9, misturavam-se aos superficiais (0-10cm) do sítio Tupiguarani PR SM 14. Neste caso, os indícios Itararé poderiam indicar ocupações da área após o abandono do sítio pelos Tupiguarani.

Associação de traços referentes às duas tradições já havia sido verificada nos sítios das fases Guajuvira e Imbituva, mas com características diferenciadas em relação a da Mina Dois Irmãos. Lá, em ambas as fases, constatou-se que houve um processo interativo (aculturativo), propiciado pela sua contemporaneidade. Isso talvez tenha ocorrido devido à presença de europeus que passaram a dominar o território, interferindo na organização tradicional dos povos indígenas e na sua territorialidade.

Com a ocupação moderna do espaço, ao qual se insere o da presente pesquisa, houve a modificação da composição étnica, dos padrões de implantação e de exploração dos recursos naturais. Além de instalações tradicionais ligadas ao beneficiamento de erva-mate existentes nos arredores da área estudada, vestígios de uma estrutura talvez relacionada ao sapeco das folhas do vegetal foram registrados nas proximidades do sítio PR SM 17, junto a uma estrada. Os restos desse possível carijo eram formados por uma placa de terra queimada, de formato elíptico, com pouco mais de 9m² (Fig. 18).¹²

Entre os resíduos depositados pela população atual sobre os sítios arqueológicos, um conjunto se destacou. Diverso dos resultantes de práticas agrícolas e atividades hospitalares ou farmacêuticas, os resíduos encontrados na estrutura subterrânea do sítio PR SM 15 correspondiam a lixo doméstico. Os fragmentos de louça faiança fina, referentes a pratos, pires, tigelas, malgas e canecas, foram os mais numerosos. As marcas identificadas nesse conjunto remetem para fábricas da Região Metropolitana de Curitiba, especialmente ao Município de Campo Largo, que as produziam na década de 1950 e princípios da seguinte (Fig. 32).

De baixo valor comercial, as louças informam sobre o modesto poder aquisitivo de seus usuários. O dístico existente em um prato, representando bandeira com a letra N, talvez esteja relacionado com alguma das empresas de navegação a vapor do rio Iguaçu.

Os frascos de vidro recuperados originalmente continham tônico, linimento e regulador menstrual, medicamentos produzidos no país e usados nas residências entre as décadas de 1930 e 1960.

¹² É conveniente mencionar, porém, que essa estrutura assemelha-se às existentes nas bases de aterros que cobriam restos de cremação de corpos, uma prática funerária dos Xoklêng e também registrada em sítios da Tradição Itararé no Paraná.

ABSTRACT: This monography describes the fieldwork carried out on the area of the Mine Dois Irmãos, county of São Mateus do Sul, Paraná state. The fieldwork aimed at rescuing the archaeological sites menaced by the schist mining from the Unidade de Industrialização do Xisto da Petrobras (Unity for the Schist Industrialization of the Petrobras Company). It also describes the methodology applied in laboratory for the study of the assemblages rescued from indigenous sites related to the Itararé and Tupiguarani traditions. According to radiocarbon datings, the Itararé tradition on this region is dated between 1150 and 920 BP and the Tupiguarani tradition between 490 and 440 BP. This chronological information permitted to compare these archaeological findings to other sites related to these two traditions located on the region of the middle Iguaçu river.

KEY-WORDS: Archaeological Rescue; Archaeology of the Iguaçu Valley; Traditions Itararé and Tupiguarani; Radiocarbon Datings.

REFERÊNCIAS

APPR (Arquivo Público do Paraná). **Ofícios de Carlos A. F. de Abreu e Joaquim F. Lopes.** AP 279.6. 71-73. Rolo 966, Flash 1, Caixa 7. 1868.

_____. **Ofício de Joaquim F. Lopes.** AP 281.8. 273-277. Rolo 966, Flash 9, Caixa 7. 1868.

BALDUS, Herbert. O culto aos mortos entre os Kaingáng de Palmas. In: **Ensaio de Etnologia Brasileira.** Brasileira. São Paulo: Editora Nacional. v. 101, p. 29-69. 1937.

_____. Terminologia de parentesco Kaingáng. **Sociologia.** São Paulo, v. 14, n. 1, p. 76-79. 1952.

BECKER, Ítala B. **O índio Kaingáng do Paraná.** Subsídios para uma etno-história. São Leopoldo: Unisinos. 344p. 1999.

BNP PARIBAS. **Do contato ao Confronto.** A conquista de Guarapuava no século XVIII. São Paulo: BNP Paribas. 143p. 2003.

BORBA, Telemaco M. Observações sobre indígenas do Estado do Paraná. **Revista do Museu Paulista.** São Paulo, v. 6, p. 53-62. 1905.

_____. **Actualidade indígena.** Curitiba: Imprensa Paranaense. 174p. 1908.

CARVALHO, Fábio. **Porcelana Brasil**. Guia de Marcas. São Paulo: All Print Editora. 143p. 2008.

CHMYZ, Igor; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S.; SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E. A arqueologia da área do Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, em Mandirituba, Paraná. **Arqueologia**. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, N. Esp. Curitiba, v. 2, p. 1-138. 2003.

CHMYZ, Igor. Subsídios para o estado arqueológico do vale do rio Iguaçu. **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, n. 1, p. 31-52. 1968a.

_____. Breves notas sobre petróglifos no segundo planalto paranaense (Sítio PR UV 5). **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, n. 1, p. 53-63. 1968b.

_____. Nota prévia sobre a jazida PR UV A-1 (63). Passo do Iguaçu. Dados arqueológicos parciais do vale do Rio Vermelho. **Revista do Museu Paulista**. N.S. São Paulo, v. 14, p. 493-512. 1963.

_____. Nota prévia sobre a jazida PR UV A-1 (62): Passo do Iguaçu. **Boletim Paranaense de Geografia**. Curitiba, n. 10/15, p. 281-296. 1964.

_____. O sítio arqueológico PR UV 1: Abrigo-sob-rocha Casa de Pedra. **Arqueologia**. Curitiba, v. 3, p. 1-42. 1967.

_____. Comentários sobre as culturas pré-cerâmicas no Estado do Paraná. **Pesquisas. Antropologia**. São Leopoldo, n. 20, p. 13-24. 1969a.

_____. Novas manifestações da Tradição Itararé no Estado do Paraná. **Pesquisas. Antropologia**. São Leopoldo, n. 20, p. 121-129. 1969b.

_____. Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi**. Belém, n. 13, p. 103-132. 1969c.

_____. Pesquisas arqueológicas no médio e baixo rio Iguaçu, Paraná. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi**. Belém, n. 15, p. 87-114. 1971.

_____. Contatos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no Estado

do Paraná, Brasil. **Hombre y Cultura**. Panamá, v. 3, n. 2, p. 5-19. 1977.

_____. **Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago (1970-80)**. Florianópolis; Curitiba: Eletrosul. 101. 1981.

FERNANDES, José L. Os Caingangues de Palmas. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, v. 1, p. 161-209. 1941.

FRANCO, Arthur M. **Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava**. Curitiba: Museu Paranaense. 270p. 1943.

HENRY, Jules. **Jungle People**. A Kaingang Tribe of the Highland of Brazil. New York: J. J. Augustin Publisher. 215p. 1941.

HICKS, David. The Kaingang and the Aweikoma: a Cultural Contrast. **Anthropos**. v. 61, p. 839-846. 1966.

IBGE. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: IBGE. 97p: mapa. 1981.

LANGER, Johnni; SANTOS, Sérgio F. Petróglifos do médio rio Iguazu, Brasil. 2007. <http://rupestreweb.tripod.com/iguazu.html>

LEÃO, Agostinho E. de. Índice Paranaense. In: LEÃO, Ermelino A. de. **Dicionário histórico e geográfico do Paraná**. Suplemento. Curitiba: Imprensa Paranaense. 215p. S.d.

LOPES, Joaquim F. **Memoria sobre a vereda mais facil da Estrada para Matto-Grosso**. Curitiba: Tipografia de Candido M. Lopes. 13p. 1871.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Curitiba; BADEP/ UFPR/IBPT. 350p. 1968.

MARTINS, Romário. O rio Iguassú e sua função civilizadora. In: MANSUR, Aziz (Org.), **Cincoentenário da navegação do Iguassú e seus afluentes**. S. Matheus, Rio Negro e U. da Victoria. São Mateus do Sul, p. 13-14. 1932.

NASCIMENTO, José F. T. do. Viagem feita pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Província do Paraná, e relações que teve com os índios coroados mais bravios daquelles lugares. **Revista Trimestral do**

Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, p. 267-281. 1866.

PARANÁ, Sebastião. **Chorographia do Paraná.** Curitiba. 741p. 1900.

PAULA, José M. de. Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo serviço de protecção aos selvícolas. In: **Anais do 20º Congresso Internacional de Americanistas.** Rio de Janeiro, v. 1, p. 117-137. 1924.

RIESEMBERG, Alvir. **A instalação humana no vale do Iguaçu.** União da Vitória: Edição do Autor. 154p. 1973.

RIVET, P.; LOUKOTKA, C. Langues de L'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A; COHEN, M. **Les Langues du Monde.** Paris: Société de Linguistique. p. 1099-1160. 1952.

SANTOS, Sílvio C. dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil.** A dramática experiência dos Xoklêng. Florianópolis: Edine. 313p. 1973.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani.** São Paulo: Epud/Edusp. 190p. 1974.

SILVA, Cleto da. **Apontamentos históricos de União da Vitória.** 1768-1933. [União da Vitória]: Edição do autor. 225p. 1933.

STADEN, Hans. Relação verídica e sucinta dos uzos e costumes dos Tupinambás. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 267-360. 1892.

TAUNAY, Alfredo de E. Viagem do Presidente ao Rio Iguassu. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 157-175. 1887.

Anexo 1. Fotos do Ambiente, Sítios, Procedimentos e Artefatos.







	
<p>Foto 1. Prospecção em área da Mina Dois Irmãos impactada pela agricultura e abertura de aceiro.</p>	<p>Foto 2. Monitoramento arqueológico realizado quando da abertura do desvio da rodovia PR-364.</p>
	
<p>Foto 3. Retirada de troncos depositados na estrutura subterrânea do sítio PR SM 10, de Tradição Itararé.</p>	<p>Foto 4. Cortes-estratigráficos e trincheiras praticadas na estrutura subterrânea do sítio PR SM 10.</p>
	
<p>Foto 5. Limpeza e demarcação da estrutura subterrânea do sítio PR SM 15, de Tradição Itararé.</p>	<p>Foto 6. Escavação em andamento na estrutura subterrânea do sítio PR SM 15.</p>



Foto 7. Limpeza do espaço ocupado pela estrutura subterrânea e aterro do sítio PR SM 16, de Tradição Itararé.



Foto 8. Cortes-estratigráficos e trincheiras abertas na estrutura subterrânea do sítio PR SM 16.



Foto 9. Limpeza da área da estrutura subterrânea A do sítio PR SM 17, de Tradição Itararé.



Foto 10. Abertura de trincheira ao lado de corte-estratigráfico na estrutura A do sítio PR SM 17.



Foto 11. Área escavada da estrutura subterrânea B do sítio PR SM 17.



Foto 12. Detalhes estratigráficos nos cortes realizados na estrutura B do sítio PR SM 17.




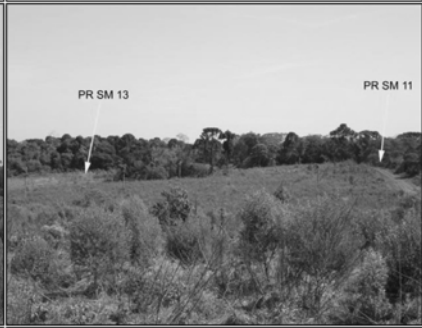
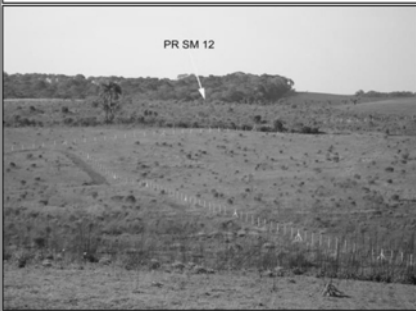

	
<p>Foto 13. Corte-estratigráfico e trincheira abertos na estrutura subterrânea do sítio PR SM 18, de Tradição Itararé.</p>	<p>Foto 14. Detalhes estratigráficos nos cortes praticados na estrutura subterrânea do sítio PR SM 19, de Tradição Itararé.</p>
 <p>PR SM 9 Concentração A Concentração B</p>	 <p>PR SM 13 PR SM 11</p>
<p>Foto 15. Vista geral do sítio PR SM 9, de Tradição Tupi-guarani, com áreas de concentração de material.</p>	<p>Foto 16. Áreas de implantação dos sítios PR SM 11 e PR SM 13, de Tradição Tupi-guarani.</p>
 <p>PR SM 12</p>	
<p>Foto 17. Área de implantação do sítio PR SM 12, de Tradição Tupi-guarani.</p>	<p>Foto 18. Exposição do piso arqueológico na área da Concentração C do sítio PR SM 11.</p>



Foto 19. Vista parcial das escavações realizadas na área da Concentração C do sítio PR SM 11.



Foto 20. Fase inicial das escavações praticadas na área da Concentração B do sítio PR SM 14, de Tradição Tupiguarani.



Foto 21. Marcação do material arqueológico de Tradição Tupiguarani resultante das diversas abordagens de campo do Projeto.



Foto 22. Preparação do material arqueológico do sítio PR SM 11: Rio das Pedras - 3, de Tradição Tupiguarani.



Foto 23. Realização de análise de material cerâmico da Tradição Tupiguarani e decalque de motivos decorativos.



Foto 24. Execução de desenhos de bordas, bojos e bases de vasilhas cerâmicas para posterior reconstituição de formas de recipientes.

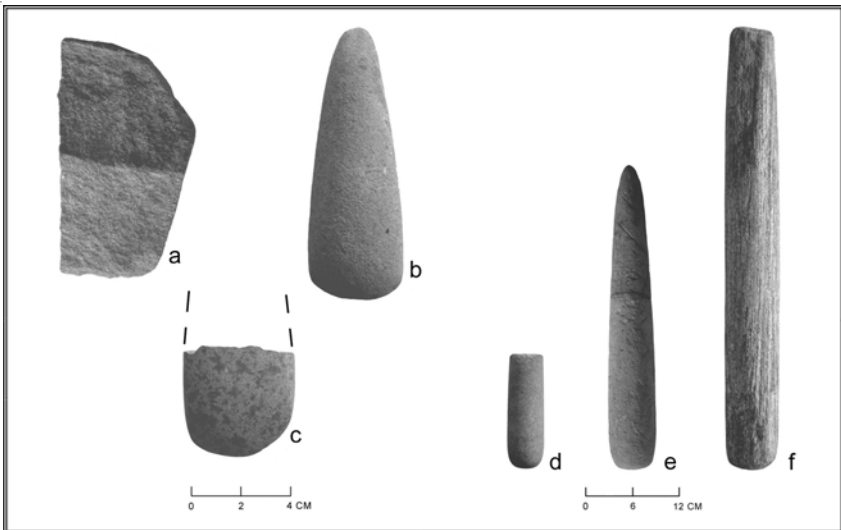


Foto 25. Peças líticas dos sítios e indícios da Tradição Itararé: a, lasca utilizada; b-f, núcleos retocados. a, talhador; b-c, lâminas de machado; d-f, mãos de pilões.

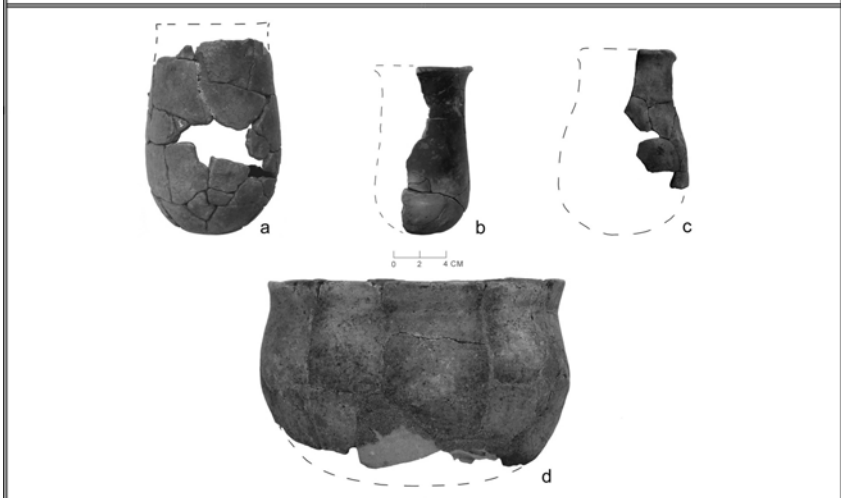


Foto 26. Recipientes cerâmicos parcialmente restaurados. a - c, Tradição Itararé; d, Tradição Tupiguarani.

<p>Foto 27. Fragmentos de bordas e bojos de recipientes cerâmicos da Tradição Tupiguarani com superfície simples.</p>	<p>Foto 28. Fragmentos de recipientes cerâmicos da Tradição Tupiguarani com engobo vermelho (a - b) e, com restos de pinturas em vermelho sobre o engobo branco (c - j).</p>
<p>Foto 29. Fragmentos de recipientes cerâmicos da Tradição Tupiguarani com decoração corrugada - unglada (a - c), corrugada-complicada (d - g), corrugada leve (h - i) e corrugada entalhada (j).</p>	<p>Foto 30. Fragmentos de recipientes cerâmicos da Tradição Tupiguarani com decoração unglada (a - e), unglada-tangente (f), entalhada (g - h), serrungulada (i) e ponteadada (j).</p>
<p>Foto 31. Modelagens cerâmicas da Tradição Tupiguarani. a - b, esferas; c - e, contas de colares.</p>	<p>Foto 32. Artefatos da Tradição Tupiguarani. a, abrasador sulcado sobre fragmento cerâmico; b, lâmina de machado.</p>

Anexo 2. Tabelas de Frequência do Material Arqueológico nos Sítios das Tradições Itararé e Tupiguarani.

Tabela 1. Material Cerâmico da Tradição Itararé.

SÍTIO	CORTE	N.º C	SIMPLES GROSSO	SIMPLES FINO	ENGOBO VERMELHO	TOTAL	%	TERRA QUEIMADA	RESTO DE PASTA
PR SM 10	SUP	4681	12	36	1	49	39,84	1	3
PR SM 10	SUP. CASA	4845	5	14	-	19	15,45	-	-
PR SM 10	SO 1=310-323	4846	-	8	-	8	6,50	-	1
PR SM 10	SO 1=323-332	4847	-	3	-	3	2,44	3	-
PR SM 10	1=310-323	4848	-	12	-	12	9,76	-	-
PR SM 10	1=323-336	4849	8	24	-	32	26,02	6	-
TOTAL			25	97	1	123		10	4
%			20,33	78,86	0,81		100%		
PR SM 16	NE 1=185-205	4852	-	1	-	1	0,62	-	-
PR SM 16	NE 1=205-225	4853	6	35	-	41	25,47	-	-
PR SM 16	NE 1=225-235	4854	2	6	-	8	4,97	4	-
PR SM 16	NE 1=235-242	4855	3	11	-	14	8,70	5	2
PR SM 16	SO 1=205-225	5011	4	16	-	20	12,42	9	-
PR SM 16	SO 1=225-235	5012	-	17	-	17	10,56	4	6
PR SM 16	SO 1=235-242	5013	5	18	-	23	14,29	7	5
PR SM 16	NO 1=225-235	5016	2	5	-	7	4,35	-	-
PR SM 16	SO 1=235-242	5017	-	3	-	3	1,86	1	-
PR SM 16	SE 1=205-225	5019	-	8	-	8	4,97	-	-
PR SM 16	SE 1=225-235	5020	-	6	-	6	3,73	-	-
PR SM 16	SE 1=235-242	5021	6	7	-	13	8,07	1	-
TOTAL			28	133	-	161		31	13
%			17,39	82,61	-		100%		
PR SM 17	A 1=155-190	4883	-	1	-	1	4,76	2	-
PR SM 17	A 1=190-210	4884	-	2	-	2	9,52	10	-
PR SM 17	A 1=210-230	4885	-	9	-	9	42,86	15	-
PR SM 17	A 1=230-250	4886	-	2	-	2	9,52	3	-
PR SM 17	B 1=206-232	4890	1	2	-	3	14,29	22	1
PR SM 17	B 1=232-257	4891	1	2	-	3	14,29	2	-
PR SM 17	B TRINH. SUL	4893	-	-	-	-	-	5	-
PR SM 17	A TRINH. SUL	4895	-	1	-	1	4,76	-	-
TOTAL			2	19	-	21		59	1
%			9,52	90,48	-		100%		
PR SM 19	1=226-260	5006	-	2	-	2	33,33	-	-
PR SM 19	1=260-328	5007	1	3	-	4	66,67	1	-
TOTAL			1	5	-	6		1	
%			16,67	83,33	-		100%		
TOTAL GERAL			56	254	1	311		101	18
%			18,01	81,67	0,32		100%		

Tabela 2. Material Lítico da Tradição Itararé.

SÍTIO	CORTE	N.º C	LASCA SIMPLES COM GROSSTA	LASCA SIMPLES EM FORMA DE CUNHA	LASCA PREPARADA	LASCA UTILIZADA	LASCA RETOCADA	MICROLASCA	MICROLASCA UTILIZADA	LÂMINA	NÓDULO	NUCLEO ESGOTADO	NUCLEO UTILIZADO	NUCLEO RETOCADO	PEDRA GRETADA	FRAGMENTO ATÍPICO	TOTAL	%
PR SM 10	SUP	4881	3	5	9	6	1	25	2	1	2	3	1	3	5	-	66	42,58
PR SM 10	SUP. CASA	4845	-	1	1	-	-	-	-	-	1	1	1	-	1	-	6	3,87
PR SM 10	SO 1=310-323	4846	-	-	1	1	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	5	3,23
PR SM 10	SO 1=323-332	4847	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,65
PR SM 10	1=310-323	4848	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	1,29
PR SM 10	1=323-336	4849	-	-	1	1	-	5	-	-	1	1	-	1	1	-	11	7,10
PR SM 16	NE 1=205-225	4853	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	3,23
PR SM 16	NE 1=225-235	4854	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	3	1,94
PR SM 16	NE 1=235-242	4855	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,65
PR SM 16	SO 1=205-225	5011	-	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	5	3,23
PR SM 16	SO 1=225-235	5012	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,65
PR SM 16	SO 1=235-242	5013	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1	4	2,58
PR SM 16	SO 1=235-242	5017	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2	-	5	3,23
PR SM 16	SE 1=225-235	5020	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,65
PR SM 16	SE 1=235-242	5021	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	2	1,29
PR SM 17	A 1=190-210	4884	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	4	5	3,23
PR SM 17	A 1=210-230	4885	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	1	-	8	12	7,74
PR SM 17	B 1=187-206	4889	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,65
PR SM 17	B 1=206-232	4890	1	-	-	-	-	-	-	-	4	-	1	-	-	4	10	6,45
PR SM 17	B 1=232-257	4891	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	6	3,87
PR SM 19	1=186-226	5005	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,65
PR SM 19	1=226-260	5006	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2	1,29
TOTAL			4	8	16	9	1	33	2	1	20	6	6	7	9	33	155	
%			2,58	5,16	10,32	5,81	0,65	21,29	1,29	0,65	12,90	3,87	3,87	4,52	5,81	21,29		100%

Tabela 3. Material Cerâmico da Tradição Tupiguarani.

SÍTIO	CORTE	N.º C	SIMPLES GROSSO																			TOTAL	%				
			SIMPLES FINO	ENGOBO VERMELHO	PINTADO	PINTADO SOBRE FACE	CORRUGADO UNGULADO	CORRUGADO LEVE	CORRUGADO COMPLICADO	CORRUGADO ESPATULADO	CORRUGADO ENTALHADO	UNGULADO	UNGULADO TANGENTE	SERRUNGULADO	PONTEADO	ENTALHADO	MARCADO COM CORDA	DIGITADO	ACANALADO	MODELAGEM							
PR SM 9	SUP	4678	185	2	4	13	-	17	-	-	-	-	1	2	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	205	29,41
PR SM 9	SUP A	4679	180	13	9	34	-	23	-	3	3	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	267	38,31
PR SM 9	SUP B	4680	127	7	13	24	-	45	-	5	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	225	32,28
	TOTAL		472	22	26	71	-	85	-	5	3	3	1	5	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	697	
	%		67,72	3,16	3,73	10,19	-	12,20	-	0,72	0,43	0,43	0,14	0,72	0,29	-	-	-	0,14	-	-	-	-	-	0,14		100%
PR SM 12	SUP	4863	101	2	3	48	1	22	6	-	1	-	4	4	3	-	2	-	-	1	1	1	-	-	195	100,00	
	TOTAL		101	2	3	48	1	22	6	-	1	-	4	4	3	-	2	-	-	1	1	1	-	-	195		
	%		51,79	1,03	1,54	24,62	0,51	11,28	3,08	-	0,51	-	2,05	1,54	-	-	1,03	-	-	0,51	0,51	0,51	-	-			100%
PR SM 13	SUP	4760	69	-	5	20	-	9	16	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	122	50,21	
PR SM 13	RASP B	4826	39	-	8	25	-	15	12	7	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	109	44,86	
PR SM 13	B 1=0-10	4827	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3	1,23	
PR SM 13	B 1=10-20	4828	4	-	1	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	3,29	
PR SM 13	B 1=20-30	4829	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,41	
	TOTAL		112	-	14	48	-	26	29	8	3	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	243		
	%		46,09	-	5,76	19,75	-	10,70	11,93	3,29	1,23	-	0,82	-	-	-	-	-	0,41	-	-	-	-	-			100%

A Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos...

SÍTIO	CORTE	N. C	SIMPLES GROSSO																TOTAL	%						
			SIMPLES FINO	ENGORO VERMELHO	PINTADO	PINTADO SOBRE FACE	CORINÁBULO UNGLADO	CORRUGADO LEVE	CORRUGADO COMPLETO	ESCOVADO	UNGLADO	UNGLADO-TANGENTE	SERRUNGULADO	INCISO	ENTALHADO	PONTEADO	RASPADO	MARCAÇÃO COM CESTARIA			MODELAGEM	ARTEFATO				
PRSM 11	SUP,A	4682	141	1	-	21	-	11	1	2	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	186	6,69
PRSM 11	SUP,B	4721	84	-	2	12	-	17	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	117	4,21
PRSM 11	B 1=6-10	4722	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	0,14
PRSM 11	B 1=10-20	4723	3	-	-	3	-	2	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	12	0,43
PRSM 11	B 2=6-10	4724	14	1	2	2	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23	0,83
PRSM 11	B 2=10-20	4725	13	-	-	2	-	3	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21	0,76
PRSM 11	C 1=6-10	4726	6	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	0,29
PRSM 11	C 1=10-20	4727	74	2	4	11	1	8	1	1	-	1	1	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	107	3,85
PRSM 11	C 2=6-10	4728	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	4	0,14
PRSM 11	C 2=10-20	4729	46	-	-	9	-	4	1	1	-	2	1	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	68	2,45
PRSM 11	C 3=6-10	4730	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,18
PRSM 11	C 3=10-20	4731	96	3	5	51	-	17	3	4	-	10	3	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	194	6,98
PRSM 11	C 4=6-10	4732	4	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,18
PRSM 11	C 4=10-20	4733	52	-	-	10	-	10	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	75	2,70
PRSM 11	C 5=6-10	4734	11	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	19	0,68
PRSM 11	C 5=10-20	4735	123	-	6	60	1	13	12	3	-	3	1	-	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	227	8,17
PRSM 11	C 6=6-10	4736	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,07
PRSM 11	C 6=10-20	4737	32	-	1	16	-	4	3	-	-	1	1	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	61	2,19
PRSM 11	C 7=6-10	4738	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0,11
PRSM 11	C 7=10-20	4739	45	-	1	11	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	61	2,19
PRSM 11	C 8=6-10	4741	22	-	1	15	-	1	2	1	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	45	1,62
PRSM 11	C 8=10-20	4742	12	-	-	4	-	2	4	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23	0,83
PRSM 11	C 9=6-10	4743	67	-	3	30	1	7	16	8	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	136	4,89
PRSM 11	C 10=6-10	4744	2	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	0,22
PRSM 11	C 10=10-20	4745	64	-	3	16	1	5	6	1	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	3,60
PRSM 11	C 11=6-10	4746	12	-	-	4	-	4	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23	0,83
PRSM 11	C 11=10-20	4747	78	3	1	32	-	10	9	5	-	3	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	144	5,18
PRSM 11	C 12=6-10	4748	10	-	1	5	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	0,68
PRSM 11	C 12=10-20	4749	45	-	3	23	-	8	8	5	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	94	3,38
PRSM 11	C 13=6-10	4750	3	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	0,22
PRSM 11	C 13=10-20	4751	51	-	2	26	-	12	10	1	-	3	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	108	3,88
PRSM 11	C 14=6-10	4752	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0,11
PRSM 11	C 14=10-20	4753	31	-	-	8	-	2	6	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50	1,80
PRSM 11	C 15=6-10	4754	7	-	4	3	-	1	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	18	0,65
PRSM 11	C 15=10-20	4755	58	-	9	17	-	7	9	4	-	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	110	3,96
PRSM 11	C TRIN. NORTE	4756	25	-	2	4	-	3	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	40	1,44
PRSM 11	C TRIN. SUL	4757	33	-	-	9	-	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	46	1,65
PRSM 11	C TRIN. LESTE	4758	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,04
PRSM 11	C TRINGLOESTE	4759	5	-	-	3	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	0,36
PRSM 11	C 16=6-10	4896	16	-	-	6	-	2	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	27	0,97
PRSM 11	C 16=10-20	4897	122	-	5	29	-	22	10	2	-	4	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	198	7,12
PRSM 11	C 17=6-10	4898	3	-	-	4	-	4	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	0,43
PRSM 11	C 17=10-20	4899	38	-	-	24	-	9	8	5	-	1	-	2	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-	90	3,24
PRSM 11	C 18=6-10	4900	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,04
PRSM 11	C 18=10-20	4901	17	-	2	9	-	5	2	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40	1,44
PRSM 11	C 19=6-10	4902	1	1	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	0,22
PRSM 11	C 19=10-20	4903	38	-	2	8	-	6	4	12	-	6	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	82	2,95
PRSM 11	C 20=6-10	4904	5	-	-	-	-	1	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	0,29
PRSM 11	C 20=10-20	4905	76	-	5	33	-	10	-	3	-	4	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	132	4,75
TOTAL			1998	12	64	541	4	225	126	70	2	62	31	10	1	7	6	1	1	12	1	2780	1	2780	100%	
%			57,48	0,43	2,30	19,46	0,14	8,09	4,53	2,52	0,07	2,23	1,12	0,36	0,04	0,25	0,22	0,04	0,04	0,43	0,04	0,04	0,04	0,04	100%	

SÍTIO	CORTE	N.º C.	SIMPLES GROSSO	SIMPLES FINO	ENGOSO VERMELHO	PINTADO	PINTADO SOBRE FACE	PINTADO REITO, SOBRE VERMELHO	CORRUGADO UNGULADO	CORRUGADO LEVE	CORNELOS COMPLICADO	CORNELOS ESPALHADO	ESCOVADO	UNGULADO	UNGULADO TANGENTE	SERRINGULADO	PONTEADO	ENTALHADO	ROLETADO	PINÇADO	MODELAGEM	TOTAL	%	
PR SM 14	SUP	4830	36	-	-	9	-	-	2	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	50	2,13	
PR SM 14	A1=0-10	4831	35	-	4	23	-	-	7	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	73	3,11	
PR SM 14	A1=10-20	4832	40	-	5	41	-	-	13	1	-	3	-	2	-	-	-	-	1	-	-	106	4,51	
PR SM 14	A2=0-10	4833	45	-	3	22	-	-	13	9	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	96	4,09	
PR SM 14	A2=10-20	4834	42	-	4	24	-	-	8	7	-	-	-	5	-	-	1	-	1	-	6	98	4,17	
PR SM 14	A3=0-10	4835	14	-	2	10	-	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32	1,36	
PR SM 14	A3=10-20	4836	46	-	23	44	-	-	11	14	-	3	-	1	3	1	1	-	2	-	3	152	6,47	
PR SM 14	A4=0-10	4837	7	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	0,43	
PR SM 14	A4=10-10	4838	10	-	-	11	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24	1,02	
PR SM 14	B 1=0-10	4839	10	-	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	15	0,64	
PR SM 14	B 1=10-20	4840	101	2	13	52	-	-	14	17	5	1	-	1	2	-	-	-	-	-	-	208	8,85	
PR SM 14	B 2=0-10	4841	10	-	-	6	-	-	1	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	20	0,85	
PR SM 14	B 2=10-20	4842	131	7	6	67	1	-	33	23	8	1	-	7	-	-	-	-	-	3	287	12,21		
PR SM 14	B 3=0-10	4843	1	-	1	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	0,26	
PR SM 14	B 3=10-20	4844	128	-	9	62	-	-	25	34	2	3	-	3	-	-	-	-	1	-	2	269	11,45	
PR SM 14	B 4=0-10	4857	5	-	2	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	0,60	
PR SM 14	B 4=10-20	4858	98	4	13	37	2	-	28	10	5	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	200	8,51	
PR SM 14	C 1=0-10	4859	10	-	1	12	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	25	1,06	
PR SM 14	C 1=10-20	4860	31	-	2	18	-	-	11	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	65	2,77		
PR SM 14	B 5=0-10	4862	2	-	1	7	-	-	4	4	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	19	0,81	
PR SM 14	B 5=10-20	4863	23	-	3	8	1	1	2	2	2	-	-	1	-	-	-	-	-	1	13	57	2,43	
PR SM 14	C 2=0-10	4864	35	-	4	17	-	-	2	-	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	64	2,72	
PR SM 14	C 2=10-20	4865	13	-	1	4	-	-	3	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	25	1,06	
PR SM 14	A 5=0-10	4866	37	-	4	24	-	-	9	7	3	1	-	2	1	-	-	-	-	-	-	88	3,74	
PR SM 14	A 5=10-20	4867	119	-	5	40	-	-	22	12	1	5	-	1	-	-	-	-	-	2	287	8,81		
PR SM 14	A 6=0-10	4868	42	-	3	17	1	-	5	9	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	80	3,40		
PR SM 14	A 6=10-20	4869	15	-	3	19	-	-	1	1	-	1	-	2	-	-	1	-	-	-	-	43	1,83	
PR SM 14	C 3=0-10	4870	1	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5	0,21		
PR SM 14	C 3=10-20	4871	4	-	-	6	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	12	0,51	
TOTAL			1091	13	112	599	5	1	221	159	34	22	1	34	8	2	3	1	5	1	38	2350		
%			46,43	0,55	4,77	25,49	0,21	0,04	9,40	6,77	1,45	0,94	0,04	1,45	0,34	0,09	0,13	0,04	0,21	0,04	1,62		100%	

SUMÁRIO

RESUMO	1
INTRODUÇÃO	1
AMBIENTE	4
REFERÊNCIAS ETNO-HISTÓRICAS	4
Os Antecessores	4
Os Sucessores.....	21
REFERÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS	34
PROJETO DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO	40
Os Antecedentes da Pesquisa.....	40
O Planejamento.....	41
A Metodologia de Campo.....	41
As Etapas de Campo.....	43
As Atividades de Laboratório.....	46
A Metodologia de Laboratório.....	46
RESULTADOS	48
A Tradição Itararé.....	48
A Tradição Tupiguarani.....	87
A Ocupação Histórica Recente e o Impacto Causado aos Sítios Arqueológicos.....	113
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	117
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	
1. Fotos do Ambiente, Sítios, Procedimentos e Artefatos	137
2. Tabelas da Frequência do Material Arqueológico nos Sítios das Tradições Itararé e Tupiguarani	143

